

FACULDADES EST  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO

ALLAN RENATO HOFFMANN

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA DO TEMA “ESPIRITUALIDADE NAS EMPRESAS”  
À LUZ DE UMA COMPREENSÃO TEOLÓGICA SOBRE ESPIRITUALIDADE  
FUNDAMENTADA NO PENSAMENTO DO TEÓLOGO PAUL TILLICH

São Leopoldo

2009

ALLAN RENATO HOFFMANN

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA DO TEMA “ESPIRITUALIDADE NAS EMPRESAS”  
À LUZ DE UMA COMPREENSÃO TEOLÓGICA SOBRE ESPIRITUALIDADE  
FUNDAMENTADA NO PENSAMENTO DO TEÓLOGO PAUL TILLICH

Dissertação de Mestrado

Para obtenção do grau de Mestre em  
Teologia  
Faculdades EST  
Programa de Pós-Graduação  
Teologia Prática

Orientador: Lothar Carlos Hoch

São Leopoldo

2009

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

H711r Hoffmann, Allan Renato

Revisão bibliográfica do tema “Espiritualidade nas empresas” à luz de uma compreensão teológica sobre espiritualidade fundamentada no pensamento do teólogo Paul Tillich / Allan Renato Hoffmann ; orientador Lothar Carlos Hoch. – São Leopoldo : EST/PPG, 2009.

115 f.

Dissertação (mestrado) – Escola Superior de Teologia. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2009.

1. Administração de empresas – Aspectos religiosos.  
2. Tillich, Paul (1886-1965). 3. Espiritualidade. I. Hoch, Lothar Carlos. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

## **BANCA EXAMINADORA**

**1º Examinador:** \_\_\_\_\_  
**Prof. Dr. Lothar Carlos Hoch (Presidente)**

**2º Examinador:** \_\_\_\_\_  
**Prof. Dr. Valério Guilherme Schaper (EST)**

**3º Examinador:** \_\_\_\_\_  
**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Geni de Sales Dornelles (UFRGS)**

*A minha querida e amada esposa,  
Edilce Feiden Hoffmann.*

## AGRADECIMENTOS

Meus sinceros agradecimentos:

a Deus, pela Graça e pela fé, pela presença e amor incondicionais,  
a minha família Hoffmann e a minha família Feiden que, de longe e de perto  
permanecem junto a mim, apoiando-me em todos os momentos,  
a minha querida e amada esposa, Edilce Feiden Hoffmann, pelo amor que sustenta  
nossa relação em todos os momentos, por sua compreensão e cumplicidade,  
aos professores e funcionários da Faculdades EST, pelos serviços prestados e bom  
atendimento,  
aos colegas de graduação Alessandro Bartz, Ezequiel de Souza e Dilceu Witzke pela  
leitura e reflexão teológica ao longo da trajetória acadêmica,  
à Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil – IECLB, por ser um espaço de  
comunhão, aprendizagem, acolhida, sustentabilidade e edificação na fé cristã,  
ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, pela  
bolsa de estudos e manutenção concedida durante o curso de mestrado.

## RESUMO

A pesquisa é baseada em uma revisão bibliográfica sobre o tema “espiritualidade nas empresas”, buscando identificá-lo em sua relevância à luz de uma compreensão teológica sobre espiritualidade. A pesquisa restringe-se ao tema “espiritualidade nas empresas” no contexto brasileiro, tendo como material bibliográfico de revisão as revistas *Exame*, *Revista da Escola Superior de Propaganda e Marketing* e *Revista Gv-Executivo*, além de artigos selecionados na Internet. O primeiro capítulo consiste na revisão exploratória do tema “espiritualidade nas empresas”, em nível conceitual, buscando compreender sua relevância e intencionalidades no contexto empresarial. No segundo capítulo, com base no pensamento do filósofo e teólogo Paul Tillich (1886-1965) desenvolve-se uma compreensão sobre espiritualidade como escopo e alvo da *efetivação da vida na dimensão do espírito humano*, segundo os princípios de integração, criatividade e transcendência da vida e sua efetivação nos atos morais, culturais e religiosos do ser humano, constituindo-se como uma “espiritualidade integral”. Nas considerações finais, são retomados os principais pontos do primeiro e do segundo capítulos, procurando identificar algumas das possibilidades e limitações do tema “espiritualidade nas empresas” desde uma perspectiva teológica.

**Palavras-chave:** espiritualidade, empresas, Paul Tillich

## ABSTRACT

The research concerns a bibliographic analysis about the theme “spirituality within enterprises” and seeks to comprehend it, in its relevance, through a theological view on spirituality. The research is restricted to the theme of “spirituality within enterprises” in the Brazilian context, and the bibliographic material of revision consists of the magazines *Exame*, *Revista da Escola Superior de Propaganda e Marketing* e *Revista Gv-Executivo*, in addition to some articles from the Internet. The first chapter comprises an exploratory revision about the theme “spirituality within enterprises” in terms of conceptions and seeks to comprehend its relevance and intentionality in the business arena. In the second chapter, based on the thoughts of the theologian and philosopher Paul Tillich (1886-1965), we develop a comprehension about spirituality as a scope and as an aim of the effectuation of life in the dimension of the human spirit, according to the principles of integration, creativeness and transcendency of life, and its effectuation in the moral, cultural and religious acts of the human beings; an “whole spirituality” is constituted. In the conclusion, the main ideas from the first and second chapters are recalled in order to raise some possibilities and limitations of spirituality within enterprises through a theological perspective.

**Key-words:** spirituality, enterprises, Paul Tillich



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>1 ESPIRITUALIDADE NAS EMPRESAS: UMA ABORDAGEM EXPLORATÓRIA</b>	<b>13</b>
1.1 Contexto do tema “espiritualidade nas empresas” .....	13
1.2 As espiritualidades contemporâneas .....	16
1.2.1 <i>Ocultismo e Magia</i> .....	16
1.2.2 <i>A Mediação Oriental</i> .....	17
1.2.3 <i>Movimentos Religiosos Comunitários</i> .....	18
1.2.4 <i>Sensibilidade diante da dimensão transcendente da experiência</i> .....	19
1.3 O Neoliberalismo Econômico e a teologia do Mercado.....	21
1.4 A emergência da espiritualidade nas empresas.....	24
1.5 Espiritualidade nas empresas: relevância e concepções.....	27
1.5.1 <i>Revista de Administração de Empresas</i> .....	27
1.5.2 <i>Revista da Escola Superior de Propaganda e Marketing – ESPM</i> .....	28
1.5.2.1 O espírito das empresas.....	28
1.5.2.2 A virtude paga bons dividendos?.....	29
1.5.2.3 Indicadores da empresa sem e com alma .....	29
1.5.2.4 Nova Era e negócios .....	30
1.5.2.5 Convergências e divergências sobre a espiritualidade nas empresas .....	31
1.5.3 <i>Revista Exame</i> .....	34
1.5.3.1 Deus Ajuda? O Tema da Espiritualidade no Mundo Corporativo .....	34
1.5.3.2 Inteligência Espiritual (QS).....	35
1.5.4 <i>Revista Treinamento e Desenvolvimento</i> .....	38
1.5.5 <i>Fascículo Profissionalização – Banco do Brasil</i> .....	40
1.6 Espiritualidade nas empresas: relevância e intencionalidades.....	41
1.6.1 <i>Práxis social, performance organizacional e proselitismo religioso</i> .....	41
1.6.2 <i>Espiritualidade para relações normativas</i> .....	43
1.6.3 <i>Humanização empresarial</i> .....	44
1.6.4 <i>A razão de ser da empresa</i> .....	45
1.6.5 <i>Uma atitude estratégica</i> .....	46

1.6.6 Investimento na imagem da empresa .....	47
1.6.7 Magia no Trabalho.....	48
1.6.8 Espiritualidade e gestão organizacional.....	49
1.7 Resultados Preliminares .....	51
<b>2 ESPIRITUALIDADE: A EFETIVAÇÃO DA VIDA NA DIMENSÃO DO ESPÍRITO HUMANO .....</b>	<b>53</b>
2.1 Ontologia tillichiana.....	57
2.1.1 Estrutura ontológica básica: a relação entre eu e mundo .....	57
2.1.2 Individualização e participação.....	59
2.1.3 Dinâmica e forma.....	60
2.1.4 Liberdade e destino .....	63
2.2 O confronto com o não-ser e a pergunta por Deus .....	64
2.3 A unidade multidimensional da vida.....	66
2.4 O espírito humano: poder de vida com sentido .....	68
2.5 A efetivação da vida e os elementos da estrutura ontológica .....	72
2.6 Auto-efetivação da vida.....	74
2.6.1 Integração da vida na dimensão do espírito humano .....	76
2.6.2 Criatividade da vida na dimensão do espírito humano.....	80
2.6.2.1 Linguagem e ato técnico .....	80
2.6.2.2 Teoria: cognição e estética .....	82
2.6.2.3 Práxis: atos pessoais e comunitários.....	83
2.6.3 Transcendência da vida na dimensão do espírito humano .....	83
2.7 Teonomia: a síntese de cultura e religião na consciência de sentido .....	86
2.8 Espiritualidade: a efetivação da vida na unidade de moral, cultura e religião .....	90
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>97</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>106</b>

## INTRODUÇÃO

Ao que tudo indica, a relação entre espiritualidade e empresas é um fenômeno mundial, com origem nos Estados Unidos a partir da década de 1980.<sup>1</sup> Entre os *best-sellers* norte-americanos que relacionam o tema da espiritualidade com a administração de empresas, destacam-se os livros “O Monge e o Executivo” e “Como se Tornar um Líder Servidor”, de James C. Hünter, dentre uma ampla literatura em *websites* especializados no assunto, como o *Spiritry in Bussiness*<sup>2</sup>, o *Spirituality at Work*<sup>3</sup> e o *Journal of Management, Spirituality, and Religion*, da *Academy of Management, Pace University, New York*.<sup>4</sup>

No contexto brasileiro, as reflexões sobre a espiritualidade nas empresas começaram a ficar mais explícitas ao final da década de 1990, em revistas de administração e negócios, como *Revista T&D* (1997 e 1998); *Revista Você S.A.* (1999) e *Revista Exame* (2001 e 2002). Em 2007, as reflexões começaram a ganhar espaço em revistas acadêmicas, como na *Revista da Escola Superior de Propaganda e Marketing – ESPM*<sup>5</sup> – e na *Revista de Administração de Empresas – RAE*<sup>6</sup> – da Fundação Getúlio Vargas.<sup>7</sup>

---

<sup>1</sup> BERTERO, Osmar Carlos. A Permanência da Religião. **GV-Executivo**. Espiritualidade e Gestão. São Paulo, v. 6, n. 6, p. 66, nov. 2007. KIVITZ, 2006, p. 54.

<sup>2</sup> Disponível em: <<http://www.spiritinbusiness.org/new/content/home.php>>. Acesso em 12 fev. 2008.

<sup>3</sup> Disponível em: <<http://www.spiritualityatwork.com/home.shtml>>. Acesso em 12 fev. 2008.

<sup>4</sup> VASCONCELOS, Ferreira Anselmo. Espiritualidade no Ambiente de Trabalho: Muito Além do Fad-Management? **Revista da ESPM**. Espiritualidade nas Empresas. São Paulo, v. 14, ed. n. 1, p.112, jan. 2007. Disponível em: <<http://www.aomonline.org/>>. Acesso em 12 fev. 2008.

<sup>5</sup> Disponível em: <<http://www.espm.br/ESPM/pt/Home/Global/Publicacoes/RevistadaESPM/2007/janeirofevereiro.htm>>. Acesso em: 29 jan. 2008.

<sup>6</sup> Disponível em: <<http://www.rae.com.br/executivo/index.cfm?FuseAction=Principal&Volume=6&numero=6&Ano=2007>>. Acesso em: 29 jan. 2008.

<sup>7</sup> Em ordem decrescente em relação ao ano de publicação, destacam-se dezesseis das principais publicações brasileiras que vinculam o tema da espiritualidade às empresas: “Espiritualidade Organizacional” (Rubens Fava e Claudino Gilz, 2008); “Espiritualidade no Ambiente de Trabalho” (Anselmo F. Vasconcellos, 2008); “Gestão e Espiritualidade” (Afonso Murad, 2007); “Espiritualidade no Trabalho” (Gregory Pierce, 2006); “A Espiritualidade do Sucesso” (Vicente M. Roazzi, 2005); “Dinheiro, Trabalho e Espiritualidade” (Osho B.S.R., 2005); “Como Integrar Liderança e Espiritualidade: A Visão Espiritual das Pessoas e das Organizações” (Daniel Burkhard e Jair Moggi, 2004); “Inteligência Espiritual: Espiritualidade nas

O tema é expressivo em artigos e reflexões publicadas na Internet Brasileira, em *websites* de revistas de administração e negócios e de consultorias empresariais.<sup>8</sup> Também tem sido objeto de pesquisas acadêmicas, a exemplo da pesquisa conjunta de Armênio Rego, Solange Souto e Miguel Cunha, “*Espiritualidade nas Organizações, Positividade e Desempenho*”<sup>9</sup>, da pesquisa de Ed René Kivitz, intitulada “*Espiritualidade no Mundo Corporativo...*”<sup>10</sup>, e da pesquisa de Eliete Kunrath, intitulada “*A Espiritualidade e a Gestão das Empresas no Século XXI*”.<sup>11</sup>

O presente trabalho limita-se a uma revisão bibliográfica do tema “espiritualidade nas empresas”, constituindo-se de uma abordagem exploratória nas revistas *T&D* (1997/1998); *Você S.A.* (1999), *Exame* (2001/2002), *Revista da ESPM* (2007) e *Revista de Administração de Empresas* (2007) e de algumas considerações ao tema desde um olhar teológico. A revisão bibliográfica é apresentada no primeiro capítulo, sendo precedida de uma breve aproximação ao contexto sócio-político, econômico e religioso em que surge o tema “espiritualidade nas empresas”, considerando a emergência de novos paradigmas sociais, as espiritualidades contemporâneas e o Neoliberalismo Econômico como um movimento ideológico presente no universo empresarial capitalista. Ao final do primeiro capítulo, são tecidas algumas considerações de cunho sistemático objetivando clarear o tema “espiritualidade nas empresas” em nível conceitual, procurando identificar sua ideologia.

No segundo capítulo, é desenvolvida uma compreensão teológica sobre espiritualidade de acordo com o filósofo e teólogo Paul Tillich (1886-1965), no horizonte de sua compreensão sobre as funções de integração, criatividade e transcendência da vida na

---

Organizações” (Vitorio C. M. de Arruda, 2005); “Emprego e Espiritualidade” (João Elias, 2003); “Espiritualidade na Empresa” (Alkíndar de Oliveira, 2001); “Empresa com Alma” (Francisco G. de Matos, 2001); “Os Métodos de Administração de Jesus” (Bob Briner, 2001); “Espiritualidade Para Pessoas de Negócios” (Claude Sakes, 1999); “Espiritualidade no Trabalho e nos Negócios” (Kathleen Hawkins, 1999); “A Empresa Feliz” (Francisco G. de Matos, 1998); “A Riqueza Espiritual no Ambiente de Trabalho” (Alan Briskin, 1997); “Endoquality: As Dimensões Emocionais e Espirituais do Ser Humano nas Organizações” (Ken O’Donell, 1997) e “O Redespertar Espiritual no Trabalho” (Jack Hawley, 1995). Disponível em: <<http://www.livrariacultura.com.br/>>. Acesso em: 12 fev. 2008.

<sup>8</sup> Disponível em: <<http://www.elosbrasil.org.br/>>. Acesso em: 29 jan. 2008.

<sup>9</sup> REGO, Armênio; SOUTO, Solange; CUNHA, P. Miguel E. *Espiritualidade nas Organizações, Positividade e Desempenho. Revista Eletrônica de Administração de Empresas*, v. 6, n. 1, jan.-jun. 2007. Disponível em: <[http://www.rae.com.br/eletronica/index.cfm?FuseAction=Artigo&ID=3840&Secao=ARTI\\_GOS&Volume=6&nNumero=2&Ano=2007](http://www.rae.com.br/eletronica/index.cfm?FuseAction=Artigo&ID=3840&Secao=ARTI_GOS&Volume=6&nNumero=2&Ano=2007)>. Acesso em 30 jan. 2008.

<sup>10</sup> KIVITZ, Ed René. *Espiritualidade no Mundo Corporativo: aproximações entre a prática religiosa e a vida profissional*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2007. Disponível em: <[http://ibict.metodista.br/tedeSimplificado/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=593](http://ibict.metodista.br/tedeSimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=593)>. Acesso em: 30 jan. 2008.

<sup>11</sup> KURATH, Eliete. *A Espiritualidade e a Gestão das Empresas no Século XXI*. Novo Hamburgo: Centro Universitário Feevale, 2003.

dimensão do espírito humano, efetivas nos seus atos morais, culturais e religiosos. Num primeiro momento, é desenvolvida a ontologia compreendida por Tillich em sua concepção de vida, de espírito humano, e da *teonomia* como a síntese de cultura e religião na consciência de sentido. Os temas “moral”, “cultura” e “religião” perpassam o capítulo e são desenvolvidos na perspectiva de sua unidade indissolúvel, como uma *espiritualidade integral*.

Nas considerações finais são retomados os principais pontos do primeiro e do segundo capítulos, verificando algumas das possibilidades e limitações do tema “espiritualidade nas empresas” desde uma perspectiva teológica.

## 1 ESPIRITUALIDADE NAS EMPRESAS: UMA ABORDAGEM EXPLORATÓRIA

Num primeiro momento, o presente capítulo situa o contexto em que emerge o tema “espiritualidade nas empresas”, apresentando algumas das concepções contemporâneas sobre espiritualidade e os pressupostos ideológicos do capitalismo contemporâneo. O objetivo do capítulo é identificar o tema “espiritualidade nas empresas” em nível conceitual. Para isso, questiona-se as concepções, intencionalidades e relevância do tema no contexto empresarial, verificando que ideologias estruturam o tema.

### 1.1 Contexto do tema “espiritualidade nas empresas”

O período contemporâneo tem sido marcado por um fomento à mudança de mentalidade e de paradigmas em favor de uma nova cosmovisão sobre a realidade, na superação da cosmovisão mecanicista e da *razão instrumental*.<sup>12</sup> Fomenta-se uma cosmovisão dinâmica, sistêmica e unificada da vida organizada em rede, onde o mundo é visto como organismo vivo e a existência de todas as coisas e fenômenos são interpenetrantes e interdependentes, numa realidade complexa e dinâmica. É o *paradigma emergente* na apreensão de uma realidade povoada de sentido e significado, de relações mais profundas, com espaço aberto à subjetividade e à intersubjetividade; à inspiração, à empatia, à

---

<sup>12</sup> O termo *razão instrumental* se refere àquele usado por Max Horkheimer, no contexto da teoria crítica da Escola de Frankfurt, designando uma racionalidade operacional que busca obter conhecimento pelo domínio e controle da natureza e dos seres humanos, como meios para obtenção de determinados fins – meios com quais se é capaz de gerar tecnologia e valores financeiros sem preocupar-se com a dimensão corporal, afetiva e das inter-relações humanas – tornando-se um instrumento de poder, dominação e exploração na ideologia cientificista: “*tendo cedido em sua autonomia, a razão tornou-se um instrumento. No aspecto formalista da razão subjetiva, sublinhada pelo positivismo, enfatiza-se a sua não-referência a um conteúdo objetivo; em seu aspecto instrumental, sublinhado pelo pragmatismo, enfatiza-se a sua submissão a conteúdos heterônomos. A razão tornou-se algo inteiramente aproveitado no processo social. Seu valor operacional, seu papel de domínio dos homens e da natureza tornou-se o único critério para avaliá-la*”. HORKHEIMER, Max. **Eclipse da Razão**. São Paulo: Centauro, 2007, p. 29. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Raz%C3%A3o\\_instrumental](http://pt.wikipedia.org/wiki/Raz%C3%A3o_instrumental)>. Acesso em: 03 nov. 2008.

solidariedade, com consciência ética nas relações humanas, na preservação ecológica, na vida que se vive em redes. Nesta cosmovisão, ciência e espiritualidade não são contraditórias, mas complementares.

Nas áreas da Saúde e Educação, p. ex., a espiritualidade tem sido resgatada juntamente com conceitos anteriormente negados pela razão instrumental, como ternura, afetividade e subjetividade, tornando-se também um recurso terapêutico para a cura. Na Saúde, a espiritualidade tem se destacado a partir da constatação de que a fé é fundamental no processo de restauração e cura, estando relacionada diretamente com a redução de ingestão de substâncias tóxicas e psico-ativas; com a redução da ansiedade, da depressão, da ira e com o enfrentamento dos problemas, resultando em maior satisfação com a vida, maior bem estar, altruísmo, auto-estima e melhora da qualidade de vida.<sup>13</sup>

Na Educação, fomenta-se a construção conjunta do conhecimento, valorizando a experiência em meio a descobertas e investigações nas quais os alunos são os protagonistas e sujeitos de seu aprendizado.<sup>14</sup> A espiritualidade participa da aquisição do conhecimento na medida em que o sujeito se apropria do patrimônio moral, cultural e religioso que lhe é ofertado. Os sonhos e motivações integram a curiosidade epistemológica do sujeito que apreende a realidade de forma existencialmente significativa, emancipando-se como sujeito de seu aprendizado.<sup>15</sup> Entre os pensadores da Educação que defendem o paradigma emergente está Edgar Morin, articulando a necessidade de se conceber um processo epistemológico no qual se tenha consciência dos erros, das ilusões e das cegueiras paradigmáticas que impedem o ser humano de reconhecer as limitações da razão e da ciência e sua incapacidade de produzir um conhecimento Absoluto sobre a realidade. Segundo Morin, a “possessão por determinadas idéias” – como o conjunto de mitos, verdades, dogmas, e paradigmas que povoam a consciência e realidade humana, domesticando o pensamento e submetendo os indivíduos à limitação da incompreensão de si mesmos – é o desafio posto à Educação, armando cada pessoa para a lucidez.<sup>16</sup> Argumentando uma ética da compreensão humana e da consciência de sua complexidade como *Homo Complexus*, Edgar Morin defende o “bem

---

<sup>13</sup> BENSON, Herbert; STARK, Marg. **Medicina Espiritual: o poder essencial da cura.** Rio de Janeiro: Campus, 1998, p. 158ss. MONTEIRO, Dulcinéia da Mata Ribeiro. Espiritualidade e Saúde na Sociedade do Espetáculo. **O mundo da Saúde**, São Paulo, p.202-213, abr. 2007.

<sup>14</sup> RESTREPO, Luiz Carlos. **O Direito À Ternura.** Petrópolis, Vozes, 2001, p. 9-60. BORGES, Regina Maria Rabello. Além do Cognitivo. **Educação**, Porto Alegre, n. 46, ano XXV, p. 249-263, 2002.

<sup>15</sup> ASSMANN, Hugo. **Curiosidade e prazer de aprender: o papel da curiosidade na aprendizagem significativa.** Petrópolis: Vozes, 2004, p. 185-227.

<sup>16</sup> MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2000, p. 19-30.

pensar” que permite ao ser humano compreender as condições objetivas e subjetivas que determinam os sujeitos; defende a introspecção como auto-exame crítico na compreensão de si e via para se compreender o outro; defende a abertura subjetiva em relação ao outro e a interiorização da tolerância para a compreensão da condição humana terrestre e cósmica, em sua unidade multidimensional e diversidade, qual se desenvolve para além do mundo físico e vivo, para um lugar onde reside a plenitude da humanidade.<sup>17</sup>

Outro expoente deste novo paradigma civilizatório, no qual a espiritualidade ganha campo fértil, é Fritjof Capra. Citando pesquisas do antropólogo David Gilmore, Capra constata que em muitas culturas a masculinidade está estreitamente vinculada à idéia de força e poder masculino. Consequentemente, nestas culturas, quem produz mais servindo aos outros é “mais homem”. Segundo Capra, com o tempo esta imagem foi re-significada: se antes a força estava vinculada à produção e serviço aos outros, na sociedade industrial a idéia de força se vincula à posse e ao bem estar de si próprio, com poder exercido não mais em favor de, mas sobre os outros. Tão logo, o “grande homem” é o que tem mais posses, o mais bem sucedido e quem exerce maior influência sobre as outras pessoas em uma sociedade patriarcal, incentivada pela idéia de expansão e competição, com consciência centrada em objetos. Uma sociedade impregnada da razão instrumental.<sup>18</sup>

Ao desafiar esta forma de pensamento, dois grandes movimentos mundiais – o ecológico e o feminista – articulam uma transformação de mentalidade: baseando-se na substituição das idéias de expansão por preservação, de competição por cooperação e de uma consciência centrada em objetos por uma consciência centrada nas relações, o movimento feminista busca redefinir os valores e as relações entre os sexos, e do ser humano com a natureza, na construção de uma compreensão sistêmica e integrada sobre a realidade.

Estimulando o pensamento sistêmico, o movimento ecológico prega a transição de uma economia baseada em bens para uma economia de serviço e fluxo, ou de “emissão zero”. Nesta nova economia sustentável, os resíduos se transformam em novos recursos e fontes de renda, criando novas oportunidades de emprego, revitalizando as comunidades locais e contribuindo significativamente para uma mudança cultural em relação à obsessão pelo consumo material:

---

<sup>17</sup> MORIN, 2000, p. 47-61.

<sup>18</sup> CAPRA, Fritjof. **O Sentido das Coisas**. São Paulo: Cultrix, 2002. Disponível em: <<http://www.humanas.unisinos.br/info/antropos/sentidodascoisas.doc>>. Acesso em 29 jan. 2008.



É assim que a ascensão da consciência feminista e o movimento pela sustentabilidade ecológica associam-se para provocar uma profunda mudança do pensamento e dos valores – dos sistemas lineares de extração de recursos e acumulação de produtos e resíduos para os fluxos cíclicos de matéria e energia; da fixação nos objetos e nos recursos naturais para a fixação nos serviços e nos recursos humanos; da busca da felicidade através dos bens materiais para o encontro da mesma felicidade nos relacionamentos calorosos. Nas palavras eloqüentes de David Suzuki: “a família, os amigos, a comunidade – são essas as maiores fontes de amor e de alegria que temos enquanto seres humanos. Nós visitamos nossos familiares, mantemos contato com nossos professores prediletos, trocamos amabilidade com os amigos. Levamos a cabo projetos árduos para ajudar os outros, salvar uma espécie de rã ou proteger uma área de mata virgem, e nesse processo descobrimos uma grande satisfação. Encontramos nossa realização espiritual na natureza ou ajudando aos outros. Nenhum desses prazeres nos obriga a consumir coisas tiradas da Terra, mas todos eles nos satisfazem profundamente. São prazeres complexos, e nos aproximam muito mais da felicidade verdadeira do que os prazeres simples, como o de tomar uma Coca-Cola ou comprar uma nova caminhonete.”<sup>19</sup>

Estas breves reflexões dão uma idéia do contexto de mudança de paradigmas em que emerge o tema “espiritualidade nas empresas”. Por outro lado, também é preciso considerar algumas das concepções sobre espiritualidade que possam incidir sobre o tema. Neste caso, antes de entrar numa descrição exploratória do tema, proponho uma breve abordagem sobre as espiritualidades contemporâneas.

## 1.2 As espiritualidades contemporâneas

As espiritualidades contemporâneas podem ser visualizadas, basicamente, em quatro eixos: **a)** no recurso ao ocultismo e na magia; **b)** no interesse pela mediação oriental; **c)** nos movimentos religiosos comunitários e **d)** na sensibilidade diante da dimensão transcendente da experiência.<sup>20</sup>

### 1.2.1 *Ocultismo e Magia*

No ocultismo, se manifesta uma espiritualidade voltada à magia e à astrologia em diferentes linhas, como no recurso ao horóscopo, na quiromancia, no culto aos astros, na auto-ajuda e na mística. O recurso ao ocultismo surge como uma proliferação de novas magias que tentam descortinar o mistério dos problemas individuais entre a vida e a morte.<sup>21</sup> Entretanto,

---

<sup>19</sup> CAPRA, 2002, p. 4.

<sup>20</sup> FIORES, Stefano de; GOFFI, Tullo. (Org). **Dicionário de Espiritualidade**. São Paulo: Paulinas, 1989, p. 340.

<sup>21</sup> FIORES; GOFFI, 1989, p. 341.

a magia não tem nada de mística. Trata-se de um sistema organizado para se compreender intelectualmente o mundo, fundamentado em princípios puramente racionais com a idéia de que os fatos e o fenômenos são invariáveis e previsíveis, sem a intervenção de forças sobrenaturais. A magia pressupõe a ação regular e mecânica da natureza, julgando-se capaz de conhecer e interferir nela a partir da compreensão sobre as leis fundamentais que regem sua regularidade.<sup>22</sup>

### ***1.2.2 A Mediação Oriental***

Os recursos a uma espiritualidade oriental estão estreitamente ligados à valorização da dimensão corporal e cósmica do ser humano.<sup>23</sup> Segundo Colin Campbell, o Ocidente está sofrendo um processo de orientalização. Em síntese, a tese de Campbell é de que o “monismo” do paradigma cultural oriental tem substituído o “dualismo” do paradigma cultural ocidental. No Oriente, preserva-se uma unidade entre o ser humano, a natureza, o físico e o espiritual. Na antropologia ocidental, o ser humano é segregado em relação à natureza e à esfera espiritual pela dualidade entre corpo e espírito, baseado na idéia de controle da natureza para garantir a sua sobrevivência, valendo-se de um pensamento racional e de uma abordagem analítica para solução dos problemas. A ciência e a tecnologia são as principais esperanças de um futuro melhor para o ser humano ocidental.<sup>24</sup>

A evidência do processo de orientalização do Ocidente, segundo Campbell, não está propriamente nas práticas religiosas orientais que têm invadido o ocidente ou na adesão à cultura oriental através do cultivo de seus valores e virtudes, mas na mudança de crença da população ocidental: a fé no Deus pessoal e criador e a crença em Jesus Cristo como Seu Filho é substituída pela fé em algum tipo de espírito superior ou força vital. Por outro lado, a fé no céu, inferno e na ressurreição é substituída pela fé que pressupõe alguma relação desta vida com uma outra forma de existência, substituindo a idéia de ressurreição pela idéia de reencarnação.<sup>25</sup>

---

<sup>22</sup> MONTERO, Paula. **Magia e Pensamento Mágico**. São Paulo: Editora Ática, 1986, p. 21.

<sup>23</sup> FIORES; GOFFI, 1989, p. 342.

<sup>24</sup> CAMPBELL, Colin. A Orientalização do Ocidente: Reflexões Sobre uma Nova Teodicéia Para um Novo Milênio. **Religião e Sociedade**, v. 18, n. 1, 1997, p. 8.

<sup>25</sup> CAMPBELL, 1997, p. 10.

### ***1.2.3 Movimentos Religiosos Comunitários***

Falar em movimentos religiosos comunitários no contexto brasileiro é falar sobre uma pluralidade religiosa, em sua maioria composta por cristãos, dentre alguns poucos judeus, budistas, islâmicos e raros hindus. As religiões afrodescendentes e as filosofias de vida, como o Espiritismo Kardecista, se compõem num cenário de trânsito e sincretismo religioso, em meio a crenças populares, num país de dimensões continentais e de diversas culturas, que se denomina cristão.

No cristianismo, p. ex., paralelamente aos movimentos religiosos tradicionais de igrejas históricas e de missão, há uma disseminação de grupos religiosos de renovação evangelical e carismática, com ênfase na oração emotiva, no êxtase, na expulsão de demônios, nas manifestações do Espírito Santo na forma de glossolalia e de curas, revivendo formas de espiritualidade da Igreja Primitiva. Há movimentos com ênfase na prosperidade econômica como bênção divina e há movimentos comunitários “segundo a medida humana, de liturgia doméstica, de evangelização e religiosidade popular, de leitura bíblica, de consciência do estado de violência institucionalizada e de luta pela libertação”, por exemplo.<sup>26</sup>

No Brasil, os movimentos religiosos comunitários assumem algumas características muito peculiares, a exemplo da Teologia da Libertação, com ênfase na opção pelos pobres, marginalizados e oprimidos; da Teologia da Prosperidade, com ênfase nos bens materiais como sinônimo de bênção divina, e das religiões afro-brasileiras, como o Batuque, o Candomblé e a Umbanda, como movimentos religiosos institucionalizados, influenciados pelo contexto histórico, sócio-cultural, político e econômico em que surgem.

De outro lado, há movimentos religiosos à margem das grandes religiões, como a Nova Era, numa busca por religiosidades não convencionais, resistentes aos dogmas, ritos religiosos tradicionais e às religiões institucionalizadas. Nesta busca, há uma sensibilidade mística e esotérica que reconstrói os valores morais, culturais e religiosos tradicionais, formando uma malha religiosa e um labirinto de trânsito religioso sincrético, no qual o indivíduo é divinizado ao lado de Deus, estando no indivíduo a força capaz de reestruturar a saúde, a vida afetiva, econômica, social, como sugere a ampla literatura de auto-ajuda.<sup>27</sup>

---

<sup>26</sup> FIORES; GOFFI, 1989, p. 342.

<sup>27</sup> SIQUEIRA, Deis. O labirinto religioso ocidental. Da religião à espiritualidade. Do institucional ao não convencional. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 23, n. 2, p. 425-462, 2008.

### *1.2.4 Sensibilidade diante da dimensão transcendente da experiência*

Esta forma de espiritualidade se caracteriza pela abertura humana ao transcendente a partir da experiência, com forte sentimento de solidariedade e firme convicção em relação a uma forma de vida superior, não interpretada em termos dogmáticos, mas acompanhadas de elementos religiosos. Esta forma de espiritualidade é percebida nos grupos de ação que defendem a mudança social e a preservação ecológica, e nos grupos terapêuticos que promovem a libertação e a espontaneidade criadora das pessoas, bem como nos grupos políticos que lutam por mudanças radicais na ordem social.<sup>28</sup>

Nesta forma de espiritualidade, a transcendência é descrita como sentimento de união, sentido de totalidade, saída de si mesmo, vida purificada e renovada, satisfação e gozo, experimentando o envolvimento com uma realidade superior transcendente, algo maior que o indivíduo e a comunidade. Segundo esta espiritualidade, a abertura ao transcendente é constitutiva do ser humano.<sup>29</sup>

A impressionante mudança da espiritualidade, demonstrada pelos fenômenos aqui mencionados e por outras experiências religiosas [...] constitui uma forte crítica contra a sociedade unidimensional, demasiado racionalizada e dominada pela idéia do progresso, da funcionalidade e do desenvolvimento econômico. Evidencia a necessidade religiosa do homem que corre o risco de ver-se obnubilado pela tecnologia, e lembra que 'ser homem não se reduz a produzir nem a servir de demiurgo que funcionaliza, manipula, projeta e transforma. Ser homem significa também saber escutar o mistério das coisas, contemplar a realidade, encontrar a unidade com a natureza e com o homem, refletir sobre o sentido do homem através de gestos e de ritos simbólicos'.<sup>30</sup>

Nestes quatro eixos das espiritualidades contemporâneas, constata-se a existência de basicamente cinco formas de espiritualidades contemporâneas: **1)** espiritualidade como opção fundamental e horizonte significativo da existência; **2)** espiritualidade como experiência de Deus; **3)** espiritualidade como compromisso no mundo; **4)** espiritualidade libertadora e **5)** espiritualidade comunitária.<sup>31</sup> No horizonte destas linhas, atribui-se espiritualidade a toda pessoa que esteja aberta ao mistério da vida e viva segundo estas dimensões. Nestas condições, a espiritualidade é “prerrogativa das pessoas autênticas que, em face do ideal e da

<sup>28</sup> FIORES; GOFFI, 1989, p. 342.

<sup>29</sup> FIORES; GOFFI, 1989, p. 343.

<sup>30</sup> FIORES; GOFFI, 1989, p. 343.

<sup>31</sup> FIORES; GOFFI, 1989, p. 346-354.

história, constataram uma escolha axiológica decisiva, fundamental e unificante, capaz de dar sentido definitivo à existência”.<sup>32</sup>

Na espiritualidade como opção fundamental e horizonte significativo da existência, constata-se uma espiritualidade acima da adesão a determinada confissão religiosa, fundamentada na renúncia ao egoísmo e na abertura ao amor, na busca por um sentido mais profundo e último na própria existência. Esta forma de espiritualidade se caracteriza como uma dimensão religiosa do ser humano na busca do sentido da vida, se mantendo aberto às respostas que possam comovê-lo profundamente.<sup>33</sup>

A espiritualidade como experiência de Deus se caracteriza pela experiência da presença do Deus vivo; uma experiência não objetivável de Deus, como experiência metafísica, antropológica, e histórico-salvífica do completamente Novo que irrompe na história. Uma experiência da imanência e transcendência do Deus vivo e presente.<sup>34</sup> A espiritualidade como compromisso com o mundo implica no amor a Deus e ao mundo, com uma a idéia contrária à de reclusão, caracterizando-se pelo comprometimento humano na construção de um mundo melhor.<sup>35</sup>

A espiritualidade da libertação se constitui, basicamente, na conversão ao próximo e na luta contra a injustiça institucionalizada nas condições de opressão social. Caracteriza-se pela celebração histórica do mistério pascal de Cristo como *locus* do nascimento de uma nova sociedade, e é vivida com gratidão, alegria e esperança na força do Espírito Santo de Deus e nas promessas de Cristo para o êxodo libertador na história.<sup>36</sup>

A espiritualidade comunitária designa uma vivência em comunhão para a superação do individualismo cartesiano. Nesta espiritualidade, compreende-se que o verdadeiro ser é um ser social que se realiza e se desenvolve no relacionamento e no encontro com o outro. Pressupõe a aceitação incondicional entre os sujeitos, a gestão de conflitos, o intercâmbio de experiências e a união como símbolo de um universo redimido.<sup>37</sup>

Só poderão sobreviver – e unicamente – as espiritualidades que levam em conta a responsabilidade do homem, que atribuem valor à existência material, ao mundo técnico e, em geral, à história. Deverão morrer as espiritualidades de evasão, as

<sup>32</sup> FIORES; GOFFI, 1989, p. 346.

<sup>33</sup> FIORES; GOFFI, 1989, p. 347.

<sup>34</sup> FIORES; GOFFI, 1989, p. 349-350.

<sup>35</sup> FIORES; GOFFI, 1989, p. 351.

<sup>36</sup> FIORES; GOFFI, 1989, p. 352-353.

<sup>37</sup> FIORES; GOFFI, 1989, p. 353-355.

espiritualidades dualistas. Num sentido geral, acho que as formas de espiritualidade incapazes de considerar a dimensão histórica do homem haverão de sucumbir sob a pressão da civilização técnica.<sup>38</sup>

Estes quatro eixos das espiritualidades contemporâneas e as suas cinco linhas permitem compreender a complexidade e enraizamento cultural e religioso do tema espiritualidade e a dificuldade em se estabelecer uma definição conceitual sobre o termo, como bem aponta André Drogers.<sup>39</sup> Por sua vez, o tema da espiritualidade nas empresas não deverá estar imune a este quadro de concepções sobre espiritualidade, porém assume características que lhe são peculiares no contexto empresarial.

### 1.3 O Neoliberalismo Econômico e a teologia do Mercado

O Neoliberalismo Econômico consiste em um movimento ideológico que apresenta três principais características: **a)** apologia à globalização da economia e relativização das fronteiras nacionais, enfraquecendo a política estatal e sua intervenção e regulação do Mercado; **b)** revolução tecnológica e desapropriação do capital privado no fomento ao capital intelectual e **c)** o deslocamento do bloco econômico hegemônico do Oceano Atlântico para o Oceano Pacífico.<sup>40</sup> As articulações do Neoliberalismo Econômico em favor da privatização e abertura do comércio internacional com a eliminação da intervenção estatal visam a livre circulação de capitais, de bens e de serviços entre as nações e a privatização dos serviços públicos, suprimindo os sindicatos trabalhistas e desintegrando todas as formas de associação que sejam independentes das instituições comerciais.<sup>41</sup>

O Neoliberalismo Econômico legitima a sociedade burguesa, deslegitimando as sociedades socialistas e propondo à sociedade que assuma as suas limitações humanas tanto no campo do conhecimento quanto no da ação sócio-política, deixando por conta do Mercado a solução dos problemas sociais. Segundo o Neoliberalismo, a busca consciente do bem da sociedade através da superação dos problemas sociais e econômicos é um ato de soberba que acaba piorando os problemas já estabelecidos. Nesta visão, o Mercado toma o lugar do ser humano como sujeito na história. O Mercado é capaz de trazer felicidade às pessoas por meio

<sup>38</sup> RICOEUR, Paul. Tâches de l'éducateur politique. "Espírito", jul. 1995. In: FIORES; GOFFI, 1989, p. 355.

<sup>39</sup> DROGERS, André. Espiritualidade: o problema da definição. *Estudos Teológicos*, v. 23, n. 2, 1983. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, p. 11-128.

<sup>40</sup> RIBEIRO, de Oliveira Cláudio. Lo que un cristiano necessita saber sobre la teología de la prosperidad. *Caminhando*, v. 12, n. 19, jan.-jun. de 2007, p. 45,46.

<sup>41</sup> KIVITZ, 2007, p. 97.

de sua capacidade de suprir os desejos consumistas da sociedade. Tão logo, a fé no Mercado fundamenta a esperança para a resolução dos problemas sociais, com a idéia de que a liberdade se encarna no Mercado Livre: “e quem é contra o capitalismo, é contra a liberdade e não tem fé no poder da liberdade, que se torna realidade no mercado livre”.<sup>42</sup>

A tentativa de trazer o céu para a terra, invariavelmente, produz o inferno. [...] A dor, o sofrimento, a injustiça e a sua prevenção, eis os eternos problemas da moral pública, a ‘agenda’ da política pública. Os valores mais elevados, deveriam ser considerados em ampla medida como ‘fora da agenda’ e deixados ao domínio do *laissez-faire*.<sup>43</sup>

Conforme Jung Mo Sung, estes argumentos neoliberais são tautológicos e baseados na fé, sem razão científica; é um pensamento teológico e não econômico; é uma esperança religiosa na solução dos problemas sócio-econômicos pela intervenção mágica do Mercado, sem intervenção consciente dos sujeitos humanos. O precursor desta utopia religiosa do Mercado foi Adam Smith, considerado o pai do liberalismo econômico. Adam Smith compreendia o Mercado como um agente autônomo, suprapersonalizado e místico, capaz de regular a vida social com a ajuda de seu principal aliado – o egoísmo – compreendido como a Providência de uma “mão invisível” capaz de regular o Mercado, distribuindo a riqueza e levando felicidade às pessoas de acordo com sua capacidade de consumo.<sup>44</sup> Nessa mentalidade, a humanização é medida pelo consumo e, no espaço do Mercado-Sagrado, o sujeito é reconhecido ou não pelo seu poder de consumo, no espaço em que a vida se realiza existencialmente no hedonismo.<sup>45</sup>

A proposta central do Neoliberalismo Econômico é tornar o Mercado o único coordenador da divisão social do trabalho, sem contar com uma inteligência central para isso. Para o Neoliberalismo, o Mercado evolui naturalmente e vai sofrendo modificações em uma coordenação inconsciente, com produção determinada pelo consumismo. As necessidades básicas de quem não tem poder aquisitivo de compra não são objetos do Mercado. Logo,

<sup>42</sup> MO SUNG, Jung. **Deus Numa Economia Sem Coração**. Pobreza e Neoliberalismo: um desafio à evangelização. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 57.

<sup>43</sup> POPPER, R. Karl. **A sociedade aberta e seus inimigos**, vol. 2, 3ª ed., São Paulo: Itatiaia-USP, 1987, p. 245, In: MO SUNG, 1992, p. 56. A expressão francesa *laissez-faire*, literalmente, significa “deixar passar”, “deixar ir”, “deixar fazer”.

<sup>44</sup> BARTOLI, Jean. **Espiritualidade na Dissociedade Supercapitalista: impasses e alternativa**. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: Tese de Doutorado em Ciências da Religião, 2008, p. 276.

<sup>45</sup> MO SUNG, 1992, p. 58-66.

“desaparece na antropologia capitalista o ser humano com necessidades e surge o ser humano consumidor com desejos a serem satisfeitos pelas empresas”.<sup>46</sup>

A lógica do consumismo dita que “ter” é condição para “ser”. Nessa lógica a economia é excludente porque é competitiva e positivista, com ênfase na quantidade e na eficiência, onde a performance empresarial e a demanda de produtividade são os imperativos para a sobrevivência das organizações. O espírito que move a lógica do Capitalismo Neoliberal é um espírito de acumulação infinita de capital, de desejo de consumo e de ostentação como sentido último na vida.<sup>47</sup> A afirmação de que, na antropologia capitalista, o ser humano com necessidades é substituído por um ser consumidor e de desejos fica bem expressa em um pequeno texto do norte americano neoliberal Tom Palmer, ao defender que o Mercado se baseia na capacidade do ser humano em se colocar no lugar do outro:

Quando são encurralados no campo da economia, os inimigos do capitalismo costumam deslocar seus argumentos para a ética, como se economia e ética fossem não apenas separáveis, mas inimigas. Alegam que, no sistema de livre mercado, as pessoas se preocupam apenas com a vantagem que podem tirar uma das outras. Não há moralidade nas trocas comerciais, nem compromisso algum com aquilo que nos faz humanos, isto é, nossa capacidade de considerar não apenas aquilo que é vantajoso para nós, mas o que é certo e o que é errado, o que é moral e o que é imoral. É difícil imaginar uma afirmação mais falsa. [...] O Mercado [...] também baseia-se na capacidade que os homens têm de se colocar no lugar do outro, de levar em consideração não apenas o próprio desejo, mas o desejo alheio. O dono de um restaurante que não se importa com a vontade dos seus clientes não permanecerá aberto por muito tempo. Se os clientes passam mal, ou se a comida não lhes agrada, eles não voltam e o dono vai à falência. O mercado dá os incentivos para que os participantes se coloquem na posição do outro, para que considerem quais são os desejos alheios e para que tentem ver as coisas como as outras pessoas vêem as coisas.<sup>48</sup>

Tom Palmer afirma que o amor e a amizade não são fundamentos da sociedade humana, mas que o fundamental é a cooperação e a troca que torna o amor e a amizade os frutos do benefício mútuo. Segundo Palmer, o Mercado permite haver cooperação entre estranhos, possibilitando a caridade, o amor e a amizade através das trocas que ultrapassam as fronteiras e, segundo Palmer, esta é a superioridade moral do Mercado:

<sup>46</sup> MO SUNG, 1992, p. 69,70.

<sup>47</sup> DORNELLES, Geni de Salles. **Metagestão**. A Arte do Diálogo nas Organizações. São Paulo: Saraiva, 2006, p. 26; MO SUNG, Jung. **Capitalismo, pecado estrutural e a idolatria**. Disponível em: <[http://www.bomlider.com.br/artigos\\_ver.php?tp=4&cod=388](http://www.bomlider.com.br/artigos_ver.php?tp=4&cod=388)>. Acesso em 30 nov. 2007.

<sup>48</sup> PALMER, Tom G. A Superioridade Moral do Mercado. **Revista do XXI Fórum da Liberdade**. Agora, o Mercado é o Mundo. Edição Pós-Evento. Porto Alegre: Instituto de Estudos Empresariais, 2008, p. 37. Disponível em: <[http://www.ordemlivre.org/tpalmer-a\\_superioridade\\_moral\\_do\\_mercado](http://www.ordemlivre.org/tpalmer-a_superioridade_moral_do_mercado)>. Acesso em 10 jun. 2008.



A mais elementar fundação da sociedade humana não é o amor, nem mesmo a amizade. Amor e amizade são os frutos de benefício mútuo através da cooperação, seja em grupos grandes ou pequenos. Se esse auxílio mútuo não fosse possível, o que é bom para Pedro seria ruim para Paulo, e vice-versa. Pedro e Paulo jamais poderiam cooperar um com o outro. Não poderiam ser colegas nem amigos. É o mercado que permite haver cooperação mesmo entre aqueles que não se conhecem pessoalmente, que não compartilham da mesma religião ou língua, e que talvez nunca se darão conta da existência do outro. São os ganhos potenciais advindos do comércio estruturado sobre direitos de propriedade bem definidos e juridicamente seguros que possibilitam haver caridade entre estranhos e amor e amizade através das fronteiras. Essa é a superioridade moral do mercado.<sup>49</sup>

#### 1.4 A emergência da espiritualidade nas empresas<sup>50</sup>

David Cohen afirma que um dos indicativos do aumento da busca por espiritualidade no contexto corporativo é o crescente mercado de palestras sobre o tema, associado a um crescimento de 120% da oferta de títulos sobre religião e espiritualidade no mercado brasileiro, passando de 3,4 mil títulos vendidos em 1992, para 7,5 mil em 2000, com um aumento de, aproximadamente, 20 milhões de livros sobre religião e espiritualidade em relação a 1990, num crescimento de mais de 60% na década.<sup>51</sup>

Laura Nasch – professora de ética da Universidade de Harvard, nos EUA – percebe que, de modo geral, a origem do fenômeno relaciona-se a três motivos: **1)** ao rompimento da idéia de controle e mecanismo pela legitimação de uma visão mais integrada da realidade; **2)** a um movimento mundial pela ética e valores humanos e **3)** ao processo de aquisição de maior autonomia por parte dos colaboradores. Laura cita três níveis em que se dá a espiritualidade nas empresas: no “espacial”, onde se dá o proselitismo religioso; no de “religião catalítica”, composto pelo discurso ético e práticas de oração e meditação permeadas de objetivos onde se dá a proliferação de discursos bonitos e vazios que rebaixam a espiritualidade a um modismo

<sup>49</sup> PALMER, 2008, p. 37.

<sup>50</sup> No sistema de buscas Google, encontra-se, aproximadamente, 1.180.000 referências para “spirituality in business”; 804.000 referências para “spirituality in management”; 415.000 referências para “spirituality at work”; 131.000 referências indiretas para “espiritualidade nas empresas” e 1.440 referências diretas para “espiritualidade nas empresas”. Os números sinalizam que o tema tem sido discutido em nível mundial, inclusive pautado nas discussões sobre a economia global, como no Fórum Econômico Mundial. KIVITZ, René. **Outra Espiritualidade**. São Paulo: Mundo Cristão, 2006, p. 219. BOFF, Leonardo. **Espiritualidade**. Um Caminho de Transformação. Rio de Janeiro: Sextante, p. 09-11.

<sup>51</sup> “(...) de uns cinco anos para cá é que eu entendi que existe um mercado ávido por palestras de espiritualidade”, afirma Nilton Bonder, rabino carioca. COHEN, David. Deus Ajuda? O tema da espiritualidade está tomando conta do mundo corporativo...**Exame**. São Paulo, ed. 758, p. 29, jan. 2002.

de gestão empresarial; no nível da “fundação”, na tentativa de empreender a espiritualidade segundo a cosmovisão e a sabedoria das instituições religiosas milenares.<sup>52</sup>

Para Francisco Gracioso, presidente da Escola Superior de Propaganda e Marketing – ESPM – o fenômeno deve-se a uma quebra de contrato por parte das empresas com seus funcionários e se estabelece numa tentativa de as empresas recriarem laços de identidade com seus executivos. Até a década de 1980, havia um acordo tácito de que os empregados se entregariam à corporação e em troca ela cuidaria deles a vida inteira. As empresas romperam esse contrato e, como consequência, perderam a lealdade de seus executivos. Segundo Francisco Gracioso, “essa onda de espiritualidade e ação social é, consciente ou inconscientemente, uma tentativa de as empresas recriarem laços de identidade com seus executivos”.<sup>53</sup>

Outros autores, a exemplo de Patrícia Aburdene, listam uma série de fatores que podem estar relacionados ao surgimento do movimento da espiritualidade no mundo corporativo: a busca por sentido; a reavaliação de valores; o funcionalismo sobrecarregado; o abandono da ética em troca de resultados a curto prazo; a desordem e a violência no contexto do trabalho, dentre vários outros fatores no horizonte de uma quebra de paradigmas.<sup>54</sup>

Paul Wong associa o fenômeno a uma instabilidade empresarial vinculada ao aumento do estresse e da exigência por produção, à insatisfação e ao aumento da incidência de depressão e de esgotamento no trabalho, à poluição ambiental e à crise energética, aos comportamentos anti-éticos de corporações, à tecnologia desumanizante, à violência no local de trabalho e à dissolução de instituições tradicionais, como a escola e a família.<sup>55</sup>

Segundo Anselmo F. Vasconcelos, a espiritualidade nas empresas sugere uma quebra de paradigmas no contexto empresarial na tentativa de transformar o local de trabalho num fórum onde as pessoas possam se desenvolver de forma integral. A espiritualidade é um assunto que está se inserindo no local de trabalho para muito além de uma simples tendência. Segundo Vasconcelos, a sociedade ocidental foi incapaz de harmonizar as várias dimensões humanas, provocando a sensação de um profundo vazio existencial e de insatisfação e frustração pessoal, num ambiente inseguro, instável e atormentado pelos processos e

---

<sup>52</sup> COHEN, 2002, p. 25-29.

<sup>53</sup> COHEN, 2002, p. 26.

<sup>54</sup> KIVITZ, 2007, p. 55.

<sup>55</sup> KIVITZ, 2007, p. 55

mudanças tecnológicas que tornaram obsoleto o próprio ser humano. O autor afirma que “quanto mais materialistas nos tornamos, mais desesperada e neurótica se torna nossa busca pela satisfação espiritual”.<sup>56</sup>

Ed René Kivitz apresenta algumas questões que, possivelmente, têm construído um novo ambiente corporativo no qual emerge a espiritualidade:

1) *A superação do modelo taylorista/fordista de estruturação do trabalho* como reação à submissão estrutural do trabalho ao capital.<sup>57</sup>

2) *A substituição da física mecanicista e do paradigma newtoniano-cartesiano pela ecologia profunda ou paradigma holístico*, baseado nas “ciências da vida”, com uma nova cosmovisão sobre a realidade e novos modelos de gestão.<sup>58</sup>

3) *O desencantamento do mundo* e o esvaziamento de sentido como conseqüências da desmagificação ou desendeusamento do mundo. *A secularização*, como emancipação do mundo em relação aos axiomas e dogmas das religiões e o *fracasso do projeto da modernidade* de um mundo utópico – idealizado por uma percepção objetiva, racional, cognoscível, Positivista, Iluminista da realidade – fadada pela produtividade como critério de valor e pela massificação e manipulação das pessoas numa angustiante incomunicabilidade, atrofia dos sentimentos e poluição ecológica.<sup>59</sup>

4) O surgimento de uma “espiritualidade naturalizada” na sociedade pós-moderna, privada, livre e autônoma em relação às religiões e aos dogmas, baseada no amor à vida e na identificação dos seres humanos entre si e com o mundo, num processo de transformação do *self* que permite uma relação com o sagrado e o transcendente em contextos secularizados, não religiosos, como no caso do contexto empresarial.<sup>60</sup>

<sup>56</sup> VASCONCELOS, 2007, p. 112.

<sup>57</sup> No modelo taylorista/fordista de concepção do trabalho, baseado no paradigma mecanicista de compreensão da realidade, o trabalhador torna-se mais uma peça na engrenagem da empresa que efetua tarefas mecânicas e repetitivas. Trata-se de uma desantropomorfização do trabalho, na qual o ser humano trabalhador é compreendido apenas como mais um recurso de produção. KIVITZ, 2007, p. 57-62.

<sup>58</sup> KIVITZ, 2007, p. 62-66.

<sup>59</sup> KIVITZ, 2007, p. 66-70.

<sup>60</sup> Alguns autores, como Solomon, defendem de forma tão veemente uma espiritualidade autônoma em relação às instituições religiosas que chegam a desvincular a idéia de espiritualidade da concepção de um deus criador e mantenedor da vida: “Deixem-me dizer de uma vez por todas no início deste livro, espiritualidade não significa a crença no Deus judaico-cristão-islâmico e não se restringe a ela, e crença em Deus não constitui espiritualidade. Não há dúvida de que, para a maioria dos judeus, cristãos e muçulmanos, a crença em Deus é um componente essencial da espiritualidade. Ainda assim, não é necessário ser religioso – muito menos pertencer a uma religião organizada – para ser espiritual. Todos conhecemos pessoas que se afirmam e se acreditam devotas, mas são tão desprovidas de espiritualidade quanto um copo vazio”. SOLOMON, Robert. **Espiritualidade para Céticos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 18,19. KIVITZ, 2007, p. 70-74.

Outro fator que pôde contribuir para um anseio de uma experiência espiritual no contexto do trabalho e dos negócios se deve à geração *baby boomer* – geração de pessoas nascidas em um contexto anormal de crescente natalidade, como no pós-guerra de 1945 – como uma geração de pessoas que chegam à meia-idade com suas questões existenciais e seus questionamentos em relação ao seu legado às novas gerações, bem como sobre seus valores deixados ao longo da carreira profissional. Talvez o sentido evocado pelo confronto com a previsibilidade da própria morte, tenha sido uma das contribuições para a busca de uma espiritualidade por parte desta geração.<sup>61</sup>

Para o consultor Marco Aurélio Vianna, a espiritualidade nas empresas é uma evolução do humanismo e de um movimento paralelo surgido nos anos 70, “que faz o ser humano se levantar contra a máquina dizendo: o espaço primordial é meu”.<sup>62</sup> Segundo Vianna, esse movimento ganha expressão porque o ser humano não está feliz: “estamos estressados, com baixa qualidade de vida, com muitas injustiças sociais [...]”.<sup>63</sup>

## **1.5 Espiritualidade nas empresas: relevância e concepções**

### ***1.5.1 Revista de Administração de Empresas***

Segundo Carlos Osmar Bertero, o apelo à espiritualidade no contexto empresarial indica uma limitação e uma insatisfação com a vida organizacional como ela se apresenta. Argumenta que a espiritualidade cristã pode ser um meio de suavizar, harmonizar e humanizar o ambiente corporativo – onde a tendência é o predomínio da competição e de impulsos agressivos – além de oferecer respostas que, apesar de não soarem racionais, têm um forte apelo ao ser humano. Bertero não tem dúvidas de que a espiritualidade no contexto empresarial pode servir muito bem à performance da empresa. Também acredita que é inegável que a espiritualidade possa ser um instrumento de manipulação das pessoas. Mas comunga da idéia de que muitas pessoas necessitam da espiritualidade para enfrentar a vida e a morte, assim como a rivalidade administrativa do dia-a-dia.<sup>64</sup>

---

<sup>61</sup> KIVITZ, 2007, p. 74.

<sup>62</sup> NEVES, Carlos. Espiritualidade nas Empresas... **T&D**. São Paulo, ed. 64, p. 31, abr. 1998.

<sup>63</sup> NEVES, 1998, p. 31

<sup>64</sup> BERTERO, O. Carlos. A Permanência da Religião. **GV-Executivo**, São Paulo, v. 6, n. 6, p. 64-68, nov. 2007.

Segundo Jean Bartoli, a espiritualidade pode contribuir significativamente para o contexto empresarial. Ela não é um caminho para a felicidade, mas pode amparar as situações intelectualmente confusas e eticamente contraditórias.<sup>65</sup>

### ***1.5.2 Revista da Escola Superior de Propaganda e Marketing – ESPM.***

#### **1.5.2.1 O espírito das empresas**

Celso Nucci argumenta que o desenvolvimento da consciência se torna cada vez mais indispensável no contexto empresarial. Em sua visão, o que vai quebrar a rigidez e o duro materialismo do desenvolvimento tecnológico vigente nas empresas é a conscientização de que todos somos habitantes do mesmo planeta, de que o planeta tem sido maltratado – inclusive pelas empresas – de que as desigualdades sociais devem ser trabalhadas para tornar o mundo mais justo e de que o microcosmo de cada empresa é formado por seres humanos que devem se realizar e ser felizes também no trabalho, caracterizando esta conscientização como uma espiritualidade simples e fundamental.<sup>66</sup>

Essa espiritualidade simples e fundamental não deve ser confundida com religiosidade. Ela reúne a vida material com a vida emocional, a matéria com o espírito, acolhe a convivência de cada pessoa com o Divino, seja qual for sua expressão religiosa. Estimula a solidariedade, o sentimento de justiça, a sensação de pertencimento a uma sociedade fraterna e harmônica. Não tem nada a ver com conteúdo e prática religiosa, seja católica, protestante, budista, maometana ou outra qualquer. A eventual escolha de uma religião é exercício do livre arbítrio de cada indivíduo e em nada se relaciona com as empresas. Juntar religiões dentro da empresa pode gerar desarmonia.<sup>67</sup>

O autor defende uma espiritualidade simples e sutil que coloque o ser humano em primeiro lugar, abolindo o autoritarismo e a desinformação, estimulando a criatividade e a afetividade. Essa espiritualidade, segundo o autor, melhora a convivência, o desempenho pessoal, a produtividade e o desempenho das empresas, levando as pessoas a um envolvimento forte e natural com a empresa, num crescimento e desenvolvimento integral, sem a separação entre vida pessoal e profissional.

---

<sup>65</sup> BARTOLI, Jean. Espiritualidade e Conhecimento. **GV-Executivo**, São Paulo, v. 6, n. 6, p. 74-78, nov. 2007.

<sup>66</sup> NUCCI, Celso. Espiritualidade das (nas) Empresas. **Revista da ESPM**. São Paulo, v. 14, p. 28-34, jan. 2007.

<sup>67</sup> NUCCI, 2007, p. 32.

Segundo Nucci, através dessa espiritualidade as pessoas sentem que a empresa é realmente fruto de seu trabalho, de sua colaboração, de sua criatividade. Esse grau de envolvimento com a empresa repercute na sua preocupação com a sociedade e o meio ambiente. Quando essa preocupação compromete os funcionários com ações de responsabilidade social e ecológica, então socializa-se e amplia-se a vivência dessa espiritualidade simples e sutil, entranhada com a Terra e seus habitantes. Nessa forma de espiritualidade, os parâmetros éticos adotados pela empresa passam a ser compartilhados e vividos ativamente. O ambiente de trabalho passa a ser amigo e acolhedor em uma comunidade que respeita as diferenças vivendo e promovendo uma vida mais simples, em solidariedade e fraternidade.

#### 1.5.2.2 A virtude paga bons dividendos?

Em uma tentativa de conceituação sobre espiritualidade nas organizações, Francisco Gracioso defende que – mais do que tentar associar a empresa ao sobrenatural – a espiritualidade na empresa consiste na adoção e prática de valores éticos e morais que transcendem os objetivos puramente comerciais, embora possam influenciá-los. Estes valores são o respeito ao ser humano, a transparência nas ações e a responsabilidade social na consolidação de valores culturais para o bem comum.<sup>68</sup>

#### 1.5.2.3 Indicadores da empresa sem e com alma

Para Francisco Gomes de Matos, a empresa com alma pode ser definida como aquela que busca resultados pela valorização humana explicitada por meio da competência e da espiritualidade. Afirma que a incompetência é a matriz da injustiça social que desmoraliza a fé gerando a aridez do espírito. Segundo sua concepção, empresa competente é a que tem consciência de sua alma expressa nos valores existenciais que compõem sua identidade cultural. Na dimensão espiritual, as motivações transcendem a materialidade, sem excluí-la.

São comuns as distorções conceituais sobre a visão espiritual e suas aberrações na prática das organizações. Exercita-se, freqüentemente, uma espiritualidade sem Deus – um sentimentalismo sem alma. Pratica-se o ritualismo – a dramaturgia do

---

<sup>68</sup> GRACIOSO, Francisco. A Virtude (quem diria) Paga Bons Dividendos. **Revista da ESPM**. São Paulo, v. 14, n. 1, p. 52-57, jan. 2007.

sentimento e a retórica – a palavra colorida e vazia, para efeito de manipulação da vontade.<sup>69</sup>

Matos critica uma espiritualidade sem Deus, usada como instrumento de gestão e manipulação da vontade alheia no estímulo à produtividade e na busca por resultados meramente econômicos. Segundo Matos, a empresa sem alma se caracteriza em: **1)** cultura fechada e egocêntrica; **2)** poder autoritário e dominador; **3)** fragmentação do poder; **4)** lucro obsessivo sem sentido social; **5)** manipulação das consciências; **6)** competição predatória; **7)** burocratização e rigidez regulamentar; **8)** flexibilidade caótica por crises de comando, de comunicação e de relacionamentos; **9)** idolatria da razão; **10)** inibição à liberdade criativa; **11)** frieza e inflexibilidade; **12)** miopia estratégica com foco a curto prazo; **13)** espiritualidade doentia com estímulo à produtividade e camuflada pelo marketing do sentimentalismo, resultante na espiritualidade sem Deus.

Já a empresa com alma, segundo Matos, se caracteriza em: **1)** cultura aberta, comunicativa, fomentadora da criatividade, liberdade e decisão; **2)** consciência de missão, em função de valores e verdades comuns; **3)** liderança integrada; **4)** senso ético; **5)** visão e ação estratégica; **6)** relacionamento cordial, solidário, afetivo, sem coação; **7)** felicidade na realização do trabalho; **8)** espiritualidade: superação dos limites na direção de um bem superior, transcendente, expressando o que de mais superior existe no ser humano.<sup>70</sup>

#### 1.5.2.4 Nova Era e negócios

A antropóloga Lívia Barbosa descreve o fenômeno religioso da Nova Era como uma religiosidade marcada por uma espiritualidade imanente, sem a noção de transcendência divina. Segundo Barbosa, esta visão de espiritualidade faz um casamento perfeito com alguns princípios básicos do capitalismo taylorista, como a noção de desempenho e responsabilidade individual, e, por outro lado, casa com uma noção de permanente mudança e transformação, perfeitamente adequada à reformulação produtiva do capitalismo contemporâneo.<sup>71</sup>

<sup>69</sup> MATOS, Gomes Francisco. Indicadores da Empresa com e sem Alma. **Revista da ESPM**. São Paulo, v. 14, n. 1, p. 70-74, jan. 2007. Francisco Gomes de Matos é consultor e conselheiro da PUC-RJ, membro diretor da Academia Brasileira de Ciência da Administração.

<sup>70</sup> MATOS, 2007, p. 73.

<sup>71</sup> BARBOSA, Lívia. Espiritualidade nas Organizações: Nova Era e Negócios. **Revista da ESPM**. São Paulo, v. 14, n. 1, p. 80-85, jan. 2007. Lívia Barbosa é graduada em ciências sociais, doutora em antropologia social, mestre em ciências sociais, pesquisadora da ESPM e professora do departamento de antropologia das UFF do Brasil, com dois títulos de pós-doutorado.

Segundo Barbosa, esta ideologia de mudança abre espaço para uma atividade individual de reflexão que permite reformulações pessoais constantes mas, ao mesmo tempo, gera um grande *stress* pessoal e organizacional marcado pela individualidade e egocentrismo. Assim, fracassos e sucessos se tornam responsabilidade única da capacidade de conexão com nosso eu interior. Na ausência desta capacidade, não existe nada que possa resguardar ou proteger a auto-estima. Por isso, o seu antídoto: a auto-ajuda.<sup>72</sup>

#### 1.5.2.5 Convergências e divergências sobre a espiritualidade nas empresas<sup>73</sup>

Para Rodrigo Loures, o tema da espiritualidade nas empresas tem a ver com consciência, identificação com o trabalho e expressão do talento humano num ambiente onde as pessoas possam desenvolver sua vocação. Segundo Loures, uma das dimensões da espiritualidade diz respeito à sustentabilidade das empresas. Quando há um clima mais humano as empresas tornam-se mais criativas e um maior número de pessoas pode expressar suas qualidades individuais e fazer do trabalho uma forma de realização pessoal e profissional num crescimento social e coletivo, fortalecendo a organização. Rodrigo compreende a espiritualidade nas empresas como uma questão de transcendência que diz respeito à vida no contexto de trabalho:

Quando há um ambiente organizacional onde as expressões, a cultura, a liberdade, os métodos, processos, favorecem o diálogo, a interação, a integração; onde podemos dizer que existe vida em toda parte, essa empresa é mais espiritualizada, mais efetiva, porque não conta só com o melhor criador de riqueza – que é própria criatividade humana – como também é uma empresa onde as pessoas são mais felizes porque estão menos sujeitas às tensões. Quando há apenas uma relação de obediência, disciplina, quase uma anulação do indivíduo, é evidente que ele pode até dar uma contribuição para o trabalho, mas será uma contribuição mecânica; não com o entusiasmo e a qualidade, se estivesse fazendo aquilo com alma.<sup>74</sup>

Segundo Ken O'Donnell, espiritualidade não significa raspar a cabeça e começar a meditar em ciclos de oração, mas remete a uma prática consciente de valores em situações

<sup>72</sup> BARBOSA, 2007, p. 80-85.

<sup>73</sup> **Revista da ESPM**. São Paulo, v. 14, n. 1, p. 94-108, jan. 2007. Compõem o debate: Augusto Cuginotti, da Consultoria ELOS – Espiritualidade e Liderança para Organizações Saudáveis; Christian de Paul Barchifontaine – Reitor do Centro Universitário São Camilo; Francisco Gracioso – Presidente da Escola Superior de Propaganda e Marketing – ESPM; Jair Moggi – Presidente da Adigo Consultores; Ken O'Donnell – Presidente da Organização Brahma Kumaris no Brasil; Mario Ernesto René Schweriner – Chefe do Departamento de Humanas da ESPM; Rodrigo Loures – Presidente da Nutritional Alimentos e Roberto W. Penteado – Editor da Revista da ESPM e moderador do debate.

<sup>74</sup> LOURES, Rodrigo. **Revista da ESPM**. São Paulo, v. 14, n. 1, p. 103, jan. 2007.



diversas: “vejo a prática da espiritualidade como uma colocação de amortecedores nos relacionamentos humanos que facilite o trabalho em equipe e, portanto, o resultado da própria empresa”. Segundo O’Donnell, a espiritualidade é útil à própria empresa na medida em que gera um convívio mais agradável com melhores resultados e menos rotatividade de pessoas; em que gera redução de custos médicos, porque as pessoas são mais felizes; em que aumenta a produtividade reduzindo o custo operacional; em que os processos são menos burocráticos porque há mais cooperação.<sup>75</sup>

Christian de Paul Barchifontaine entende que o tema significa a busca de um sentido para a vida das pessoas e da empresa. Para Barchifontaine, a espiritualidade pode ser definida a partir de objetivos, escolhas, filosofias, ideologias, religiões, moral e ética que constituem os sujeitos. Pode ser um fetiche e servir tanto para o bem quanto para o mal. Segundo Barchifontaine, a espiritualidade do Mercado dita que a felicidade passa pelo lucro. Critica os discursos sobre espiritualidade que tem como finalidade última aumentar o lucro empresarial, não visando o bem das pessoas. Christian compreende a espiritualidade nas empresas como ética comunitária. Cita que as empresas não devem viver para si, mas para a sociedade, e que, por isso, devem repensar suas ações internas em função de seu papel social.<sup>76</sup>

Mario E. Schweriner define o conceito de espiritualidade citando sua origem do latim *spiritus*, que designa “sopro de vida”. A espiritualidade indica um modo de ser e sentir que ocorre pela tomada de consciência de uma dimensão transcendente, caracterizada por certos valores em relação a si mesmo, aos outros, à natureza, à vida e ao que quer que se considere o último. Para Schweriner, a espiritualidade é transcendente, e à ela devem estar subordinados a ética, os valores, a responsabilidade social e ambiental. A inclusão social e a ressocialização de ex-presidiários ou ex-dependentes químicos são exemplos de uma dimensão espiritual da empresa através da responsabilidade social.<sup>77</sup>

De acordo com Anselmo Ferreira Vasconcelos, a espiritualidade no ambiente de trabalho tem sido muito bem recebida no mundo corporativo, mas não deve ser confundida como uma ferramenta de gestão empresarial. Trata-se de uma filosofia de vida para ajudar pessoas e organizações.<sup>78</sup>

---

<sup>75</sup> O’DONNELL, Ken. **Revista da ESPM**. São Paulo, v. 14, n. 1, p. 96, jan. 2007.

<sup>76</sup> BARCHIFONTAINE, Christian de Paul. **Revista da ESPM**. São Paulo, v. 14, n. 1, p. 98, jan. 2007.

<sup>77</sup> SCHWERINER, Ernesto René Mario. **Revista da ESPM**. São Paulo, v. 14, n. 1, p. 98, 99, jan. 2007.

<sup>78</sup> VASCONCELOS, 2007, p. 110-123.

Espiritualidade é um sentimento fundamental de que você é uma parte conectada com todas as coisas, o universo físico inteiro e toda a humanidade. É também a crença de que há um poder maior ou Deus – seja o que for e seja qualquer o nome que chamemos isto – que governa tudo. Espiritualidade não é apenas acreditar que todos têm uma alma, mas saber isto e estar em constante comunicação com a alma de qualquer pessoa.<sup>79</sup>

Para o autor, a espiritualidade no ambiente de trabalho é um fenômeno provocado por uma transformação do próprio ambiente de trabalho e deve-se a quatro questões básicas: **1)** a conscientização das obrigações e responsabilidades sociais das organizações; **2)** o cultivo de valores não exclusivamente materiais; **3)** o fato de que as pessoas estão cansadas de viver de forma compartimentalizada, sem conexão entre as partes e sem espaço para a vivência das dimensões inerentes ao ser humano e **4)** a preocupação das pessoas em relação aos avanços tecnológicos e às reestruturações organizacionais. Para Vasconcelos, o local de trabalho desespiritualizado conduz a um comportamento disfuncional em todos os níveis da vida, levando ao *burnout*, à falta de atenção às pessoas, à desintegração familiar e à violência, somado à baixa moral, ao alto *turnover*, a freqüente *stress* relacionado a doenças e elevado absentismo. Segundo Vasconcelos, o ateísmo funcional, associado a uma visão estreita de vida e trabalho, produz comportamentos que não apenas são opostos a qualquer espiritualidade, mas sequer são humanos.<sup>80</sup>

Vasconcelos faz algumas considerações sobre o tema, na perspectiva de mapeá-lo e situá-lo no contexto empresarial, considerando alguns pontos fundamentais para a vivência da espiritualidade nas empresas: **1)** espiritualidade não é formal, estruturada ou organizada; **2)** não é denominável; **3)** é ampla e imparcial; **4)** é universal e eterna em relação a valores individuais e particulares; **5)** é a última fonte de significado e propósito; **6)** expressa-se no temor diante do transcendente; **7)** é a consagração de tudo, incluindo a simplicidade da vida diária; **8)** é o sentido profundo de interconexão de todas as coisas; **9)** é integralmente conectada à paz e calma interior; **10)** é força inesgotável de fé e esperança; **11)** espiritualidade e fé são inseparáveis. Argumenta que a abordagem da espiritualidade no contexto empresarial caracteriza-se por: **1)** verdades comuns; **2)** propósitos institucionais; **3)** orientação em políticas organizacionais e **4)** valorização humana. O autor entende que uma empresa espiritualizada significa uma empresa mais receptiva à criação de condições para a realização existencial de seus colaboradores. Assim, a espiritualidade associa-se a mudança de valores e

<sup>79</sup> VASCONCELOS, 2007, p. 113.

<sup>80</sup> VASCONCELOS, 2007, p. 112

atitudes; cultivo de virtudes; a flexibilidade, justiça e intolerância à exploração, e equilíbrio diante das vicissitudes do dia-a-dia.

Porém, Vasconcelos salienta que mais importante que definir ou caracterizar a espiritualidade é ter consciência dos elementos que abarca e das transformações que evoca em nível pessoal e institucional. Vê a espiritualidade como um sistema de valores compartilhados que permite ao ser humano crescer e prosperar, “o que pode melhorar o lucro e a produtividade, sem falar na verdade, confiança, liberdade, justiça, criatividade, inteligência e harmonia coletiva – calcado em mais profundo e alto propósito”.<sup>81</sup>

Segundo Vasconcelos, a vivência da espiritualidade no contexto empresarial está associada a uma relação mais significativa entre a empresa, seus colaboradores e a sociedade, considerando: **1)** a permanência de valores e da ética nas relações; **2)** a responsabilidade social com visão de sustentabilidade; **3)** a visão integradora e compartilhada de seus membros; **4)** a valorização humana em ações concretas; **5)** a oferta de produtos e serviços saudáveis, contemplando o bem estar da sociedade e a satisfação dos consumidores.

Por fim, Vasconcelos entende que a espiritualidade no ambiente de trabalho cria uma nova cultura organizacional, na qual os colaboradores sentem-se mais felizes e com melhor desempenho. Para o autor, o tema indica um enorme salto qualitativo em uma quebra de paradigmas numa direção nunca antes cogitada.

### ***1.5.3 Revista Exame***

#### **1.5.3.1 Deus Ajuda? O Tema da Espiritualidade no Mundo Corporativo**

David Cohen, editor executivo da Revista Exame, cita quatro exemplos de “empresas espiritualizadas”, a exemplo de Beto Colombo, proprietário da empresa Anjo Química, com sede em Crisciúma-SC, que buscou exemplos na vida de Jesus Cristo para a sua gestão empresarial: “praticando uma gestão cristã, tenho pessoas mais comprometidas e posso almejar ser a maior empresa de tintas do país”.<sup>82</sup>

---

<sup>81</sup> VASCONCELOS, 2007, p. 115.

<sup>82</sup> COHEN, 2002, p. 23.

Os quatro exemplos de empresas espiritualizadas indicam espiritualidades vinculadas a práticas religiosas vividas por empresários e executivos, o que “faz os negócios andar”, segundo Cohen. De acordo com os exemplos, a espiritualidade é tratada na perspectiva do desenvolvimento organizacional, com pouca atenção às questões existenciais e sociais, pois a ênfase da matéria publicada recai sobre uma extensa análise de números que apontam para o desenvolvimento empresarial de “empresas religiosas”, procurando responder à viabilidade ou não de as empresas investirem na espiritualidade. Uma das constatações na análise dos números é a de que as dificuldades vividas por muitas organizações que seguem preceitos religiosos não comprovam que “Deus estaria preocupado com a saúde financeira destas corporações”,<sup>83</sup> segundo as palavras de Cohen, pois as práticas religiosas não correspondem necessariamente ao aumento da sua lucratividade empresarial.<sup>84</sup>

Citando outros exemplos de empresários e empresas com espiritualidade – não mais associados a tantos números de lucratividade e crescimento empresarial – a matéria da *Revista Exame* passa a apontar para um sentido mais amplo da espiritualidade no mundo corporativo, segundo a visão de algumas empresas e empresários:

“Nossa missão é colaborar com a felicidade do maior número possível de pessoas; [...] não queremos destruir concorrente nenhum; [...] nossa visão é de um jovem alegre, saudável, que quer progredir na vida; [...] nós pregamos a alegria de servir”, afirma Rogério Rubini, sócio da empresa de cosméticos Contém 1g, de São João da Boa Vista-SP. Para não entrar para a concorrência desmedida, a empresa de Rogério destina seus produtos a um público diferenciado, na faixa etária dos 15 aos 25 anos, recusando um marketing que explore a sexualidade ou a rebeldia do jovem. Rogério atribui o bom faturamento anual da empresa a uma equipe extremamente comprometida e orientada por Deus.<sup>85</sup>

“Não aceito assédio sexual, corrupção nem comportamentos que possam prejudicar o próximo; [...] pedimos a Deus que nos ajude a realizar nossos planos. Não temos vergonha de mostrar nossa fé. Sou católico e, quando assumi a empresa, em 1991, declarei que a administraria de acordo com os princípios cristãos”, são as palavras de Elcio Anibal de Lucca, presidente da Serasa, empresa de gerenciamento de dados bancários no Brasil.<sup>86</sup>

### 1.5.3.2 Inteligência Espiritual (QS)

Na edição de 25 de julho de 2001 da revista *Exame*, a jornalista Suzana Naiditch publica a entrevista que fez em Porto Alegre com a física e filósofa americana Dana Zohar –

<sup>83</sup> COHEN, 2002, p. 28

<sup>84</sup> COHEN, 2002, p. 23s.

<sup>85</sup> COHEN, 2002, p. 29.

<sup>86</sup> COHEN, 2002, p. 29.

professora da Universidade de Harvard, autora do livro *Inteligência Espiritual*, que trata do Quociente Espiritual como uma base neurológica recém descoberta, chamada “Ponto de Deus”, responsável pelas experiências espirituais do ser humano. As descobertas sobre o Quociente Espiritual (QS) revelam um padrão de organização neural que permite o pensamento criativo, o *insight*, atuando como um formulador e revogador de regras, onde se formulam e se transformam os tipos anteriores de pensamento.<sup>87</sup>

Dana Zohar, em entrevista à Revista Exame, afirma que o Quociente Espiritual (QS) implica na capacidade humana para uma vida mais rica e cheia de sentido, com adequado senso de finalidade e direção pessoal, tornando-se mais criativo na solução de problemas com relação a sentido e valores. Segundo Zohar, QS está ligado à necessidade humana de se ter propósito na vida, e é ele que permite ao ser humano desenvolver valores éticos e crenças que norteiam suas ações. Segundo Dana Zohar, o QS é uma organização neural em uma área dos lobos temporais do cérebro responsável pela associação ao sentido e valores na vida, chamado “Ponto de Deus”.

Ter alto QS implica ser capaz de usar o espiritual para ter uma vida mais rica e mais cheia de sentido, adequando senso de finalidade e direção pessoal. Ter ou desenvolver inteligência espiritual aumenta nossos horizontes e torna-nos mais criativos, é uma inteligência que nos impulsiona e está ligada à necessidade humana de ter um propósito de vida, respeitando os valores individuais e da sociedade que norteiam as ações da humanidade.<sup>88</sup>

A diferença entre QE (Inteligência Emocional) e QS (Inteligência Espiritual) está no poder transformador de QS:

A inteligência emocional me permite julgar em que situação eu me encontro e me comportar apropriadamente dentro dos limites da situação. A inteligência espiritual me permite perguntar se quero estar nessa situação particular. [...].<sup>89</sup>

Ao ser questionada sobre o porquê de o mundo corporativo estar se preocupando com isso, Zohar responde que o mundo dos negócios atravessa uma crise de sustentabilidade e que suas práticas centradas apenas no dinheiro vem devastando o meio ambiente, consumindo

<sup>87</sup> NAIDITCH, Suzana. Deus e Negócios. Dá para misturar espiritualidade e riqueza?... *Exame*, São Paulo, ano 35, n. 15, p. 76-79, jul. 2001.

<sup>88</sup> RIBEIRO, Helena. **QS - Inteligência Espiritual nos Negócios**. Disponível em: <[http://www.administradores.com.br/artigos/qs\\_inteligencia\\_espiritual\\_nos\\_negocios/13335/](http://www.administradores.com.br/artigos/qs_inteligencia_espiritual_nos_negocios/13335/)>. Acesso em 11 nov. 2008.

<sup>89</sup> NAIDITCH, 2001, p. 78.

recursos finitos, criando desigualdade global, conduzindo a uma crise de liderança nas empresas e destruindo a saúde e a moral das pessoas que trabalham ou cujas vidas são afetadas pelas empresas.

Espiritualidade nos negócios, significa simplesmente trabalhar com um sentido mais profundo de significado e propósito na comunidade e no mundo, tendo uma perspectiva mais ampla, inspirando seus funcionários. [...] Falta-nos um sentido profundo de objetivos e valores fundamentais. Essa crise de significado é a causa principal do estresse na vida moderna e também das doenças. A busca de sentido é a principal motivação do homem. Quando essa necessidade deixa de ser satisfeita, a vida nos parece vazia. [...] O mundo corporativo é um monstro que se auto-destrói porque lhe falta uma estrutura mais ampla de significado, valores e propósitos fundamentais. Há uma profunda relação entre a crise da sociedade moderna e o baixo desenvolvimento da nossa inteligência espiritual.<sup>90</sup>

Ao ser indagada sobre o perfil de um líder espiritualmente inteligente, Zohar afirma: “é um líder inspirado pelo desejo de servir, uma pessoa responsável por trazer visão e valores mais altos aos demais e por lhes mostrar como usá-los. É uma pessoa que inspira as outras”.<sup>91</sup>

Sobre como desenvolver a inteligência espiritual, a autora dá as seguintes dicas: procurar mais o porquê e as conexões entre as coisas, trazer para a superfície as suposições que fazemos sobre o sentido delas; tornarmo-nos mais reflexivos, assumir responsabilidades, ser honestos conosco mesmos e mais corajosos, conscientes de onde estamos e quais as nossas motivações mais profundas; identificar e eliminar obstáculos, examinar as numerosas possibilidades; comprometermo-nos com um caminho e permanecer conscientes de que são muitos os caminhos.<sup>92</sup>

Sobre os benefícios da espiritualidade às empresas, destaca o aumento da produtividade com resultados rápidos devido à motivação de colaboradores mais criativos e menos estressados. Por outro lado, lembra que no novo capitalismo emergente sobreviverão as companhias mais socialmente responsáveis, com visão a longo prazo e de desenvolvimento das comunidades em que atuam, proporcionando educação e saúde.

---

<sup>90</sup> NAIDITCH, 2001, p. 78.

<sup>91</sup> NAIDITCH, 2001, p. 78.

<sup>92</sup> NAIDITCH, 2001, p. 78.

### 1.5.4 Revista *Treinamento e Desenvolvimento*

Carlos Neves, editor-chefe da *Revista T&D*, aborda o tema espiritualidade nas empresas com o título: “Espiritualidade nas Empresas. Em busca de um sentido capaz de tornar mais humanas as organizações do nosso tempo”, baseado no artigo “Espiritualidade: um divã terapêutico”, de Gilberto Velloso, publicado em novembro de 1997, também na *Revista T&D*.<sup>93</sup>

Gilberto Velloso entende espiritualidade como “a fonte mais eficaz e eficiente, talvez única, capaz de solucionar as inúmeras fendas existenciais, origem da quase totalidade dos males, sejam eles pessoais, profissionais, organizacionais ou sociais”.<sup>94</sup> Defende a idéia de uma “espiritualidade da complementaridade”, estabelecida pela capacidade de “olhar o outro com os olhos do outro” numa relação de cuidado: “ver o outro como o outro se vê é vê-lo com os olhos dele, com os preconceitos dele, com os valores dele; [...] considerando que eu não estou separado de você, eu só posso cuidar de mim cuidando de você”.<sup>95</sup>

Espiritualidade é perceber que nada está separado de nada. É claro que se você receber uma pancada em seu dedo eu não vou sentir a sua dor. Esse ‘não sentir’, porém, é uma ilusão. Eu não sinto porque estou de tal forma embrutecido por uma espessa couraça que tenho em minha insensibilidade o meu principal sensor. Se estivesse sensibilizado [...] poderia não sentir fisicamente a sua dor, mas certamente sentiria como você sente a sua dor. [...] Se a idéia de cuidar do próximo se perde e se dilui na vida social, ela fica muito mais clara na organização. Simplesmente porque se eu não cuidar de você na organização eu estou prejudicando a nós dois – na verdade, estou prejudicando a totalidade da empresa, o ambiente, os nossos objetivos.<sup>96</sup>

Conforme Velloso, a diluição das relações de cuidado é um fenômeno social contemporâneo. Nas empresas, esta diluição ocorre porque elas não sabem compreender o ser humano e lidar com suas questões. Não sabem gerenciar a espontaneidade humana, porque estão mais preocupadas com técnicas e processos. Em decorrência, cria-se uma cultura de relações marcadas pelo imediatismo e utilitarismo, em detrimento do referencial humano nas relações humanas.<sup>97</sup>

<sup>93</sup> NEVES, 1998, p. 28-32

<sup>94</sup> NEVES, 1998, p. 29

<sup>95</sup> NEVES, 1998, p. 29

<sup>96</sup> NEVES, 1998, p. 29

<sup>97</sup> VELLOSO, Gilberto. **Espiritualidade nas Empresas**. Disponível em: <<http://www.guiarh.com.br/PAGINA21H.htm>>. Acesso: 11 nov. 2008.

Seguindo estas e outras pistas, Carlos Neves consulta a opinião do teólogo René Licht e dos consultores Marco Aurélio Vianna e Carlos de Souza Godoi, sobre o tema da espiritualidade nas empresas.

O teólogo René Licht compreende a espiritualidade como uma busca por uma razão e sentido no que se faz; uma razão e sentido para a própria vida; como uma necessidade e anseio humano pelo transcendente:

Não seremos pessoas felizes e realizadas se apenas satisfizermos nossas necessidades fisiológicas, familiares, sociais e profissionais. Há algo mais, que poderia ser obtido por esse transcendente [...] segundo a teologia, a natureza humana é própria de um ser religioso – um ser que precisa se religar com o criador. Uma vez evidenciada essa percepção, o indivíduo pode perfeitamente perguntar-se: por que trabalhar numa empresa, fazer parte de uma equipe, construir caminhos para, digamos, a qualidade total? Chega um momento em que nos deparamos com um impasse: tem então de haver alguma coisa maior, alguma coisa a mais.<sup>98</sup>

Marco Aurélio Vianna afirma que em muitas organizações há um movimento de respeito à diversidade e ao pluralismo político, religioso e étnico. O consultor defende que a espiritualidade não pode ser reduzida a uma só vertente religiosa, mas incentivada ao ecumenismo através de programas de desenvolvimento do capital intelectual:

Acho que uma empresa deveria ter os seus próprios templos em sua sede, de modo que cada pessoa, dentro de seu rito e com sua crença, pudesse buscar algo superior. [...] Acho que a empresa deveria mostrar e ensinar a seus funcionários, através de treinamentos, as alternativas espirituais. Quando fui presidente da comissão científica do Conarh (Congresso Nacional de Recursos Humanos), em 94, eu levei um rabino, um monge budista e um padre católico para o congresso. Foi uma idéia minha que como proposta abrir espaço ao ecumenismo. [...] A empresa, que pelo seu próprio organograma é fragmentada, fracionada e quase feudalizada, tinha de ver que as próprias religiões estavam caminhando para esse sentido.<sup>99</sup>

Para o consultor Antônio Carlos de Souza Godoi, “a espiritualidade está associada a um tipo de ambiente empresarial em que se pode sentir um propósito e sentido mais elevados do que o simples lucro do negócio e o pagamento no fim do mês”; um ambiente com emoção, ouvidos abertos e ombros disponíveis, com pessoas conscientes de sua interdependência: “isso não tem nada a ver com religião, necessariamente, mas com religiosidade – entendida como uma postura aberta e receptiva diante da Criação e das criaturas”.<sup>100</sup>

---

<sup>98</sup> NEVES, 1998, p. 30.

<sup>99</sup> NEVES, 1998, p. 32

<sup>100</sup> NEVES, 1998, p. 32.



A impressão que se tem é que ao longo dos anos, estivemos falando as mesmas coisas o tempo todo, mas com diferentes nomes e referenciais, com diferentes sonoridades, com diferentes vozes, em ambientes diversos e para pessoas diversas. [...] Talvez esse tempo tenha passado. Talvez hoje tenhamos uma só voz, abrigando mil sons. As portas estão se abrindo e a própria ciência já admite um sentido maior em nossas vidas e no próprio Universo. [...] Não podemos mais viver escondidos nem fingindo que nada está acontecendo, e muito menos nos deixando enganar pela ilusão de que podemos ser felizes simplesmente se formos capazes de dar lucro para as empresas. Isso muito nos alegra, mas não nos diz nada se não encontrarmos sentido – pessoal – nessa missão.<sup>101</sup>

### 1.5.5 Fascículo Profissionalização – Banco do Brasil

O fascículo *Profissionalização* do Banco do Brasil faz uma abordagem sobre a relação entre ciência e espiritualidade:<sup>102</sup>

Um ser humano é uma parte do todo a que chamamos universo, uma parte limitada no tempo e no espaço. Ele concebe a si mesmo, as suas idéias e sentimentos, como algo separado de todo o resto, uma ilusão de ótica de sua consciência. Essa ilusão é um tipo de prisão para todos nós, restringindo-nos aos nossos desejos pessoais, reservando a nossa afeição a algumas poucas pessoas mais próximas de nós. Nossa tarefa deve ser libertar-nos dessa prisão, ampliando o nosso círculo de compaixão de maneira a abranger todas as criaturas vivas e toda natureza em sua beleza. (A. Einstein).<sup>103</sup>

Aqui parece configurar-se o cruzamento da ciência com a espiritualidade de que Einstein delineou e que o pensamento de Erwin Shrödinger, um dos criadores da física quântica, acaba de revelar: “sujeito e objeto são apenas um. Não se pode dizer que a barreira entre eles caiu como resultado da recente experiência nas ciências físicas, pois essa barreira não existe”.<sup>104</sup>

Não existe a célula sozinha. Ela é parte de um tecido, que é parte de um órgão, que é parte de um organismo, que é parte de um nicho ecológico, que é parte de um ecossistema, que é parte do Planeta Terra, que é parte do Sistema Solar, que é parte

<sup>101</sup> NEVES, 1998, p. 32. A exemplo de Antônio Godoi, outros autores enfatizam que “espiritualidade não tem nada a ver com religião”. Cf. OLIVEIRA, A. **Espiritualidade na Empresa, Sem Religião na Empresa**. Disponível em: <[http://www.canalrh.com.br/Mundos/colunistas\\_artigo.asp?o={FBB09087-0C11-49988B69-C60F41943D6}](http://www.canalrh.com.br/Mundos/colunistas_artigo.asp?o={FBB09087-0C11-49988B69-C60F41943D6})>. Acesso em: 12 nov. 2008. MOGGI, Jair. A Espiritualidade é o Grande Capital Desta Era. **Portal de Administração**. Disponível em: <http://administracao.memes.com.br/jportal/portal.jsf?post=5432>>. Acesso em: 12 nov. 2008. BRANDÃO, Baptista João. Entre a Religião e a Espiritualidade. **Revista Melhor Gestão de Pessoas**. Valores da Alma e da Organização. Disponível em: <<http://revista.melhor.uol.com.br/textos.asp?codigo=12000>>. Acesso em: 12 nov. 2008. CASTRO, Paulo Vieira de. **A Última Fronteira**. Disponível em: <[http://www.hsm.com.br/editorias/gestaodoconhecimento/a\\_proxima\\_frenteira.php](http://www.hsm.com.br/editorias/gestaodoconhecimento/a_proxima_frenteira.php)>. Acesso em: 12 nov. 2008. SOLOMON, Robert. **Espiritualidade para Céticos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 18,19. GONDIM João F. Neto. **A espiritualidade nas organizações empresariais**. Disponível em: <[http://www.joaoneto.com.br/index.php?option=com\\_content&task=view&id=149&Itemid=35](http://www.joaoneto.com.br/index.php?option=com_content&task=view&id=149&Itemid=35)>. Acesso em: 10 dez. 2008. KIVITZ, 2007, p. 70-74. SIQUEIRA, Deis. O Labirinto Religioso Ocidental. Da religião à espiritualidade. Do institucional ao não convencional. **Sociedade e Estado**. Brasília, v. 23, n. 2, p. 442ss, mai. 2008.

<sup>102</sup> BANCO DO BRASIL. **Profissionalização**, Brasília, [s.n.], n. 19, jun. 1999.

<sup>103</sup> BANCO DO BRASIL, 1999, p. 5.

<sup>104</sup> BANCO DO BRASIL, 1999, p. 5.

de uma galáxia, que é parte do cosmos, que é uma expressão das expressões do mistério ou de Deus. Tudo tem a ver com tudo. (Leonardo Boff)<sup>105</sup>

A reflexão central do fascículo é baseada em argumentos do teólogo Leonardo Boff, sobre a necessidade de se conceber o ser humano em sua integralidade, complexidade e em suas múltiplas dimensões coexistentes e interpenetrantes, na perspectiva da exterioridade (universo, sociedade e realidade concreta), da interioridade (instintos, desejos conscientes e inconscientes) e da profundidade (apreensão da essência das coisas).

A origem dos problemas está diretamente ligada a alguma esfera das dimensões humanas que vai mal. E isto afeta outras áreas. Se a qualidade de vida está ruim, por exemplo, isso afeta o trabalho. Temos o hábito de dividir, separar, analisar as coisas e esquecemos do principal: a síntese.<sup>106</sup>

O fascículo conclui suas reflexões afirmando que “espírito não é uma parte do ser humano, [mas] é aquele momento pleno de nossa totalidade consciente, vivida e sentida dentro de outra totalidade maior que nos envolve e nos ultrapassa: o universo das coisas, das energias, das pessoas, das produções histórico-sociais e culturais”.<sup>107</sup> “Colocar questões fundamentais e captar a profundidade do mundo, de si mesmo e de cada coisa constitui o que se chama de espírito.”<sup>108</sup>

## **1.6 Espiritualidade nas empresas: relevância e intencionalidades**

### ***1.6.1 Práxis social, performance organizacional e proselitismo religioso***

Analisando o fenômeno da espiritualidade no mundo corporativo, Ed René Kivitz constata que o “uso” que se faz da espiritualidade neste contexto se dá em três perspectivas: do proselitismo religioso, da performance organizacional e da práxis social. Entende que a espiritualidade na perspectiva do proselitismo e da performance é instrumentalizada em favor da religião e do capital, e que há poucas expressões de uma espiritualidade organizacional vivida na perspectiva da práxis – como uma espiritualidade reflexiva, criativa, libertadora e

---

<sup>105</sup> BANCO DO BRASIL, 1999, p. 3.

<sup>106</sup> BANCO DO BRASIL, 1999, p. 9.

<sup>107</sup> BANCO DO BRASIL, 1999, p. 11.

<sup>108</sup> BANCO DO BRASIL, 1999, p. 11.

radical, a serviço do ser humano.<sup>109</sup> Kivitz chega à conclusão de que a lógica de toda expressão legítima de espiritualidade é incompatível com a lógica do capitalismo de corte Neoliberal – hegemônico no contexto empresarial.<sup>110</sup> Compreende que esta incompatibilidade não implica necessariamente na impossibilidade de uma práxis religiosa no ambiente de trabalho e nas relações de Mercado, mas que há a urgente necessidade de uma ação reflexiva, criativa, libertadora e radical – práxis – capaz de fazer surgir o novo, a transformação, novos sistemas econômicos, processos produtivos e relações de Mercado que tornem possível a sustentabilidade do planeta e a sobrevivência da humanidade em um novo mundo possível.<sup>111</sup> Avalia que o fenômeno da espiritualidade nas empresas é recente e está em processo de formação conceitual frente ao nascimento de uma “espiritualidade secular”, não cativa do dogmatismo, ritualismo e moralismo religioso.

Fundamentado na teologia de Paul Tillich, Kivitz entende “espiritualidade” como uma dimensão ou experiência humana – religiosa ou não – que, diante dos conflitos, terror, fascínio, angústia e consciência da finitude humana, expressa-se na busca pelo sentido último da existência e na concretização da resposta humana às ameaças do “não-ser”, manifesta na relação entre religião e cultura. Para Kivitz, espiritualidade designa:

A dimensão humana que faz com que o ser humano esteja preocupado de forma última com sua relação de ser e não-ser, seu *status* diante do infinito, sua angústia diante de sua finitude e anseio de transcendência, seu terror e fascínio diante daquilo que o toca incondicionalmente; impulso que conduz o ser humano a confrontar as ameaças à sua auto-afirmação como ser diante do não-ser.<sup>112</sup>

Na sua dissertação de mestrado, Kivitz se inclina à crer na incompatibilidade entre espiritualidade e mundo corporativo mas, em um artigo seu publicado na Internet, pauta dez itens favoráveis à inclusão da espiritualidade nas empresas, justificando a sua relevância:

**Visão holística:** a espiritualidade possui uma dimensão integradora de todas as coisas (visão holística) como patamar de sustentação de todas as áreas da vida;  
**Estabilidade:** o desenvolvimento espiritual pode qualificar o ser humano integralmente para responder com êxito aos desafios que o direito de viver impõe;  
**Teamwork:** o desenvolvimento espiritual fornece os alicerces interiores que nos permitem abrir o coração para relacionamentos frutíferos;  
**Significado:** o desenvolvimento espiritual ajuda o ser humano a enxergar o significado permanente daquilo que é efêmero, e o valor extraordinário daquilo que é rotineiro;

---

<sup>109</sup> KIVITZ, 2007, p. 91-128.

<sup>110</sup> KIVITZ, 2007, p. 129.

<sup>111</sup> KIVITZ, 2007, p. 129-134.

<sup>112</sup> KIVITZ, 2007, p. 48.

**Produtividade:** o desenvolvimento espiritual ajuda a colocar a vida em ordem, de modo que o potencial produtivo de cada ser humano não seja roubado pela necessidade constante de solução de conflitos;<sup>113</sup>

**Integridade:** o desenvolvimento espiritual proporciona a unidade de crenças e valores em uma empresa. Como resultado, surge um horizonte comum de procedimentos que permite a soma dos esforços e o espírito de cooperação sem que nenhuma das partes se sinta lesada ou violentada no processo;

**Cooperatividade:** o desenvolvimento espiritual não é um compartimento estanque da vida humana, mas afeta a integralidade de suas relações. A empresa que reconhece isso cumpre seu papel na formação do homem;

**Imagem:** o desenvolvimento espiritual é a plataforma através da qual a empresa alinha sua imagem pública com a realidade operacional. De fato, a integração entre discurso e prática é o alicerce do sucesso duradouro;

**Riqueza:** o desenvolvimento espiritual oferece discernimento, sabedoria, e libera as fontes do enriquecimento pleno;

**Revolução:** o desenvolvimento espiritual é a porta de acesso não apenas à transformação pessoal, mas para a revolução mundial. Tal ambição não é mero otimismo ou pretensão quixotesca, mas apenas a vazão do clamor das entranhas de todo ser humano desperto. A busca desenfreada pelo lucro imediato não é uma razão pela qual viver. Nós humanos somos nostálgicos da utopia.<sup>114</sup>

As posteriores reflexões serão analisadas seguindo as pistas de Ed René Kivitz, quanto ao “uso” da espiritualidade nas empresas, procurando identificar as intencionalidades de cada autor de acordo com sua perspectiva em relação ao tema, se no horizonte da práxis social, da performance empresarial ou do proselitismo religioso.

### ***1.6.2 Espiritualidade para relações normativas***

Armênio Rego, Miguel Pina, e Solange Souto avaliaram o desempenho de 361 colaboradores de 154 organizações brasileiras, a partir de cinco dimensões da espiritualidade organizacional: do sentido de comunidade; do alinhamento individual com os valores da organização; do sentido de préstimo à comunidade; da alegria no trabalho e das oportunidades para expressão da subjetividade. Segundo a pesquisa, estas cinco dimensões da espiritualidade organizacional denotam um maior comprometimento afetivo e normativo, com menor laço instrumental entre os indivíduos, proporcionando uma experiência de sentido e maior alegria no trabalho:

---

<sup>113</sup> “A grande questão é que a qualidade do resultado de uma empresa está na proporção direta da qualidade de quem produz o resultado. Quem pode esperar qualidade de alguém que deixa o salário do mês no bar da esquina, possui uma família desmantelada, ou uma angústia existencial que se expressa em forma de agressividade, apatia e insatisfação permanente? Todas as empresas deveriam instituir um programa de busca de ‘ISO Existencial’ para seu quadro de cooperadores”. KIVITZ, 2007, Disponível em: <[http://www.bomlider.com.br/artigos\\_ver.php?tp=4&cod=60](http://www.bomlider.com.br/artigos_ver.php?tp=4&cod=60)>. Acesso em 30 jan. 2008.

<sup>114</sup> KIVITZ, 2008. Disponível em: <[http://www.bomlider.com.br/artigos\\_ver.php?tp=4&cod=60](http://www.bomlider.com.br/artigos_ver.php?tp=4&cod=60)>. Acesso em: 30 jan. 2008.

As dimensões de espiritualidade explicam 48%, 16% e 7% de variância, respectivamente, do comprometimento afetivo, do normativo e do instrumental. Os resultados sugerem que as pessoas denotam mais elevados laços afetivo e normativo, e mais fraco laço instrumental, quando experimentam mais forte sentido de espiritualidade no trabalho.<sup>115</sup>

A pesquisa de Rego, Pina e Souto não reflete a opinião dos autores em relação ao tema da espiritualidade nas empresas. Sua constatação é de que a espiritualidade nas empresas sugere maior comprometimento afetivo entre as pessoas na organização, com menor índice de relações ou laços instrumentais. Não é possível constatar em qual horizonte de reflexão – práxis, performance ou proselitismo – se enquadra a posição dos autores. O que é possível constatar é a relevância positiva da espiritualidade às organizações.

### ***1.6.3 Humanização empresarial***

Robson Santarém define espiritualidade como a consciência do Sagrado na totalidade da vida humana. A espiritualidade contribui para o descobrimento de si e do outro na integração e criação de relações construtivas, “fazendo com que a ética e os valores humanos universais e espirituais iluminem as decisões, as estratégias, as políticas e todos os relacionamentos da organização”.<sup>116</sup>

Santarém argumenta que a espiritualidade nas empresas não deve estar associada à práticas religiosas, mas uma espiritualidade inclusiva que respeite a diversidade religiosa procurando pela dimensão transcendental da empresa:

A empresa é um organismo que deve e precisa descobrir a sua dimensão transcendental: a sua identidade, a sua razão de existir e a sua missão. Precisa definir os seus valores e as suas crenças sobre os quais se apoiarão as suas políticas, procedimentos, ações internas e externas.<sup>117</sup>

A relevância e a intencionalidade da espiritualidade nas empresas está na humanização das organizações: “o fim último deste processo é a humanização das

<sup>115</sup> REGO, Armênio; SOUTO, Solange; CUNHA, P. Miguel. Espiritualidade nas Organizações, Positividade e Desempenho. **Comportamento Organizacional E Gestão**, v. 13, n. 1, 2007, p. 2,22. Disponível em: <<http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/cog/v13n1/v13n1a02.pdf>>. Acesso em: 4 set. 2008.

<sup>116</sup> SANTARÉM, Robson. **Espiritualidade Corporativa: vencendo a barreira física**. ABRH-Blumenau, 2007. Disponível em: <[http://www.abrhnu.com.br/noticia/noticia\\_detalhe.php?COD\\_NOTICIA=1250&TIP\\_NOTICIA=3&ANO=2007&PHPSESSID=6548a5f293ebdd110ba7b970bba19bfb](http://www.abrhnu.com.br/noticia/noticia_detalhe.php?COD_NOTICIA=1250&TIP_NOTICIA=3&ANO=2007&PHPSESSID=6548a5f293ebdd110ba7b970bba19bfb)>. Acesso em: 29 jan. 2008.

<sup>117</sup> SANTARÉM, 2007.

organizações, só que eu penso que é a espiritualidade o pilar, pois é ela que deve dar sustentação às causas humanistas. Não há espiritualidade sem humanização e todo processo de humanização guarda em si as sementes da espiritualidade.”<sup>118</sup>

A posição de Santarém parece estar voltada mais para a práxis social, dada sua preocupação com a humanização das organizações, com a ética, o respeito ao diferente, com as políticas empresariais e a integração e criação de relações construtivas.

#### ***1.6.4 A razão de ser da empresa***

Para Christian de Paul de Barchifontaine, espiritualidade é a busca por um sentido de vida na própria vida. Espiritualidade na empresa, significa a razão de existir da empresa:

A espiritualidade reflete no respeito pelo próximo, na solidariedade, no estilo de liderança e até no trabalho em equipe. Deste modo, a espiritualidade nas empresas refere-se em primeiro lugar ao respeito à vida. Isto significa considerar o ser humano na sua totalidade, respeitando e investindo em todas as suas dimensões: física, intelectual, emocional e espiritual; criando uma cultura corporativa sustentada em valores, fazendo com que a ética e os valores humanos universais e espirituais iluminem as decisões, as estratégias, as políticas e todos os relacionamentos da organização. A empresa é um organismo que deve e precisa descobrir a sua dimensão transcendental: a sua identidade, a sua razão de existir e a sua missão. Precisa definir os seus valores e as suas crenças sobre os quais se apoiarão as suas políticas, procedimentos, ações internas e externas. Podemos citar a criação de um espaço para que os colaboradores se realizem no ambiente de trabalho através de uma gestão participativa e onde a inovação, a criatividade, o talento e as potencialidades de cada um possam emergir contribuindo efetivamente para resultados. Pode-se estabelecer, com fornecedores e clientes, relações de parcerias duradouras, tendo a ética, a transparência, a confiança e a colaboração mútuas como requisitos vitais para o êxito. Por fim, também a organização precisa fazer-se solidária e assumir o papel de cidadã contribuindo com o bem comum. Suas ações socialmente responsáveis com relação à comunidade, ao meio ambiente, enfim à vida humana, possibilitarão aos colaboradores orgulhar-se da empresa em que trabalham e à sociedade orgulhar-se de ter uma empresa cidadã. Nesse caso, todos colherão os merecidos frutos.<sup>119</sup>

Após refletir sobre a “crise do humanismo” e a centralidade do econômico em detrimento do social no processo de globalização, Barchifontaine indaga sobre a finalidade dos temas “Inteligência Emocional” e “Inteligência Espiritual” nos encontros de administradores de empresas: “pergunto sempre para que esses encontros? É para o bem das

<sup>118</sup> SANTARÉM, 2007.

<sup>119</sup> BARCHIFONTAINE, Christian de Paul de. Espiritualidade nas Empresas. **O Mundo da Saúde**. Centro Universitário São Camilo. São Paulo: p. 301-304, abr. 2007. Disponível em: <[http://www.scamilo.edu.br/pdf/mundo\\_saude/53/19\\_Espiritual\\_empresas.pdf](http://www.scamilo.edu.br/pdf/mundo_saude/53/19_Espiritual_empresas.pdf)>. Acesso em 30 jan. 2008.

peças ou das empresas? [...] Muitas vezes, esses encontros têm por finalidade aumentar a produção das empresas e não o bem das pessoas!”<sup>120</sup>

Barchifontaine questiona sobre os benefícios do tema da espiritualidade nas empresas para os colaboradores e suas famílias, considerando que as empresas devem pensar a espiritualidade em um de seus caminhos como ética comunitária. Ressalta a importância de se repensar as ações dentro da empresa em sua função cidadã, pois “a empresa não deve viver para si; ela vive para a sociedade”.<sup>121</sup>

De modo geral, Barchifontaine sugere que a relevância da espiritualidade nas empresas se coloca no horizonte de valorização à vida, da consciência ecológica, de relações éticas, solidárias e da responsabilidade social evocada pela cidadania empresarial. A dimensão transcendental da empresa se constitui na definição de sua identidade entre a razão e a missão de sua existência. Assim, Barchifontaine parece defender mais a práxis social do que a performance empresarial ou o proselitismo religioso nas empresas:

Temos de começar a pensar na globalização do social e da solidariedade. Só então poderemos viver, de maneira mais profunda, essa questão de espiritualidade nas empresas. A espiritualidade no trabalho tem implicações diretas da empresa com os clientes, visão de resultados, liderança, gerenciamento de pessoas, ecologia, educação, desenvolvimento, bem-estar físico, social, emocional e espiritual. [...] A espiritualidade significa questionar paradigmas usuais, ver uma realidade diferente daquela de costume, encontrar formas menos sofridas de convivência, entender nossa interdependência e necessidade de ajuda mútua [...] pode ajudar-nos a assumir nossas responsabilidades perante a vida em todos os sentidos, dos quais a responsabilidade profissional é apenas uma.<sup>122</sup>

### ***1.6.5 Uma atitude estratégica***

Gustavo Boog define a espiritualidade no contexto empresarial da seguinte forma:

A espiritualidade no trabalho é um movimento amplo e crescente de busca de estados mais elevados de consciência, que estimulem as pessoas, equipes e as organizações a identificar e praticar ações visando tornar a empresa uma cidadã consciente em sua comunidade, região e planeta. A espiritualidade no trabalho tem implicações diretas na relação da empresa com os clientes, visão de resultados, liderança, gerenciamento de pessoas, ecologia, educação, desenvolvimento e bem-

---

<sup>120</sup> BARCHIFONTAINE, 2007, p. 304.

<sup>121</sup> BARCHIFONTAINE, 2007, p. 304.

<sup>122</sup> BARCHIFONTAINE, 2007, p. 304.

estar físico, emocional e espiritual. Com isto se encorajam ações de transformação pessoal em seus relacionamentos e em seu ambiente.<sup>123</sup>

Boog compreende que a espiritualidade nas empresas significa não dissociar a vida profissional da vida privada, incluindo a vivência da fé. Compreende que os benefícios da espiritualidade dizem respeito à melhoria na qualidade de vida individual e coletiva, ao estímulo às situações de crescimento e desenvolvimento, ao incentivo do sentido de parceria, criatividade, cooperação e trabalho em equipe. Embora Gustavo Boog incline-se a uma postura no horizonte da práxis social, levanta questões que identificam sua posição como mais favorável à performance empresarial, na medida em que ressalta a espiritualidade como uma “elevação da consciência”, com motivação, foco no cliente, comunicação eficaz, qualidade e “estar de bem com a vida”, num alinhamento entre as ações das pessoas e da organização:

O tema da espiritualidade no trabalho vem crescendo de forma intensa nos últimos anos no mundo empresarial. Algo que antigamente era visto como assunto desligado do universo organizacional, como algo religioso ou até místico, hoje se insere como uma dimensão estratégica, na medida em que dá significado à missão da empresa e ao trabalho das pessoas. Quando elas tem esta consciência, a consequência é que fluem com muito maior facilidade os fatores mais buscados pelos executivos das organizações: a motivação, o desempenho, o espírito de equipe, a comunicação eficaz, a qualidade, o foco no cliente, o "estar de bem com a vida". [...] O foco da espiritualidade no trabalho é a busca de estados mais elevados de consciência e o alinhamento das ações das pessoas, das equipes e das organizações com seus propósitos e missões de vida.<sup>124</sup>

### ***1.6.6 Investimento na imagem da empresa***

Para o rabino Nilton Bonder, há três motivos para inserir o tema da espiritualidade no contexto empresarial: o primeiro se relaciona ao fortalecimento das empresas com as sabedorias das religiões milenares; o segundo é estratégico, no investimento da imagem da empresa, por respeitar valores impressos nas pessoas; o terceiro relaciona-se à corporação em si: “empresas inteligentes dão ao trabalho uma dimensão emocional e existencial: seus funcionários gostam do que fazem e não acham que estão perdendo tempo na companhia”.<sup>125</sup>

<sup>123</sup> BOOG, Gustavo. **Espiritualidade nas Empresas**. Disponível em: <[http://www.elosbrasil.org.br/br/paginas.asp?id\\_site=br&cod\\_pagina=12](http://www.elosbrasil.org.br/br/paginas.asp?id_site=br&cod_pagina=12)>. Acesso em: 18 fev. 2008. BOOG, Gustavo. **Espiritualidade no Trabalho**. Disponível em: <<http://www.guiarh.com.br/p55.htm>>. Acesso em: 11 nov. 2008.

<sup>124</sup> BOOG, Gustavo G; MARIN, Maysa C; WAGNER, Valéria S. **Espiritualidade no Trabalho**. Disponível em: <<http://www.guiarh.com.br/p55.htm>>. Acesso em 18 fev. 2008.

<sup>125</sup> COHEN, 2002, p. 29.



As razões ou motivos levantados pelo rabino Nilton Bonder estão todos focados na organização empresarial: 1) fortalecimento da empresa, 2) imagem da empresa, 3) funcionários gostam do que fazem e não estão perdendo tempo na empresa. Estes três pontos sugerem maior preocupação com a performance empresarial do que com a práxis social ou com o proselitismo religioso na empresa.

### ***1.6.7 Magia no Trabalho***

Segundo Floriano Serra, espiritualidade nas empresas significa “magia no trabalho”:

A magia no trabalho está em pequenos detalhes. Em ações nas quais o Ser Humano se revela em sua divindade: generoso, amigo, solidário, disseminador da alegria e do carinho. [...] A magia no trabalho está na simplicidade das pessoas que trabalham. Gente comum, humilde, que ali está para realizar sonhos próprios, dos colegas, dos clientes e dos acionistas – porque acredita nesses sonhos. [...] A magia no trabalho está na solidariedade dos que estão lado a lado, todo dia. [...] A magia no trabalho está na união de quem sabe pertencer a uma grande família – ainda que esta expressão nas empresas esteja em fase de extinção pelos incrédulos de plantão. Pode até haver discordâncias, como nas famílias de verdade, mas o desejo de harmonia e da busca de soluções supera as possibilidades de conflitos. A magia no trabalho está no direito de sorrir enquanto se trabalha. De se emocionar, de demonstrar carinho e gratidão pelo colega ou pela empresa. Ou até irritação e tristeza, porque não se pode selecionar a manifestação de sentimentos – pode-se administrá-las. O fundamental é não reprimir o que é natural e espontâneo no ser humano. A magia no trabalho está em acreditar que cada um tem uma missão na empresa. E em dar o melhor de si para cumprir essa missão com comprometimento e dedicação, porque ela faz parte da realização do profissional.<sup>126</sup>

Floriano Serra se questiona sobre “que padrão de relacionamento, critérios de decisão e de promoção, nível de motivação e qualidade de vida pode-se esperar de uma cultura organizacional na qual não se cultiva a bondade, a solidariedade, a fraternidade, o respeito e o amor ao próximo, sentimentos básicos da espiritualidade?”.<sup>127</sup>

A posição do autor sugere a espiritualidade nas empresas como um modelo de empresa feliz, harmonizada, consciente de sua missão, com pessoas comprometidas e dedicadas. A isso, Serra chama de “magia” na empresa. Conforme Houaiss e Montero, o substantivo “magia” sugere uma intervenção humana nos processos naturais com o intuito de

<sup>126</sup> SERRA, Floriano. **Existe Magia no Trabalho?** Disponível em: <<http://br.geocities.com/revistaacademica/trabalho/03090709.html>>. Acesso em 18 fev. 2008.

<sup>127</sup> SERRA, Floriano. **Deus Trabalha em Sua Empresa?** Disponível em: <<http://br.geocities.com/revistaacademica/trabalho/11020706.html>>. Acesso em 18 fev. 2008.

regular a ordem e o curso natural dos acontecimentos.<sup>128</sup> A concepção de magia tida por Serra sugere uma visão instrumental da espiritualidade na performance organizacional.

### ***1.6.8 Espiritualidade e gestão organizacional***

Afonso Murad sugere três maneiras para se cultivar a espiritualidade na gestão empresarial: 1) nutrir a interioridade, estando consciente de si mesmo e de sua relação com a fonte da vida; 2) investir na qualidade de vida, na valorização dos colaboradores e na criação de espaços para que possam cuidar de si, assegurando um ritmo de trabalho humanizador, respeitando os mais fracos, exercitando a inclusão, o perdão e a fraternidade: “a finalidade última de tal postura não reside na produção em si mesma, e sim no testemunho de que é possível ter foco em resultados coerentes com o Evangelho”;<sup>129</sup> 3) aprender das noites, desertos e tempestades, quando tudo parece estar escuro e sem saída, quando os tempos são áridos e perdem o gosto, e quando os abalos destroem o que se pensava ter construído.<sup>130</sup>

Murad aponta quatro mega-indicadores que, fundamentados em posturas éticas, configuram a espiritualidade organizacional: 1) modelo de gestão compartilhada e qualidade das relações com aprendizado mútuo; 2) valorização dos colaboradores em a sua vida pessoal, afetiva e familiar, com socialização dos valores da empresa e inclusão social; 3) postura de honestidade, justiça e ética com clientes e fornecedores; 4) compromisso com a sustentabilidade do planeta, através de conceitos como ecoeficiência e gestão ambiental, somados ao compromisso efetivo das organizações com as causas sociais visando a superação da pobreza, da marginalidade e o reequilíbrio dos ecossistemas.

Segundo Murad, “gestão é a competência e a arte para gerenciar processos e liderar pessoas, em vista da missão de qualquer organização. Espiritualidade, por sua vez, é o processo de experiência da fé, pessoal e comunitária, que motiva as ações e alimenta as

---

<sup>128</sup> Segundo o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, “magia” designa a “arte, ciência ou prática baseada na crença de ser possível influenciar o curso dos acontecimentos e produzir efeitos não naturais, irregulares e que não parecem racionais, valendo-se da intervenção de seres fantásticos e da manipulação de algum princípio controlador oculto supostamente presente na natureza, seja por meio de fórmulas rituais ou de ações simbólicas metodicamente efetuadas”. HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Melo (Org.). **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, vid. “magia”. MONTERO, 1986, p. 21.

<sup>129</sup> MURAD, Afonso. **Gestão e Espiritualidade**. Uma Porta Entreaberta. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 135.

<sup>130</sup> MURAD, 2007, p. 128-138.

convicções mais profundas”.<sup>131</sup> A tensão produtiva entre gestão e espiritualidade se estabelece a partir das relações de qualidade entre gestores, colaboradores, empresa, clientes, fornecedores, acionistas e comunidade local, na colaboração para uma sociedade justa e sustentável. A espiritualidade confere sabor e qualidade à gestão, indicando o rumo a ser seguido, os valores em que se apoia e o legado deixado às futuras gerações.<sup>132</sup>

Afonso Murad possui uma visão sobre a espiritualidade nas empresas que o enquadra no horizonte de reflexão da práxis social, sem desconsiderar os benefícios à empresa. Murad não está preocupado necessariamente com a performance empresarial, mas com a vida das pessoas nas organizações, com um desenvolvimento empresarial sustentável, de acordo com o Evangelho, com a qualidade das relações, com a aprendizagem e a gestão compartilhada, com a inclusão social, com a postura ética, com a preservação de valores, com a gestão social e ambiental na configuração de uma empresa humanizada.

Segundo Robbins, algumas características de empresas espiritualizadas são: **a) *sensu de propósito***: o lucro é importante, mas não é o valor essencial de uma empresa espiritualizada. Oferecer produtos e serviços com qualidade, ética e responsabilidade social seria o início de uma empresa espiritualizada, preocupada com a saúde e o bem estar de seus funcionários, clientes, fornecedores, e comunidade local; **b) *foco no desenvolvimento individual***: organizações espiritualizadas reconhecem o valor do ser humano e ajudam a desenvolvê-lo, oferecendo segurança e estabilidade, ajudando as pessoas a encontrar sentido na vida profissional; **c) *confiança e transparência***: organizações espirituais são caracterizadas pela confiança mútua entre seus membros, pela honestidade e transparência; **d) *fortalecimento do trabalhador***: uma a autonomia que produz aprendizado e crescimento, levando a decisões conscientes e sensatas; **e) *tolerância***: a organização espiritual não reprime as emoções, mas permitem que sejam autênticas, manifestando humor e sentimento sem culpa nem medo de repressão. Estas são algumas características de empresas espiritualizadas.<sup>133</sup>

---

<sup>131</sup> MURAD, 2007, p. 140-155.

<sup>132</sup> MURAD, 2007, p. 156.

<sup>133</sup> ROBBINS, Stephen. **Fundamentos do Comportamento Organizacional**. 7ª ed. São Paulo: Prentice Hall, 2004, p. 252-255.

## 1.7 Resultados Preliminares

A abordagem descritiva do tema “espiritualidade nas empresas” confirma a existência de, pelo menos, dois horizontes de reflexão sobre o tema: **a)** das concepções sobre espiritualidade no horizonte de uma *práxis social de caráter religioso*<sup>134</sup> e **b)** das concepções sobre espiritualidade no horizonte de uma *instrumentalização da espiritualidade na gestão organizacional*.<sup>135</sup> Ambas se entrelaçam nas reflexões e possuem argumentos sobre o bem estar do ser humano no trabalho e sobre os resultados positivos que a espiritualidade pode oferecer às empresas como instituições lucrativas. O que as distingue significativamente é o foco com que cada uma aborda o tema da espiritualidade nas empresas: a *práxis social de caráter religioso* está voltada às questões humanas, existenciais, sociais e políticas dos sujeitos nas organizações; já a *instrumentalização da espiritualidade na gestão empresarial* está voltada à performance e desempenho organizacional, concebendo o sujeito trabalhador como ativo do desenvolvimento econômico.

Hipoteticamente, haveria uma terceira perspectiva em relação ao tema da espiritualidade nas empresas: a do proselitismo religioso. Mas os artigos analisados não dão respaldo a esta hipótese. As práticas religiosas vividas em empresas não visam fazer prosélitos a qualquer religião, mas sim à performance organizacional pela adoção de crenças religiosas na filosofia e cultura empresarial. Em última análise, o que se poderia chamar de “proselitismo religioso” se trata de uma apropriação da religião na gestão organizacional:

Procuramos viver um dos maiores ensinamentos bíblicos, que é tratar os outros de maneira justa, como nós mesmos gostaríamos de ser tratados. A parte espiritual numa empresa é essencial. Ninguém mais se lembra de agradecer a Deus, a não ser nas empresas cujos líderes são mais religiosos. Religião, aliás, cada um tem a sua. O importante é acreditar em alguma coisa, ter espiritualidade. Eu sou católico. Vou à missa e sigo os valores da minha igreja. Não há um espaço na Serasa que não tenha um crucifixo e não tenha recebido a bênção. Todos os anos realizamos uma missa de ação de graças. Ninguém é obrigado a participar, nem a seguir minha religião. Mas todos devem ter alguma espiritualidade. Isso faz as pessoas felizes e isso faz a empresa crescer.<sup>136</sup>

---

<sup>134</sup> *Práxis*: totalidade dos atos culturais de personalidades centradas que, como membros de grupos sociais, atuam umas sobre as outras e sobre si mesmas; *práxis* como autocriação da vida na pessoa e na comunidade. TILLICH, 2005, p. 525. KIVITZ, 2007, p. 91-128.

<sup>135</sup> KIVITZ, 2007, p. 96-128.

<sup>136</sup> LUCCA, Élcio Anibal. As 100 Melhores Empresas. Porque Ela é a Melhor. A Serasa, campeã da lista, é uma empresa que se pauta pela filosofia cristã... **Revista Época**. Entrevista concedida a Gisela Sekeff. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDR75157-6012,00.html>>. Acesso em: 21 nov. 2008.

Diante destas constatações, depreende-se que as concepções sobre a espiritualidade nas empresas se configuram em algo como um rizoma, composto por muitos fios condutores. O tema abarca diferentes pontos de vista sobre um mesmo fenômeno, demonstrando uma pluralidade de concepções estabelecidas a partir de diferentes cosmovisões.

Por outro lado, a partir da revisão bibliográfica é possível constatar que a relevância da espiritualidade nas empresas se dá, basicamente, na dinâmica de cinco modelos: **a)** na preservação de valores humanos que transcendam à mensuração dos valores econômicos, com abertura a uma dimensão sagrada e transcendente da experiência; **b)** na significação e no sentido atribuídos ao trabalho, com liberdade à expressão da subjetividade e motivação pela realização pessoal e profissional; **c)** no alinhamento entre os valores individuais e organizacionais, objetivando o comprometimento pessoal na missão empresarial e a satisfação pessoal em fazer parte de determinada organização; **d)** na dimensão comunitária de relações significativas, menos utilitaristas, instrumentais e verticalizadas, em uma comunidade empresarial ética e sustentável; **e)** no horizonte de relações significativas da empresa com a sociedade, desenvolvendo seus produtos e serviços com qualidade, ética, transparência e responsabilidade social e ambiental, gerando um desenvolvimento sustentável sem desconsiderar o lucro como medida de desenvolvimento.

O que chama atenção é uma evidente tentativa de se colocar em paralelismo a espiritualidade e as religiões através de discursos repletos de termos como “essência”, “sagrado”, “ser superior”, “transcendência”, “centelha divina”, “algo último”, numa linguagem religiosa como substrato do tema espiritualidade nas empresas. Mesmo na pretensão de se estabelecer uma completa cisão entre espiritualidade e religião, é possível observar discursos permeados de concepções místicas sobre espiritualidade num quadro de linguagem e concepções religiosas.<sup>137</sup>

---

<sup>137</sup> FIORES; GOFFI, 1989, p. 346-354. SCHWERINER, 2007, p. 98. “Espiritualidade nada tem a ver com uma crença, dogmas ou verdades absolutas. Ela é a sua capacidade de sentir a conexão universal que nos une e que dá sentido e ordem ao mundo em que vivemos”. ALMEIDA, Eduardo. **Espiritualidade organizacional: a conexão que faltava.** Disponível em: <<http://www.algosobre.com.br/comportamento/espiritualidade-organizacional-a-conexao-que-faltava.html>>. Acesso em: 12 nov. 2008.

## 2 ESPIRITUALIDADE: A EFETIVAÇÃO DA VIDA NA DIMENSÃO DO ESPÍRITO HUMANO

O presente capítulo desenvolve uma compreensão teológica sobre espiritualidade como a unidade das funções de integração, de criatividade e de transcendência da vida na dimensão do espírito humano, efetivas em atos morais, culturais e religiosos, no horizonte do que Paul Tillich compreendeu como auto-efetivação da vida na dimensão do espírito humano. A base de reflexão neste desenvolvimento é a afirmação de Tillich de que “*espiritualidade é a unidade da dinâmica e da forma nos atos morais e culturais do ser humano*”.<sup>138</sup>

Segundo Tillich, a vida se auto-efetiva pelas funções ou movimentos de auto-integração, de autocriatividade e de autotranscendência da vida em todas as suas esferas e dimensões, nos âmbitos do inorgânico, do orgânico e do histórico. As funções ou movimentos da auto-efetivação da vida são constituídas pela atualização de cada dupla de elementos ontológicos em sua relação de polaridade: na auto-integração da vida prevalece a relação polar de *individualização e participação*; na autocriatividade da vida prevalece a relação polar de *dinâmica e forma*; na autotranscendência da vida prevalece a relação polar de *liberdade e destino*. A auto-integração resiste à desintegração da vida; a autocriatividade resiste à destruição da vida; a autotranscendência resiste à profanação da vida. A auto-integração é regida sob o princípio de centralidade do ser; a autocriatividade é regida sob o princípio do crescimento e a autotranscendência é regida sob o princípio do “sublime”.

Na afirmação de que “*espiritualidade é a unidade da dinâmica e da forma nos atos morais e culturais do ser humano*”,<sup>139</sup> Tillich está afirmando uma unidade de relação polar entre elementos ontológicos que estruturam e configuram o *ser* e a realidade: *forma* é um elemento ontológico que designa intenção ou *atos* nos quais se dão os conteúdos do *ser* na

---

<sup>138</sup> TILLICH, Paul. **Teologia Sistemática**. 5. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2005, p. 189.

<sup>139</sup> TILLICH, 2005, p. 189.

existência. *Dinâmica* é o elemento ontológico contido na *forma* que a impulsiona para uma nova *forma*, preservando a sua unidade originária. Portanto, *dinâmica* é algo que mantém a vida em crescimento, desenvolvimento e vitalidade criativa, que *trans-forma* as *formas* em novas *formas*. Metaforicamente, é possível imaginar a *forma* como um ser humano, e a *dinâmica* como a sua vitalidade criativa que o impulsiona a um novo ser, com novas idéias, novas práticas, novas atitudes, em um novo ser, sem perder sua forma original humana.

Os elementos *dinâmica* e *forma* se constituem numa relação polar que estabelece o processo de *autoconservação* e *auto-alteração* do *ser*. A conservação é dirigida pela *forma*; a alteração é dirigida pela *dinâmica*. A unidade destes elementos resiste à deformação e destruição da vida.<sup>140</sup> No ser humano, a *forma* designa as intenções ou atos humanos que configuram a existência na apreensão, compreensão, significação e formação da realidade em que se vive. A *dinâmica* é a força criativa, a potencialidade de vida contida na *forma* que resiste à desintegração do ser não permitindo que a *forma* se esgote em si mesma e se *deforme*. Analogamente, a *forma* aponta à objetividade, a *dinâmica* à subjetividade.<sup>141</sup>

Ao citar a espiritualidade nos atos morais e culturais, Tillich a inscreve na inter-relação das funções da auto-efetivação da vida na *dimensão do espírito humano*, efetiva nos atos morais, culturais e religiosos. Assim, Tillich atribui um caráter existencial à espiritualidade, não a esgotando em uma mera composição de elementos ou contingência, compreendendo-a como algo vivo, dinâmico e criativo que leva o ser humano ao encontro de uma *nova realidade* na superação da alienação existencial e das ambigüidades da vida.

Os pontos subseqüentes fundamentam estas idéias, desenvolvendo a compreensão do que se pode chamar de escopo da espiritualidade em Paul Tillich. Para a devida compreensão destas idéias, é necessário compreender a estrutura ontológica básica e seus elementos; o confronto do ser humano com a consciência de sua finitude e a pergunta por Deus; a unidade multidimensional da vida; o espírito humano como a unidade de poder e sentido; a função dos elementos ontológicos na efetivação da vida; as funções da auto-efetivação da vida na

<sup>140</sup> TILLICH, 2005, p. 188-191. ARMBRUSTER, Carl S. J. **El Pensamiento de Paul Tillich**. Santander: Editorial Sal Terrae, 1967, p. 137,138.

<sup>141</sup> HIGUET, Etienne Alfred. Saúde, Cura e Salvação no Pensamento de Paul Tillich. Sociedade Paul Tillich do Brasil. Disponível em: <<http://www.angelfire.com/sc/paultillich/artigo3.html>>. Acesso em: 25 nov. 2008. JOSGRILBERG Rui de Souza. Ser e Deus: como Deus é recebido, por revelação, em nossa experiência? **Estudos de Religião**, n. 10. Paul Tillich: Trinta Anos Depois. São Bernardo do Campo: Instituto Metodista de Ensino Superior, 1995, p. 63.

dimensão do espírito humano em sua relação com os atos morais, culturais e religiosos; a *teonomia*, como a unidade de cultura e religião na consciência de sentido.

Paul Tillich viveu entre os séculos XIX e XX (★20/8/1886 †22/10/1965), entre duas guerras mundiais, sofrendo a repressão dos sistemas totalitários. Era filho de pastor luterano. Cursou filosofia em Tübingen e teologia em Halle, concentrando suas pesquisas na filosofia alemã, especialmente, em Schelling, influenciado pelo romantismo e poesia alemães (especialmente Goethe), tanto quanto pelo luteranismo. De modo significativo, Tillich foi influenciado por Sören Kierkegaard (1813-1855) no rompimento da perspectiva idealista de ocultamento das ambigüidades da existência, defendida pela filosofia essencialista de Friedrich Hegel (1770-1831). Influenciado por Karl Marx (1818-1883), Tillich criticou o caráter ideológico do idealismo alemão na sua exaltação às estruturas de poder totalitário, que pretendiam um sistema fechado e harmonioso na unidade nacionalista alemã. De Friedrich Nietzsche (1844-1900), Tillich absorveu a concepção da afirmação extática da existência e a noção de afirmação da vida. Entre o pensamento de Martin Heidegger (1889-1976) e Tillich haviam muitas semelhanças, pois Heidegger reuniu elementos das filosofias da existência de Schelling, Kierkegaard e Nietzsche, que são as principais fontes de Tillich.<sup>142</sup>

Como capelão militar na Primeira Guerra Mundial, Tillich teve a oportunidade de um amadurecimento pessoal na formação de seu posicionamento político e de sua consciência crítica, revisando seu pensamento em relação ao que compreendia anteriormente como uma fusão entre o Cristianismo e o humanismo mediado pela filosofia clássica alemã. Atuando por quatro anos (1914-1918) como capelão militar na guerra, Tillich reformulou sua visão de Igreja e mundo, percebendo que o sonho da unidade alemã estava minado pela distinção de classes sociais. Também percebeu que as massas industriais compreendiam a Igreja como aliada aos grupos dominantes. É preciso frisar que Tillich era crítico à Igreja de seu tempo, mas permanecia fiel à ela. Com o colapso do império germânico, Tillich também assumiu a revolução socialista cristã, participando na articulação de um socialismo religioso numa integração com as massas operárias, demonstrando a dimensão religiosa necessária aos ideais dos trabalhadores.<sup>143</sup>

---

<sup>142</sup> RIBEIRO, Claudio de Oliveira. Teologia no Plural... **Correlatio**. n. 3. São Bernardo do Campo. Disponível em: <<http://www.metodista.br/ppc/correlatio/correlatio03/teologia>>. Acesso em: 12 nov. 2008.

<sup>143</sup> RIBEIRO, 2008.



Tillich esteve muito próximo das concepções de Theodor Adorno e Max Horkheimer, do Instituto de Pesquisas Sociais da Escola de Frankfurt.<sup>144</sup> Foi orientador da tese de Adorno e amigo íntimo de Horkheimer. Ao lado da vida política, também se interessava pela criatividade, pelas artes, com especial atenção ao expressionismo, sendo um crítico da burguesia.

De 1919 a 1924, Tillich lecionou filosofia da religião em Berlim, período no qual estabeleceu as bases de sua Teologia da Cultura. De 1924 a 1925 lecionou teologia em Marburgo e estabeleceu seus primeiros escritos sobre sua Teologia Sistemática, publicada em 1951, nos EUA. De 1925 a 1929, lecionou teologia em Dresden e Leipzig, e de 1929 a 1933 em Frankfurt. No mesmo ano de 1933, com a chegada de Hitler ao poder, Tillich sofreu a repressão nazista por sua crítica social e atenção às minorias perseguidas pelo totalitarismo nazista. Seu artigo “A decisão Socialista” (1933) – no qual acusava a natureza demoníaca e ideológica do Nacional Socialismo e sua destruição das pessoas e da humanidade – resultou na sua expulsão da cátedra de Frankfurt e conseqüente migração aos EUA, aos 47 anos.

Após ter sido recebido nos EUA, acolhido pelo teólogo Reinhold Niebuhr e por Horace Friess, do Departamento de Filosofia da Universidade de Columbia, Tillich se integrou ao *Union Theological Seminary* de New York, onde lecionou Filosofia da Religião e Teologia Sistemática por mais de vinte anos. Durante este período, pode voltar à Europa participando de conferências e dialogando com pensadores de diferentes áreas do conhecimento, como Karl Barth, Erich Fromm, Theodor Adorno, Max Horkheimer e Mircea Eliade. Tillich colaborou com o Departamento de Filosofia da *Columbia University*, ministrando cursos e seminários; apresentou conferências na *New School of Social Research*, de Nova York, e se integrou com professores americanos e alemães no *Philosophy Club* e no *Theological Discussion Group*, sempre se mantendo conectado e inserido nas questões sociais da Alemanha. Em 1952, Tillich publicou um ensaio filosófico intitulado *The Courage To Be* (*A Coragem de Ser*), que lhe rendera prestígio na sociedade acadêmica norte-americana.

De 1955 a 1962, trabalhou na *Harvard University*, onde obteve forte reconhecimento dos círculos intelectuais norte-americanos em suas várias publicações, algumas anteriormente publicadas em pequenos artigos. Dentre suas principais obras deste período se destacam: *The New Being* (O Novo Ser) (1955), *Biblical Religion and Search for Ultimate Reality* (Religião

---

<sup>144</sup> MÜELLER, Enio R. Contatos e Afinidades de Paul Tillich com a Escola de Frankfurt. **Correlatio**, n. 04. Disponível em: <<http://www.metodista.br/ppc/correlatio/correlatio04/>>. Acesso em 27 nov. 2008

Bíblica e a Busca da Realidade Última) (1955), *The Eternal Now* (O Eterno Agora) (1956), *Dynamics of Faith* (Dinâmica da Fé) (1957) e *Theology of Culture* (Teologia da Cultura) (1959). Também desse período é a reedição, agora com maior divulgação, de *The Religious Situation* (A Situação Religiosa) (1956).

Após o período em Harvard, Tillich recebeu o convite para trabalhar na Universidade de Chicago (1962-1965), já no final de sua vida. Publicou obras de destaque como *Morality and Beyond* (Moralidade e Algo Mais) (1963) e *The Christianity and the Encounter of the World Religions* (O Cristianismo e o Encontro das Religiões do Mundo) (1963). *The Significance of the History of Religions for the Systematic Theologian* (O Significado da História das Religiões para o Teólogo Sistemático), foi publicada postumamente em *The Future of Religions* (O Futuro das Religiões) (1966).<sup>145</sup>

A abertura de Tillich ao diálogo entre cultura e religião é um dos motivos por tê-lo escolhido como referencial teórico na pesquisa. Tillich elaborou uma teologia da cultura, compreendendo a religião como substância da cultura e a cultura como forma da religião. Sem dúvida, na perspectiva de Tillich, o tema da espiritualidade está profundamente envolvido tanto pela cultura como pela religião. Tillich fazia uma análise crítica da realidade sócio-política e econômica de seu tempo, e o critério a partir do qual olhava para essa realidade era o sentido de profundidade última e de incondicionalidade atribuídos à vida.

## 2.1 Ontologia tillichiana

### 2.1.1 Estrutura ontológica básica: a relação entre eu e mundo

A estrutura ontológica básica é a relação complexa entre o ser humano e seu mundo:

O ser humano está consciente das estruturas que tornam possível a cognição. Ele vive nelas e atua através delas. [...] Elas são o próprio ser humano [...] a interdependência do eu profundo e do mundo é a estrutura ontológica básica. Ela implica todas as demais [...] o eu sem o mundo é vazio; o mundo sem o eu é morto.<sup>146</sup>

Segundo Tillich, o ser humano é capaz de olhar para o mundo apreendendo e significando a realidade em que vive. Pela linguagem é capaz de transcender seu ambiente e

<sup>145</sup> RIBEIRO, 2008.

<sup>146</sup> TILlich, 2005, p. 178,181.

de ultrapassar as fronteiras de toda situação dada. Isso somente é possível porque é um ser completamente desenvolvido e plenamente centrado, que possui a si mesmo na forma de autoconsciência, em profunda interdependência e complementaridade com seu mundo.

O ser humano não somente é capaz de conhecer, apreender e significar a realidade, como também de prever as condições da experiência que constituem a realidade, no horizonte da ação, direção e destino da história humana.<sup>147</sup> Mas, para compreender o seu mundo, o ser humano precisa fazer um movimento de distanciamento e desprendimento de seu mundo, ou melhor, distanciamento das estruturas que limitam e cerceiam a vida, às quais deverá transcender. Tillich chama este processo de “separação do mundo”:

Quando o ser humano olha para seu mundo, ele se percebe como uma parte infinitamente pequena de seu mundo. Embora seja o centro da perspectiva, ele se torna uma partícula daquilo que está centrado nele, uma partícula do Universo. Esta estrutura capacita o ser humano a encontrar-se a si mesmo. Sem seu mundo, o eu seria uma forma vazia. A autoconsciência careceria de conteúdo, pois todo conteúdo, psíquico e corporal, encontra-se no interior do Universo. Não existe autoconsciência sem consciência do mundo. [...] O ser humano deve estar completamente separado de seu mundo para poder olhá-lo como um mundo. Caso contrário, ele permaneceria preso ao ambiente.<sup>148</sup>

A relação eu-mundo está implicada, necessariamente, na interdependência do ser humano em relação ao outro e ao ambiente em que vive. Não existe ser isolado. Cada ser humano é dependente de um ambiente biológico e de um sistema que lhe forneça algum sentido e razão para sua existência. Todo ser é parte de algo e parte de um todo; a interação entre as partes e o todo constitui as relações. Na relação, o indivíduo toma consciência de si, reconhecendo a si mesmo e ao outro como sujeitos que moldam o seu mundo e são moldados por ele.<sup>149</sup>

A estrutura ontológica básica identifica que o sujeito não pode ser compreendido de forma isolada. Na medida em que participa do mundo, o ser humano é capaz de compreendê-lo, de significá-lo e também de transformá-lo. O ser humano se constitui na relação consigo mesmo, com o outro e com o mundo no qual participa, do qual faz parte e do qual é capaz de se desprender para compreendê-lo, transcendendo suas limitações e imperfeições, suas formas estagnadas e deformadas.

---

<sup>147</sup> JOSGRILBERG, 1995, p. 58.

<sup>148</sup> TILLICH, 2005, p. 181.

<sup>149</sup> TILLICH, 2005, p. 184.

### 2.1.2 Individualização e participação

O indivíduo participa de seu ambiente numa pequena porção da realidade e, se completamente individualizado em sua centralidade, transcende e participa do mundo que está para além de seu ambiente. De forma limitada, participa do Universo, de acordo com as estruturas, formas e leis universais que apreende e configura:

Os universais tornam o ser humano universal; a linguagem demonstra que ele é um microcosmo. Através dos universais, o ser humano participa das estrelas mais remotas e do mais remoto passado. Esta é a base ontológica para a afirmação de que o conhecimento é união e está enraizado no eros que reúne elementos que essencialmente se pertencem uns aos outros.<sup>150</sup>

A participação é essencial na constituição do ser pessoa: por um lado, ela indica o enraizamento do ser humano no humano, por outro, indica a comunhão como condição essencial para a vida humana e seu pleno desenvolvimento:

Quando a individualização alcança a forma perfeita que chamamos de “pessoa”, a participação alcança a forma perfeita que chamamos de “comunhão”. O ser humano participa de todos os níveis da vida, mas só participa plenamente daquele nível de vida que é ele mesmo – ele só tem comunhão com pessoas. Comunhão é participação em outro eu completamente centrado e completamente individual. Neste sentido, a comunhão não é algo que um indivíduo possa ter ou deixar de ter. A participação não é acidental para o indivíduo; é essencial. Não existe indivíduo sem participação, e não existe ser pessoal sem ser comunitário. A pessoa como eu individual plenamente desenvolvido é impossível sem outros eus plenamente desenvolvidos.<sup>151</sup>

Na polaridade de individualização e participação, dá-se um processo de resistência no qual o indivíduo afirma a si mesmo e se constitui na relação em comunhão com as outras pessoas. Se um indivíduo não quiser destruir a outra pessoa, ele deverá entrar em comunhão com ela; de outro modo, se não fosse a resistência em ser transformado pelo outro, o ser pessoa seria aniquilado: “as pessoas só podem crescer na comunhão do encontro pessoal”.<sup>152</sup>

O conceito de participação cumpre muitas funções. Um símbolo participa da realidade que ele simboliza; quem conhece participa do conhecido; o amante participa do amado; o existente participa das essências que o tornam aquilo que é sob as condições da existência; o indivíduo participa do destino de separação e culpa; o cristão participa do Novo Ser tal como se manifesta em Jesus o Cristo. Em

---

<sup>150</sup> TILLICH, 2005, p. 186.

<sup>151</sup> TILLICH, 2005, p. 186.

<sup>152</sup> TILLICH, 2005, p. 186.

polaridade com a individualização, a participação subjaz à categoria de relação como um elemento ontológico básico. Sem a individualização, nada existiria que pudesse ser relacionado. Toda relação implica um tipo de participação. E isso vale inclusive para a indiferença ou a hostilidade. Nada pode fazer com que sejamos hostis àquilo em que, de uma ou outra maneira, não participamos, embora talvez somente na forma de exclusão. E nada pode produzir nossa atitude de indiferença se sua existência já não fez algum tipo de diferença para nós. O elemento de participação garante a unidade de um mundo desintegrado e torna possível um sistema universal de relações.<sup>153</sup>

### 2.1.3 Dinâmica e forma

Segundo Tillich, “ser algo, significa ter uma forma. Forma é o conteúdo, a essência de todo ser. O conteúdo do ser não pode ser separado ou distinguido da forma”.<sup>154</sup> A *forma* é o meio pelo qual se dá o conteúdo de tudo aquilo que *é*. A dinâmica preserva a forma em seu conteúdo e cria nela a vitalidade que a estrutura e transforma em seu conteúdo, de maneira que a *forma* não se esgote em si mesma e não se deforme.

*Dinâmica* é o elemento ontológico em contraste polar com a *forma*, paradoxalmente, justaposta à forma. A forma conforma a dinâmica: dinâmica não pode ser pensada como algo que *é*, tampouco como algo que não *é*: “ela é o *me on*, a potencialidade do ser, que é não-ser em contraste com as coisas que têm uma forma e é o poder de ser em contraste com o puro não-ser”.<sup>155</sup>

[Dinâmica] aparece nas especulações metafísicas, como Urgrund (Böhme), vontade (Schopenhauer), vontade de poder (Nietzsche), o inconsciente (Hartmann, Freud), élan vital (Bergson), impulso (Scheler, Jung). Cada um deles aponta simbolicamente para aquilo que não podemos nomear. Se pudessemos nomeá-lo propriamente, seria um ser com forma ao lado de outros seres. Não seria um elemento ontológico em contraste polar com o elemento de pura forma. É injusto, pois, criticar estes conceitos à base de seu sentido literal. A “vontade” de Schopenhauer não é a função psicológica chamada “vontade”. E o “inconsciente” de Hartmann e Freud não é um “espaço” que possa ser descrito como se fosse um porão cheio de coisas que antes estavam nos quartos do andar superior, onde brilha o sol da consciência. O inconsciente é mera potencialidade, e não se deveria representá-lo à imagem do real.<sup>156</sup>

<sup>153</sup> TILlich, 2005, p. 186.

<sup>154</sup> TILlich, 2005, p. 188.

<sup>155</sup> TILlich, 2005, p. 188.

<sup>156</sup> TILlich, 2005, p. 188,189.

Na experiência humana, a dinâmica indica a vitalidade, o poder de vida e crescimento do ser humano, enquanto a forma indica a compreensão e formação da realidade por meio de estruturas universais e com sentido:<sup>157</sup>

[...] vitalidade é o poder que mantém um ser vivo com vida e crescimento. O élan vital da substância viva [dinâmica] é o impulso criador de novas formas em tudo o que vive. [...] A vitalidade, no sentido pleno da palavra, é humana porque o ser humano possui intencionalidade. O elemento dinâmico no ser humano está aberto em todas as direções; ele não está sujeito a nenhuma estrutura a priori limitante. O ser humano é capaz de criar um mundo para além do mundo dado; ele cria os domínios técnico e espiritual. A dinâmica da vida subumana permanece dentro dos limites da necessidade natural, apesar das variações infinitas que produz e apesar das novas formas criadas pelo processo evolutivo. Só no ser humano a dinâmica vai além da natureza. Esta é a vitalidade humana, e, portanto, o ser humano é o único ser que possui vitalidade no sentido pleno do termo.<sup>158</sup>

A citação de Tillich indica que o ser humano é capaz de transcender a toda e qualquer situação – inclusive a si mesmo – através de seus questionamentos, de suas buscas, de seus sonhos, utopias, idealizações, reconfigurando e transformando a sua própria realidade. Neste sentido, a idéia de transcendência é pressuposta pela dinâmica, enquanto a idéia de autoconservação é pressuposta pela forma. A dinâmica é uma atividade direcionada que transcende a si mesma na direção de conteúdos significativos, enquanto a forma designa a autoconservação do ser completamente centrado. A forma comporta a dinâmica como a potencialidade de vida que avança para além de si mesma, para além da pura forma, para além de seu ambiente e de sua realidade no mundo dado, na medida em que une sua intencionalidade à vitalidade criativa.

Vitalidade, potência de vida, está correlacionada com o tipo de vida a que dá potência. A potência de vida do homem não pode ser vista separadamente daquilo que os filósofos medievais chamavam de ‘intencionalidade’, a relação com as significações. A vitalidade do homem é tão grande quanto sua intencionalidade; são interdependentes. Isto torna o homem o mais vital de todos os seres. Ele pode transcender a qualquer situação dada, em qualquer direção, e esta possibilidade o leva a criar além dele mesmo. Vitalidade é o poder de criar além de si próprio. [...] Só o homem possui vitalidade completa, porque só ele tem intencionalidade completa. Definimos intencionalidade como ser dirigido para conteúdo significativo. O homem vive em significação, naquilo que é válido lógica, estética, ética, religiosamente. Sua subjetividade está impregnada de objetividade. Em cada encontro com a realidade as estruturas do eu e do mundo estão presentes interdependentemente. A expressão mais fundamental deste fato é a linguagem que

<sup>157</sup> TILlich, 2005, p. 189. ARMbruster, 1967, p. 138.

<sup>158</sup> TILlich, 2005, p. 189.

fornece ao homem o poder de abstrair do concretamente dado e, após haver abstraído dele, voltar a ele, interpretá-lo e transformá-lo.<sup>159</sup>

A pura forma sem dinâmica tende à deformação e aniquilamento. Um ser humano sem dinâmica, o elemento de vitalidade e poder de transformação, seria algo parecido com uma coisa inanimada. Entretanto, é impossível imaginar o ser humano sem o elemento dinâmica, pois este é um elemento ontológico implícito na condição humana, assim como todo outro ser que possui uma existência concreta, como aquilo que *é* em oposição ao *não-ser*. O crescimento do indivíduo é o melhor exemplo de autoconservação e autotranscendência sobre si mesmo no irrompimento de uma nova forma do ser:

O caráter dinâmico do ser implica a tendência de tudo a se transcender a si mesmo e criar novas formas. Ao mesmo tempo, tudo tende a conservar sua própria forma como a base de sua autotranscendência [...] A inibição do crescimento acaba destruindo finalmente o ser que não cresce. Um crescimento mal dirigido destrói a si mesmo e àquilo que transcende a si mesmo sem autoconservação.<sup>160</sup>

Sobre a base de autoconservação, o ser pode transcender culturalmente a qualquer situação, estabelecendo novos domínios em um novo mundo de instrumentos técnicos e formas culturais com validade e sentido. O ser humano transcende a si mesmo enquanto gera e transforma as formas nas quais vive. Essa transcendência é biologicamente condicionada, mas ilimitada na cultura:

Qualquer passo para além dessa estrutura biológica, que torna possível a intencionalidade e a historicidade, seria um retrocesso, um falso crescimento e uma destruição do poder de autotranscendência cultural ilimitada que possui o ser humano.<sup>161</sup>

É na unidade da relação entre *dinâmica* e *forma* onde se encontra uma primeira base da espiritualidade no pensamento de Paul Tillich. No ser humano, a *dinâmica* é a sua vitalidade criativa, o seu poder de vida e crescimento; a *forma* é o ato, a intencionalidade, na direção do ser para conteúdos significativos na apreensão, compreensão e a formação da realidade através de estruturas com sentido.<sup>162</sup> Por sua vez, estas estruturas são criadas de acordo com a liberdade humana e o destino que se configura pela sua deliberação nestas estruturas.

---

<sup>159</sup> TILlich, 1972, p. 62.

<sup>160</sup> TILlich, 2005, p. 190.

<sup>161</sup> TILlich, 2005, p. 191.

<sup>162</sup> ARMBRUSTER, 1967, p. 138. TILlich, 1972, p. 61-65.

### 2.1.4 Liberdade e destino

Conforme Paul Tillich, “o ser humano é humano porque tem liberdade, mas só tem liberdade em uma interdependência polar com o destino”.<sup>163</sup> Ele entende *liberdade* como ato deliberativo com decisão e responsabilidade, recusando a polaridade entre um determinismo mecanicista e uma contingência indeterminada, que descrevem *liberdade* como uma qualidade da vontade. Na *liberdade*, a decisão implica na exclusão de possibilidades, às quais a pessoa deverá ter transcendido na deliberação:

Ambas as partes conflitantes [determinismo mecanicista e contingência indeterminada] pressupõe que, entre outras coisas, existe uma coisa chamada “vontade”, que pode ter ou não a qualidade de liberdade. Mas, por definição, uma coisa, como objeto completamente determinado, carece de liberdade. A liberdade de uma coisa é um oxímoro. Portanto, o determinismo sempre está correto neste tipo de discussão. Mas está correto porque, em última análise, expressa a tautologia de que uma coisa é uma coisa. O indeterminismo protesta contra a tese determinista, sublinhando o fato de que a consciência moral e a cognitiva pressupõem a possibilidade de tomar decisões responsáveis. Contudo, quando tira as conseqüências disso e atribui liberdade a um objeto ou a uma função chamada “vontade”, o indeterminismo cai em contradição e sucumbe inevitavelmente à tautologia determinista. A liberdade indeterminista é a negação da necessidade determinista. Mas a negação da necessidade nunca constitui a liberdade vivenciada. Ela afirma algo absolutamente contingente, uma decisão sem motivação, um acidente ininteligível, totalmente incapaz de fazer justiça à consciência moral e cognitiva por cuja causa é inventada. Tanto o determinismo quanto o indeterminismo são teoricamente impossíveis porque negam, por implicação, sua reivindicação de expressar a verdade. A verdade pressupõe uma decisão pelo verdadeiro contra o falso. Ambos, o determinismo e o indeterminismo, tornam tal decisão ininteligível.<sup>164</sup>

Para Tillich, *liberdade* não é uma função da vontade, mas de um eu centrado e completo que atua deliberativamente sobre a realidade:

Dever-se-ia falar da liberdade do ser humano, indicando que cada parte e cada função que constitui o ser humano como um eu pessoal participa de sua liberdade. Isto inclui também as células de seu corpo, na medida em que participam da constituição de seu centro pessoal [...] É a totalidade concreta de tudo o que constitui meu ser que decide, e não um sujeito epistemológico. Isto se refere à estrutura corporal, aos impulsos psíquicos e ao caráter espiritual. Inclui as comunidades às quais pertencço, o passado que recordo e não recordo, o ambiente que me moldou, o mundo que causou um impacto sobre mim. Refere-se a todas as minhas decisões anteriores.<sup>165</sup>

---

<sup>163</sup> TILlich, 2005, p. 191.

<sup>164</sup> TILlich, 2005, p. 192.

<sup>165</sup> TILlich, 2005, p. 193,194.



*Destino* é a realidade que surge da *liberdade*, não como algo imposto ao ser humano, mas como conseqüência de seus atos deliberativos, de suas renúncias e suas escolhas, de seus riscos assumidos e da concretização de suas idealizações. *Destino* é a base onde se estabelece a *liberdade* que configura o destino com toda a determinação do eu centrado: a *liberdade* traça o destino e o *destino* comporta a *liberdade*.

O destino não é um poder estranho que determina aquilo que me irá acontecer. É a minha própria pessoa, tal como dada, formada pela natureza, pela história e por mim mesmo. Meu destino é a base de minha liberdade; minha liberdade participa na configuração de meu destino.<sup>166</sup>

O ser mais vital é o ser que tem a palavra, que é liberado pela palavra da escravidão ao dado. Em cada encontro com a realidade o homem já está além deste encontro. Ele sabe sobre o mesmo, o compara, é tentado por outras possibilidades, antecipa o futuro enquanto relembra o passado. Esta é sua liberdade, e nesta liberdade consiste a potência de sua vida. É a fonte de sua vitalidade.<sup>167</sup>

## 2.2 O confronto com o não-ser e a pergunta por Deus

Para Tillich, a questão da finitude não é propriamente uma questão ontológica na estruturação do ser, mas um conceito que possui um caráter ontológico, reivindicando uma dialeticidade entre *ser* e *não-ser*. Estando consciente da finitude, o ser humano é impulsionado à pergunta pelo *não-ser* e Deus. O problema da finitude é o problema dialético do *não-ser*, porque o ser limitado pelo *não-ser* é a finitude. O *não-ser* é mais do que mera negação de um conteúdo lógico, um juízo no qual se nega uma asserção sobre o ser. O *não-ser* é parte constituinte do ser, pois algo somente pode ser em relação ao *não-ser*: “não pode haver mundo algum se não há uma participação dialética do *não-ser* no ser. [...] O mistério do *não-ser* exige uma abordagem dialética”.<sup>168</sup>

Em Tillich, o problema do *não-ser* é o problema da finitude. O caráter dialético do *não-ser* aponta para a condição de criatura e sua finitude. O *não-ser* dialético apresenta-se como um nada dialético, um nada que aponta para o “ainda não” e para o “não mais” do ser. E isto se aplica a tudo, exceto ao ser-em-si: “como poder de ser, o ser-em-si não pode ter nem

---

<sup>166</sup> TILLICH, 2005, p. 194.

<sup>167</sup> TILLICH, 1972, p. 62,63.

<sup>168</sup> TILLICH, 2005, p. 196.

princípio nem fim. Do contrário, ele teria surgido do não-ser”.<sup>169</sup> O não-ser é a negação de ser no próprio ser; *o ser é o poder de ser que resiste ao não-ser*.<sup>170</sup>

O ser precede o não-ser em validade ontológica, como a própria palavra “não-ser” o indica. O ser é o princípio sem princípio, o fim sem fim. Ele é seu próprio princípio e fim, o poder inicial de tudo quanto é. Contudo, tudo o que participa do poder de ser está ‘mesclado’ com não-ser. É o ser em processo de vir do não-ser e retornar a ele. É finito.<sup>171</sup>

Segundo Tillich, ser algo significa ser finito: “a finitude é experimentada no nível humano; o não-ser é experimentado como ameaça ao ser”,<sup>172</sup> obrigando-o a transcender a si mesmo na consciência de si como um ser finito:

O eu finito se defronta com um mundo; o indivíduo finito possui o poder de participação universal; a vitalidade do ser humano está unida a uma intencionalidade essencialmente ilimitada; como liberdade finita, o ser humano está envolvido em um destino englobante. Todas as estruturas da finitude obrigam o ser finito a transcender-se a si mesmo e, exatamente por essa razão, a tomar consciência de si mesmo como finito.<sup>173</sup>

O infinito, por sua vez, é algo diretivo e não constitutivo: “ele dirige a mente para que esta experimente suas próprias potencialidades ilimitadas, mas não estabelece a existência de um ser infinito”.<sup>174</sup> O infinito nunca está dado como um objeto, antes trata-se de uma manifestação do ser-em-si. Porém, o infinito e o ser-em-si não podem ser igualados, porque o ser-em-si precede o não-ser e sua negação pelo infinito.<sup>175</sup> Em última análise, a resposta à pergunta ontológica – o que é o ser-em-si? – é Deus.<sup>176</sup>

A infinitude é uma exigência, não uma coisa. [...] Como o tempo e o espaço não são coisas, mas formas das coisas, é possível transcender sem exceção alguma todo tempo e todo espaço finitos. Mas isto não estabelece um ser infinito em um tempo e espaço infinitos. A mente pode seguir transcendendo perpetuamente as realidades finitas na direção do macrocosmo ou do microcosmo. Mas a própria mente permanece presa à finitude de seu portador individual. A infinitude é a finitude transcendendo-se a si mesma sem qualquer limite a priori. O poder de autotranscendência infinita é uma expressão do fato de que o ser humano pertence àquilo que está além do não-ser, isto é, ao ser-em-si. A presença potencial do infinito [...] é a negação do não-ser. [...] O ser-em-si não é a infinitude; é aquilo que está

<sup>169</sup> TILlich, 2005, p. 198.

<sup>170</sup> ARMBRUST, 1967, p. 140.

<sup>171</sup> TILlich, 2005, p. 198.

<sup>172</sup> TILlich, 2005, p. 198.

<sup>173</sup> TILlich, 2005, p. 199.

<sup>174</sup> TILlich, 2005, p. 199.

<sup>175</sup> ARMBRUST, 1967, p. 140.

<sup>176</sup> ARMBRUST, 1967, p. 144.

além da polaridade de finitude e autotranscendência infinita. O ser-em-si se manifesta ao ser finito no impulso infinito do finito por transcender a si mesmo. Mas não podemos identificar o ser-em-si com a finitude, isto é, com a negação da finitude. O ser-em-si precede a finitude e precede a negação infinita do finito.<sup>177</sup>

Deus é O Incondicional, a realidade de significado último que ultrapassa as concepções antropomórficas do Deus do teísmo.<sup>178</sup> Deus é a resposta à pergunta implícita na finitude do ser humano. Tudo aquilo que preocupa o ser humano de forma última, torna-se deus para ele. Assim, a preocupação última possui o conflito da experiência com Deus contemplando algo de concreto – seja do âmbito da realidade ou da imaginação – e transcendendo todas as preocupações preliminares, finitas e concretas. A preocupação última carrega consigo o conflito da experiência religiosa de Deus na dinâmica entre o concreto e a ultimidade da preocupação religiosa.<sup>179</sup>

### 2.3 A unidade multidimensional da vida

Conforme Tillich, não há um número específico de dimensões existentes na vida, pois elas são estabelecidas por critérios flexíveis de acordo com cada descrição fenomenológica da realidade.<sup>180</sup> A vida é uma mescla entre essência e existência; potencialidade atualizada e deformações existenciais; de ser e alienação. Vida é um conceito universal aplicado a todos os seres orgânicos e inorgânicos. Para Tillich, é no ser humano onde se encontra a plenitude da unidade multidimensional da vida pois, no ser humano, todas as dimensões, especialmente a espiritual e a histórica, são atuais. Compreende por *unidade multidimensional da vida* a essência de unidade e diversidade da vida que comporta em si

<sup>177</sup> TILLICH, 2005, p. 199.

<sup>178</sup> “O Deus acima de Deus do teísmo está presente, embora oculto, em todo encontro divino-humano. A religião bíblica, tanto como a teologia protestante, está cônica do caráter paradoxal deste encontro. Estão cônica de que se Deus encontra o homem, Deus não é objeto nem sujeito, e portanto acima do esquema o qual forçou o teísmo. Estão cônica de que personalismo com respeito a Deus é equilibrado por uma presença transpessoal do divino. Estão cônica de que o perdão pode ser aceito só se a potência de aceitação é efetiva no homem – falando de maneira bíblica, se a potência da graça é efetiva no homem. Têm consciência do caráter paradoxal de cada oração, de falar com alguém com quem você não pode falar porque ele não é ‘alguém’, de pedir a alguém de quem você não pode pedir nada porque ele dá ou não dá antes de você pedir, de dizer ‘tu’ a alguém que está mais próximo do Eu do que o próprio Eu. Cada um desses paradoxos conduz a consciência religiosa para um Deus acima do Deus do teísmo. A coragem de ser que está enraizada na experiência do Deus acima de Deus do teísmo une e transcende a coragem de ser como uma parte e a coragem de ser como si próprio. Evita a perda de si próprio pela participação e a perda do próprio mundo pela individualização. A aceitação do Deus acima de Deus do teísmo torna-nos uma parte daquilo que não é também uma parte, porém a base do todo.”. TILLICH, Paul. **A Coragem de Ser**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972, p. 144.

<sup>179</sup> TILLICH, 2005, p. 219.

<sup>180</sup> TILLICH, 2005, p. 481.

esferas do orgânico, do inorgânico e do histórico; reinos animal e vegetal; dimensões biológica, psicológica, moral, social, cultural, política, econômica, etc.<sup>181</sup>

O conceito ontológico de vida e sua aplicação universal requerem dois tipos de consideração: a essencialista e a existencialista. A essencialista trata da unidade e diversidade da vida em sua natureza essencial, descrevendo aquilo que se poderia chamar de *unidade dimensional da vida*. Somente compreendendo essa unidade e a relação de suas múltiplas dimensões e âmbitos da vida, se pode analisar corretamente as ambigüidades existenciais de todos os processos da vida, expressando adequadamente a pergunta pela vida sem ambigüidade, ou vida eterna.<sup>182</sup>

Tillich apresenta a vida como um processo e mistura de elementos essenciais e existenciais, comportando o sim da existência e o não de sua negação; a integração de seus elementos e a desintegração de sua estrutura; criatividade e autodestrutividade, transcendência e profanação; divinização e demonização; revelação e obscuridade, não possuindo um sentido preestabelecido ou prefixado. Vida, para Tillich, é a atualidade do ser, a constante efetivação de suas potencialidades. A vida é ambígua e paradoxal, e a existência é alienada.<sup>183</sup>

O que justifica o estabelecimento de uma dimensão da vida revela-se na maneira como se alteram as categorias de espaço, tempo, causalidade e substância. Estas categorias mudam de acordo com cada dimensão. As coisas não estão no tempo e no espaço, mas elas têm um tempo e um espaço em que suas potencialidades se efetivam. [...] Os espaços inorgânico e orgânico são espaços diferentes; os tempos psicológico e histórico são tempos diferentes, e as causalidades espiritual e inorgânica são causalidades diferentes. Isto não significa, porém, que as categorias, por exemplo em seu caráter inorgânico, desapareçam na esfera orgânica ou que o tempo do relógio seja aniquilado pelo tempo histórico. A forma categorial que pertence a uma esfera condicionante, como a inorgânica em relação à orgânica, entra na nova forma categorial como um elemento desta. No tempo ou na causalidade histórica, por exemplo, todas as formas precedentes de tempo ou causalidade estão presentes, mas não têm mais as mesmas funções de antes.<sup>184</sup>

O inorgânico é a condição primeira para a efetivação de qualquer dimensão da vida. Biblicamente: “ao pó voltarás, pois dele foste formado” (Gn 3.19). Tillich argumenta que há matéria em tudo o que existe, diferente do materialismo reducionista que afirma ser a única matéria existente a encontrada no reino inorgânico. O materialismo reducionista, nesta

<sup>181</sup> TILlich, 2005, p. 475-476, 480.

<sup>182</sup> TILlich, 2005, p. 476.

<sup>183</sup> TILlich, 2005, p. 475, 492-562; ARMBRUST, 1967, p. 208, 209.

<sup>184</sup> TILlich, 2005, p. 481.

definição, é uma ontologia da morte.<sup>185</sup> Na esfera orgânica há várias ou inúmeras dimensões entre os reinos animal e vegetal. Especificamente no reino animal se estabelece uma nova dimensão: a da autopercepção da vida (consciência de si).<sup>186</sup> A *Gestalten* (totalidades vivas) caracteriza o reino orgânico pelo seu auto-relacionamento, autopreservação, autodesenvolvimento e autoperpetuação.<sup>187</sup>

Tillich argumenta que a dimensão do orgânico está essencialmente presente também no inorgânico, mas que seu aparecimento depende de condições que devem ser descritas pela biologia e pela bioquímica. De forma semelhante, entende que, potencialmente, a percepção de si está presente em cada dimensão, mas, em termos efetivos, só aparece na dimensão animal. A constatação da percepção de si no reino vegetal não pode ser afirmada nem rejeitada, pois não pode ser verificada.

É sob as condições da percepção de si que se torna efetiva a dimensão espiritual. Esta dimensão, segundo Tillich, somente se dá no ser humano. Trata-se da dimensão do espírito humano enraizada na dimensão psicológica.<sup>188</sup>

## 2.4 O espírito humano: poder de vida com sentido

Tillich define espírito humano como a unidade do *poder de vida com sentido*, conforme o conceito hegeliano de espírito que une *sentido com poder*.<sup>189</sup> Tillich concebe o espírito humano como a efetivação do *poder* e do *sentido* em unidade e em todas as dimensões da vida do ser humano.<sup>190</sup>

Uma das infortunadas conseqüências da intelectualização da vida espiritual do homem é que a palavra “espírito” foi perdida e substituída por mente ou intelecto e que o elemento de vitalidade que está presente no “espírito” foi separado e interpretado como uma força biológica independente. O homem foi dividido entre um entelecto [sic!] sem seiva e uma vitalidade sem significação. O espaço intermediário, a alma espiritual na qual estão unidas vitalidade e intencionalidade, foi abandonado.<sup>191</sup>

<sup>185</sup> TILLICH, 2005, p. 483.

<sup>186</sup> TILLICH, 2005, p. 484.

<sup>187</sup> TILLICH, 2005, p. 483.

<sup>188</sup> TILLICH, 2005, p. 484.

<sup>189</sup> TILLICH, 2005, p. 485,567. ARMBRUST, 1967, p. 210.

<sup>190</sup> TILLICH, 2005, p. 567.

<sup>191</sup> TILLICH, 1972, p. 63.

Tillich distingue os termos espírito, alma, mente e razão. Na linguagem bíblica, litúrgica e poética, alma designa a sede das paixões e emoções, podendo ser comparada a espírito. Mas espírito lhe transcende em extensão, estrutura e, especialmente, em dinâmica. Mente expressa a consciência de um ser vivo, sua percepção, inteligência, vontade e ação direcionada, sendo determinada pela razão. Razão, por sua vez, caracteriza o princípio formal pelo qual se estrutura a realidade e suas dimensões:

Existe razão no movimento de um elétron, e existe razão nas primeiras palavras de uma criança – e na estrutura de toda expressão do espírito. Espírito como uma dimensão da vida inclui mais do que razão – inclui eros, paixão, imaginação – mas sem a estrutura do *logos*, não poderia expressar coisa alguma. Razão no sentido de razão técnica, ou de raciocínio, é uma das potencialidades do espírito humano na esfera cognitiva. É o instrumental para a análise científica e para o controle técnico da realidade.<sup>192</sup>

Não há um momento específico em que se concretizou a dimensão do espírito humano na história, mas uma constelação de condições que determinaram, ao longo de um período histórico, o surgimento dessa dimensão em seres humanos históricos. De forma análoga, ainda hoje, em cada ser humano, desenrola-se a constante luta pelo predomínio do espírito:

O ser humano não pode deixar de ser humano, assim como o animal não pode deixar de ser animal. Mas o ser humano pode perder parcialmente aquele ato criativo em que o domínio do psicológico é superado pelo domínio do espírito. [...] Esta é a essência do problema moral.<sup>193</sup>

Um ato do espírito condicionado na dimensão psicológica e biológica, surge a partir de uma constelação de fatores psicológicos em um eu completamente centrado. A relação do espírito com o material psicológico pode se dar tanto no ato cognitivo como no ato moral.

No ato cognitivo, uma manifestação do espírito caracteriza-se na transcendência do centro pessoal sobre o material psicológico dado:

O centro pessoal não é idêntico a qualquer dos conteúdos psicológicos, mas tampouco é um elemento acrescentado a eles; [...] o centro pessoal tampouco é estranho ao material psicológico. É seu centro psicológico, mas elevado à dimensão do espírito. [...] Em um processo vital denominado pelo espírito, o centro psicológico oferece seu próprio conteúdo à unidade do centro pessoal. Isso ocorre mediante deliberação e decisão. Ao fazer isso, ele efetiva suas próprias

---

<sup>192</sup> TILLICH, 2005, p. 487.

<sup>193</sup> TILLICH, 2005, p. 489.

potencialidades, mas, ao efetivar suas própria potencialidades, transcende a si mesmo.<sup>194</sup>

No ato moral não é diferente: uma grande quantidade de material psicológico está presente no centro psicológico: pulsões, inclinações, desejos, compulsões, experiências morais, tradições e autoridades éticas, relações e condições sociais, etc. No ato moral, o eu centrado efetiva a si mesmo, distinguindo, separando, rejeitando, preferindo, relacionando e transcendendo seus próprios elementos. Trata-se da liberdade do eu centrado que delibera, decide e traça seu próprio destino no processo de constituição do ser pessoa como imperativo moral.<sup>195</sup>

Esta liberdade está unida ao destino de tal forma que o material psicológico que entra no ato moral representa o pólo do destino, enquanto o eu que delibera e decide representa o pólo da liberdade. “[espírito] é a vida que corta na própria vida. Sua dor o move rumo à plenitude” (Friedrich Nietzsche – Assim Falou Zaratustra).<sup>196</sup>

Esta relação do espírito com seu condicionante permite compreender que não se trata de uma contraposição dualista entre as dimensões do espírito e do psicológico, tampouco da dissolução do espírito no seu ambiente condicionante, a partir do qual se originou.<sup>197</sup> Por outro lado, a liberdade de atuação do espírito sobre o material psicológico só é possível de acordo com normas pragmáticas, axiológicas e ontológicas, às quais o espírito é sujeito nos limites das dimensões biológica e psicológica. No pragmatismo, não se transcende a vida para julgar a própria vida, pois os critérios do espírito são imanentes à vida do espírito:

Isto é consistente com nossa doutrina da unidade multidimensional da vida e com nossa rejeição da metáfora “nível”: as normas da vida não se originam fora da vida. Mas o pragmatismo não se encontra em condições de demonstrar como expressões particulares da vida podem se tornar normas para a vida como um todo. Sempre que se aplica consistentemente o método pragmático a juízos éticos, políticos ou estéticos, ele seleciona critérios que, por sua vez, devem ser medidos eles próprios por critérios mais elevados, até os mais elevados de todos. Quando se atinge este ponto, o método pragmático é substituído, sem reconhecimento explícito, por um princípio ontológico que não pode ser avaliado pragmaticamente porque ele é o critério de toda avaliação.<sup>198</sup>

---

<sup>194</sup> TILLICH, 2005, p. 490.

<sup>195</sup> Segundo Tillich, o imperativo moral é o mandato de chegar a ser o que se é em forma potencial: uma pessoa numa comunidade de pessoas. Um ato moral, portanto, não é um ato que obedece a uma lei externa, humana ou divina, mas uma lei interna de nossa própria existência que nos exige atualização do que se segue de nossa natureza essencial ou criada. TILLICH, 1974, p. 11,13.

<sup>196</sup> TILLICH, 2005, p. 490.

<sup>197</sup> TILLICH, 2005, p. 490.

<sup>198</sup> TILLICH, 2005, p. 491.

Tillich esteve consciente de que não existe caminho seguro que leve às normas de ação na dimensão do espírito: “a esfera do potencial é parcialmente visível, parcialmente oculta. Por isso a aplicação de uma norma a uma situação concreta na esfera do espírito sempre é uma aventura e um risco. Ela exige coragem e disposição de aceitar um eventual fracasso”,<sup>199</sup> pois os critérios de atuação do espírito estão implícitos na própria vida:

Os critérios para a vida na dimensão do espírito estão implícitos na própria vida – caso contrário, não seriam relevantes para a vida. Mas a vida é ambígua [...]. O essencial ou potencial no ser humano e em seu mundo é a fonte de onde se derivam as normas para a vida na dimensão do espírito. A natureza essencial do ser, a estrutura da realidade determinada pelo logos, como a chamariam o estoicismo e o cristianismo, é o “céu dos valores” para a qual a teoria axiológica aponta. Mas, se aceitarmos isto e reafirmarmos a resposta ontológica, surge a questão: como podemos alcançar este “céu”? Como podemos conhecer a estrutura de logos do ser, a natureza essencial do ser humano e de seu mundo? Só o conheceremos mediante suas manifestações ambíguas na mescla que é a vida. Estas manifestações são ambíguas na medida em que não apenas revelam, mas também ocultam.<sup>200</sup>

A questão sobre a fonte das normas que sujeitam o espírito lhe estabelecendo os critérios de sua atuação reporta novamente à questão ontológica – o que é o ser-em-si? – apontando para a essência da vida e do ser humano. Em última análise, a resposta é o ser-em-si como a base do ser e do poder de ser; como a profundidade da vida que transcende a essência e a existência; que não existe, mas *é*. Tillich fala de Deus como o ser-em-si, como fonte e destino da vida.<sup>201</sup> Em outras palavras, pode-se dizer que a fonte das normas que estabelecem os critérios de atuação do espírito constitui-se na imanência entre o espírito humano e o Espírito Divino, sob o impacto da Presença Espiritual que reúne os elementos da essência e da existência em fé e amor, criando o Novo Ser na Comunidade Espiritual.<sup>202</sup>

Há de se conceber que, na teologia de Tillich, a Presença Espiritual é a condição para a plena efetivação da transcendência do espírito humano. Porém, não se trata de uma correlação entre Deus e o ser humano, mas de uma imanência mútua entre o espírito humano e a Presença Espiritual como o Espírito de Deus presente.<sup>203</sup>

---

<sup>199</sup> TILLICH, 2005, p. 492.

<sup>200</sup> TILLICH, 2005, p. 492.

<sup>201</sup> ARMBRUST, 1967, p. 144-148.

<sup>202</sup> Segundo Armbrust, a Presença Espiritual não se manifesta abstratamente em indivíduos isolados, mas na humanidade histórica, nas religiões do mundo como antecipação do Novo Ser, em Jesus o Cristo e na Comunidade Espiritual que recebe o Novo Ser. ARMBRUST, 1967, p. 212. TILLICH, 2005, p. 567-575.

<sup>203</sup> A teologia, como ciência da fé, como ciência normativa da religião, não pode abrir mão de Deus como fonte, critério e sujeito da teologia. Se a imanência entre o espírito humano e o Espírito de Deus for irrelevante, então as reflexões passam do âmbito teológico para o filosófico. TILLICH, 2005, p. 570. ZEUCH, Manfred. A Teologia Entre as Outras Ciências. **Simpósio**, v. 10, n. 47. São Paulo, ASTE, p. 6-13, 2005.



## 2.5 A efetivação da vida e os elementos da estrutura ontológica

Para Tillich, a vida é um processo que se constitui na auto-identidade, auto-alteração e no retorno a si mesmo. A auto-identidade designa um movimento centrado que avança para além de si e retorna a si sem perder o centro. A auto-alteração constitui um movimento do sujeito centrado em direção ao outro, distanciando-o do centro e integrando-o ao centro sem destruir o centro. O retorno a si constitui a efetivação da potencialidade do ser ao reintegrar o centro em si mesmo:

Definiu-se vida como a efetivação do ser potencial. Esta efetivação ocorre em todo processo vital. Os termos “ato”, “ação”, “efetivo” denotam um movimento centrado e para frente, um sair desde um centro de ação. Mas este sair-de-si ocorre de tal forma que o centro não se perde neste movimento. Permanece a auto-identidade na auto-alteração. O outro (alterum) no processo de alteração é ao mesmo tempo distanciado do centro e trazido de volta a ele. Consequentemente, é possível falar em uma terceira etapa no processo vital, ou seja, de um retornar a si-mesmo. Podemos, pois, distinguir três elementos no processo da vida: a auto-identidade, a auto-alteração e a volta a si mesma. A potencialidade se torna efetividade somente através destes três elementos no processo que chamamos vida.<sup>204</sup>

Nos processos de efetivação das potencialidades do ser, que é a vida, expressam-se três funções básicas de auto-integração, autocriação e autotranscendência da vida: na auto-integração, se estabelece o centro pela auto-identidade sob o princípio da centralidade, no qual o centro pessoal é levado à auto-alteração e restabelecido com os conteúdos que assimilou no encontro com outros centros. Trata-se de um duplo movimento, em que o indivíduo centrado “sai de si” em direção ao outro e “volta a si” restabelecendo o centro a partir do seu encontro com o outro. Imagina-se um movimento circular da vida a partir de um centro e de volta a este centro, em que a vida integra a si mesma nos processos de auto-identidade e auto-alteração. Neste movimento predomina a auto-identidade sob o princípio da centralidade que resiste à desintegração.<sup>205</sup>

A centralidade é um fenômeno universal. Ela aparece na dimensão macrocômica quanto na microcômica do âmbito inorgânico e aparece no nosso encontro cotidiano com objetos inorgânicos. Aparece no átomo e na estrela, na molécula e no cristal. Ela produz estruturas que inspiram o entusiasmo do artista e que confirmam, poeticamente falando, o símbolo pitagórico da harmonia musical das esferas astronômicas.<sup>206</sup>

---

<sup>204</sup> TILlich, 2005, p. 492,493.

<sup>205</sup> TILlich, 2005, p. 493.

<sup>206</sup> TILlich, 2005, p. 496.

Na autocriação, estabelece-se o elemento de auto-alteração da vida num movimento horizontal em que a vida avança em direção ao novo, constituindo novos centros e novas *formas*. Este movimento se dá a partir da centralidade que transcende a cada centro individual num processo de crescimento e criação de novos centros para além do movimento circular de auto-integração. Neste movimento, permanece a auto-identidade, mas predomina a auto-alteração como elemento constitutivo de novos centros, regido sob o princípio da criatividade que resiste à destruição.<sup>207</sup>

O terceiro movimento em que se efetiva a potencialidade da vida é o de autotranscendência em que a vida se encaminha para além de si mesma como vida finita: “a vida, por sua própria natureza, está em si como para além de si, e esta situação se manifesta na função de autotranscendência”.<sup>208</sup> Tillich sugere chamar este movimento de “pulsão para o sublime”, como algo que aponta para além dos limites, para uma realidade última e incondicional. Este é um movimento vertical da vida que ultrapassa os movimentos de auto-integração e autocriatividade. Neste movimento, prevalece a auto-identidade e a auto-alteração, mas prevalece a auto-transcendência que resiste à profanação da vida sob o princípio do sublime.

Estas são as três funções da vida nas quais se dá a auto-efetivação da vida: “auto-integração sob o princípio da centralidade, autocriação sob o princípio do crescimento e autotranscendência, sob o princípio do sublime”.<sup>209</sup> A auto-integração atualiza as polaridades *individualização* e *participação*; a autocriatividade atualiza as polaridades *dinâmica* e *forma*, e a autotranscendência atualiza as polaridades *liberdade* e *destino*.<sup>210</sup>

A estrutura básica da auto-identidade e da auto-alteração é efetiva em cada função, e cada função depende das polaridades básicas do ser: a auto-integração depende da polaridade de individualização e participação, a autocriação depende da polaridade de dinâmica e forma, e a autotranscendência depende da polaridade de liberdade e destino. E a estrutura de auto-identidade e auto-alteração está enraizada na correlação ontológica básica de eu e mundo.<sup>211</sup>

Na sua essência, estas funções ou movimentos estão unidos e separam-se na alienação existencial que é a vida. Por outro lado, estas funções ou movimentos não estão

---

<sup>207</sup> TILLICH, 2005, p. 493.

<sup>208</sup> TILLICH, 2005, p. 494.

<sup>209</sup> TILLICH, 2005, p. 494.

<sup>210</sup> TILLICH, 2005, p. 494. ARMBRUST, 1967, p. 209.

<sup>211</sup> TILLICH, 2005, p. 494.

completamente separados, mas interseccionados de maneira que um oferece ao outro as condições para sua efetivação. Para que possam resistir à desintegração, destruição e profanação da vida superando a alienação existencial e suas ambigüidades, estes movimentos devem estar unidos, integrados e equilibrados entre si.<sup>212</sup>

## 2.6 Auto-efetivação da vida

Para Tillich, a integração das funções ou movimentos de auto-integração, autocriatividade e autotranscendência da vida permitem superar as ambigüidades da vida rumo à sua plenitude, rumo à vida sem ambigüidades. Os movimentos ou funções não estão completamente separados nem completamente unidos, justamente porque representam a vida em suas ambigüidades. Apenas a Presença Espiritual de Deus é capaz de unir os movimentos superando as ambigüidades da vida e a alienação existencial.

O movimento de auto-integração pode ser compreendido como um movimento circular de um ser auto-centrado que “sai de si” em busca de elementos para integrar ao seu centro. É um movimento que se dá na dinâmica de auto-identidade e auto-alteração sob o predomínio da centralidade do ser. Na auto-identidade e na auto-alteração, o centro se configura assimilando ou rejeitando elementos de outros centros individuais. Nesta função, a existência do “outro” é essencial para a estruturação de cada centro individual. É no encontro com o diferente, com o outro, que cada ser constitui o próprio centro. Isso significa que em cada centro individual há, metaforicamente falando, um “pedaço do outro”, a partir dos elementos que foram assimilados pelo centro de cada ser auto-centrado.

O movimento de criatividade da vida pode ser compreendido como um movimento horizontal em que a vida cria novas formas se perpetuando em si mesma. É o movimento no qual a vida se desenvolve e segue seu curso. Este movimento é regido sob o princípio do crescimento. Tillich o chama de autocriatividade da vida.<sup>213</sup>

O movimento de transcendência é o movimento em que a vida se encaminha para além de si mesma, ultrapassando os limites da auto-integração e da autocriatividade. A

---

<sup>212</sup> ARMBRUST, 1967, p. 210.

<sup>213</sup> SANTOS, Joe Marçal Gonçalves dos. A Teologia da Cultura. In: MULLER, R. Enio; BEIMS, W. Robert. **Fronteiras e Interfaces**. O Pensamento de Paul Tillich em Perspectiva Interdisciplinar. São Leopoldo: Sinodal, 2005, p. 132.

transcendência é um movimento vertical da vida em direção ao último e incondicional; um movimento de “pulsão para o sublime”. A autotranscendência somente é efetiva em sua plenitude na dupla imanência entre o espírito humano e o Espírito de Deus, mediante a Presença Espiritual como presença divina.

Tomando o ser humano como metáfora, o movimento de integração da vida estabelece as relações do eu consigo mesmo na constituição do centro pessoal, da identidade e da individualidade de cada pessoa. O movimento de criatividade da vida estabelece as relações onde a vida é recriada e transformada, o que inclui a sua perpetuação biológica bem como os atos culturais na apreensão da realidade e na criação de sentido. O movimento de transcendência da vida estabelece a relação com o Sagrado.

No espírito humano, a função de auto-integração da vida se efetiva e configura como moralidade; a função de autocriatividade se efetiva e configura como cultura, e a função de autotranscendência se efetiva e configura como religião. Assim, a auto-integração da vida na dimensão do espírito humano corresponde aos atos morais, a autocriatividade aos atos culturais e a autotranscendência aos atos religiosos do ser humano, como a capacidade de transcender a si mesmo em direção a conteúdos significativos.<sup>214</sup>

Para Tillich, moral, cultura e religião são funções exclusivas do espírito humano, porque este é o único ser que possui a si mesmo na forma de autoconsciência, capaz de questionar suas práticas, seu ambiente e seu mundo na apreensão e significação da realidade. Porém, cabe ressaltar que moral, cultura e religião não são sinônimos e nem podem substituir as funções de auto-integração, autocriatividade e autotranscendência, porque cada função é efetiva pela atualização de polaridade dinâmica entre os elementos ontológicos que as constitui.

A moral, como o movimento de integração do ser pessoa, a cultura, como o movimento da criatividade da vida e a transcendência, como a função transcendente ou religiosa do ser humano, interpenetram-se constituindo a unidade do espírito humano como uma unidade de poder e sentido, uma unidade dinâmica de corpo e mente, vitalidade e racionalidade, consciente e inconsciente, emocional e intelectual; uma unidade criativa e transformadora que supera o não-ser na auto-afirmação do ser, na afirmação da vida. O espírito humano é uma qualidade natural do ser humano que não pode ser substituída por

---

<sup>214</sup> TILlich, Paul. **Moralidad y Algo Mas**. Buenos Aires: Asociación Editorial La Aurora, 1974, p. 9,10.

“mente”, tampouco compreendida de forma isoladamente no ser humano. Os atos religiosos do espírito humano não designam uma funcionalidade ao lado dos atos morais e culturais, mas estão presente na profundidade da cultura e nos atos morais, na forma de imperativos morais incondicionais:<sup>215</sup>

A moralidade, ou a constituição da pessoa como pessoa no encontro com outras pessoas, encontra-se essencialmente relacionada com a cultura e a religião. A cultura fornece os conteúdos da moralidade [...] A religião confere à moralidade o caráter incondicional do imperativo moral, o alvo moral último, a reunião, no ágape, do que está separado, e o poder motivador da graça. A cultura ou a criação de um universo de sentido em *theoria* e *práxis*, está essencialmente relacionada com a moralidade e a religião.<sup>216</sup>

*Gestalt* é a realidade espiritual que se forma pelas ações teóricas e práticas do ser humano na realização de significado. A ação teórica do significado está diretamente relacionada com a forma do significado; a ação prática do significado é a realização do significado na *Gestalt* como uma realidade portadora do espírito humano, na unidade de *poder* e *sentido*. A unidade de relação entre teoria e *práxis* torna possível a realização do significado que, por suas vez, leva o ser humano à sua realização espiritual:

Porque uma ação prática é espiritual somente quando tem em si uma consciência teórica do significado e das interrelações de sua atividade. De outra maneira, seria uma ação vazia, fútil. [...] A ação prática, portanto, é a realização do significado no sentido primário, e a ação teórica o é em [sentido] secundário. Por esta razão, a *práxis* está limitada a realidade que se realiza na *Gestalt* portadora do espírito, enquanto a teoria realiza universalmente toda realidade na esfera ideal. A *práxis* é uma realização real do significado, a teoria uma realização ideal.<sup>217</sup>

### 2.6.1 Integração da vida na dimensão do espírito humano

A vida pessoal é sempre a vida de alguém – como em todas as dimensões, a vida é a vida de um ser individual, conforme o princípio de centralidade. Quando falo de minha vida, está incluído tudo o que me pertence: meu corpo, minha

<sup>215</sup> SANTOS, 2005, p. 126-127,132-137.

<sup>216</sup> TILLICH, 2005, p. 552.

<sup>217</sup> *Porque una acción práctica es espiritual solamente cuando lleva en sí una consciencia teórica del significado y de las interrelaciones de su actividad. De otra manera, sería una acción vacía, fútil. [...] La acción práctica, por lo tanto, es la realización del significado en el sentido primario, e la acción teórica lo es en el secundario. Pero, por esta razón, la praxis está limitada a la realidad que se realiza en la Gestalt portadora del espíritu, mientras que la teoría realiza universalmente toda la realidad en la esfera ideal. La praxis es una realización real del significado, la teoría una realización ideal.* (tradução própria) TILLICH, Paul. **Filosofía de La Religión**. Buenos Aires: Asociación Editorial La Aurora, 1973, p. 49, 50, 51, 58.

autoconsciência, minhas memórias e antecipações, minhas percepções e pensamentos, minha vontade e minhas emoções. Tudo isso pertence à unidade centrada que eu sou. Procuro aumentar este conteúdo saindo de mim e tento preservá-lo retornando à unidade centrada que eu sou.<sup>218</sup>

Para Tillich, a integração do ser pessoa se estabelece pelo princípio de auto-integração da vida: a pessoa busca integrar ao seu centro pessoal elementos de outros centros pessoais, superando a sua individualidade sem diluir-se em meio à multiplicidade e sem converter-se em outra pessoa. O princípio de centralidade estabelece um “eu” com uma identidade particular. A desintegração do ser inicia quando a pessoa se torna incapaz de superar a centralidade limitada ou de voltar a si mesma sem dispersar-se na multiplicidade. A reclusão e o isolamento exemplificam a incapacidade de superação da centralidade, enquanto a dispersão e dissolução do centro na diversidade exemplificam a incapacidade da pessoa “voltar a si” estruturando o centro pessoal configurando sua identidade.<sup>219</sup>

A auto-integração e a desintegração são mais nítidas na dimensão do orgânico. Todo ser vivo está claramente centrado [...]; ele reage como um todo. Sua vida consiste num processo de sair de si e retornar a si. Ele incorpora elementos da realidade encontrada e os assimila em sua própria totalidade centrada, ou os rejeita se a assimilação for impossível. Ele avança no espaço até onde sua estrutura individual o permite, e recua quando ultrapassou estes limites ou quando outros indivíduos vivos o obrigam a retroceder. Desenvolve suas partes harmonicamente [sic!] sob o centro unificador; quando uma das partes quer se separar e ameaça romper a unidade, ela é reintegrada à unidade sob o centro.<sup>220</sup>

A centralidade no ser humano esta dada completamente em termos essenciais, mas somente é efetivada pela liberdade e destino humano. Na liberdade, o ser humano efetiva a sua centralidade pelo ato moral. A moralidade é a função da vida pela qual se forma a dimensão do espírito humano:

A moralidade é a função da vida pela qual se forma a esfera do espírito. A moralidade é a função constitutiva do espírito. Um ato moral, portanto, não é um ato em que se obedece a uma lei divina ou humana, mas é um ato em que a vida se integra na dimensão do espírito, e isto significa constituir-se como personalidade dentro de uma comunidade. A moralidade é a função da vida em que o eu centrado se constitui como pessoa; é a totalidade daqueles atos em que uma vida potencialmente pessoal se torna uma pessoa real.<sup>221</sup>

---

<sup>218</sup> TILlich, 2005, p. 503.

<sup>219</sup> TILlich, 2005, p. 495, 496.

<sup>220</sup> TILlich, 2005, p. 497.

<sup>221</sup> TILlich, 2005, p. 500.

O primeiro pressuposto da moralidade e da dimensão do espírito consiste no fato de que o ser humano pode se opor a toda e qualquer parte ou situação de seu mundo, inclusive a si mesmo como parte de seu mundo. O segundo pressuposto segue-se do primeiro, dado a capacidade humana de formular perguntas sobre o mundo com que se confronta, recebendo respostas e exigências por parte dele.<sup>222</sup>

O aspecto moral na função de integração do centro pessoal é pressuposto pela liberdade humana em obedecer ou desobedecer às exigências de seu mundo no ato deliberativo. O imperativo moral é lei, mas o simples fato de o indivíduo se recusar a responder às exigências de seu mundo já se constitui como um ato moral:<sup>223</sup>

O ato moral em que a esfera do espírito passa a existir pressupõe a liberdade de receber imperativos, de obedecer ou desobedecer aos mesmos. A fonte destes imperativos são as normas morais, isto é, as estruturas essenciais da realidade encontrada, no próprio ser humano e em seu mundo. [...] Se o ser humano se recusa, ele se entrega às forças de desintegração moral; age contra o espírito no poder do espírito, pois ele jamais pode se desfazer de si mesmo como espírito. Ele se constitui como um eu completamente centrado inclusive em suas ações antiessenciais, antimorais. Estas ações exprimem a centralidade moral, mesmo quando tendem a dissolver o centro moral.<sup>224</sup>

O ser humano experimenta os imperativos morais do *dever-ser* na relação *eu-tu*, como o dever de se tornar uma pessoa em uma comunidade de pessoas. O limite à tentativa humana de converter tudo como conteúdo de seu centro pessoal é o outro ser humano, pois este pode até ser destruído, mas jamais assimilado como conteúdo da centralidade pessoal:

Podemos subjugar e explorar a outra pessoa em sua base orgânica, inclusive em seu eu psicológico, mas não o outro eu na dimensão do espírito. Podemos destruí-lo enquanto eu, mas não podemos assimilá-lo como conteúdo de nossa própria centralidade. [...] O outro é o limite incondicional para o desejo de assimilar a totalidade de nosso mundo, e a experiência deste limite é a experiência do dever-ser, o imperativo moral.<sup>225</sup>

A comunidade é condição essencial para a constituição do ser pessoa, para a sua auto-integração, bem como para a criatividade e a transcendência da vida. Porém, os imperativos morais são válidos somente para as pessoas personificadas e não para a

---

<sup>222</sup> TILLICH, 2005, p. 500.

<sup>223</sup> TILLICH, 1974, p. 48.

<sup>224</sup> TILLICH, 2005, p. 501.

<sup>225</sup> TILLICH, 2005, p. 502.

comunidade, pois a estrutura da comunidade, inclusive em sua centralidade, é qualitativamente diferente da estrutura da personalidade.<sup>226</sup>

Como em todos os processos da vida, a integração possui ambigüidades que exigem do ser humano um sacrifício do possível pelo real e do real pelo possível. O sacrifício no ato deliberativo e implicado no ato moral não é algo necessariamente bom ou ruim, mas do qual se deve estar consciente:

[...] Devemos desistir de um trabalho e de profissões possíveis tendo em vista aquela que escolhemos. Devemos sacrificar relações humanas possíveis pelas relações reais ou sacrificar as reais pelas possíveis. Devemos escolher entre uma construção consistente, mas limitada de nossa vida, e a quebra de todos os limites possíveis, perdendo consistência e direcionalidade. Devemos decidir-nos continuamente entre abundância e pobreza e entre tipos especiais de abundância e tipos especiais de pobreza. Há a abundância da vida para a qual somos conduzidos pela angústia de permanecermos pobres em algum sentido ou em muitos sentidos; mas esta abundância pode ultrapassar nosso poder de fazer justiça a ela e a nós, e então esta abundância se torna uma repetição vazia. Também pode acontecer o inverso: se a angústia oposta, a de nos perder na vida, conduz a uma resignação parcial ou a um completo afastamento da abundância, a pobreza significa uma auto-relacionalidade vazia – a unidade centrada do eu pessoal abarca muitas tendências diferentes, cada uma das quais tende a dominar o centro.<sup>227</sup>

A integração do ser pessoa se dá mediante a capacidade da pessoa se distinguir configurando o centro pessoal no equilíbrio entre auto-identidade e auto-alteração. A desintegração inicia quando este equilíbrio é ameaçado e quando outro centro pessoal é posto como Absoluto. O imperativo moral como a lei interna que reclama um ser pessoa em uma comunidade de pessoas representa o ser essencial em oposição ao estado de alienação existencial. Por este motivo, o imperativo moral é incondicional, não ambíguo, e sua validade é experimentada no encontro entre pessoas. Porém, não em um simples encontro, mas na participação do outro ser pessoa, aceitando suas particularidades, mesmo que não haja convergência entre os indivíduos. Esta participação é a essência da *ágape* como motivação moral que transcende a lei criando um novo ser.<sup>228</sup>

---

<sup>226</sup> TILLICH, 2005, p. 502, 503.

<sup>227</sup> TILLICH, 2005, p. 504.

<sup>228</sup> TILLICH, 2005, p. 503, 507,510.



### 2.6.2 Criatividade da vida na dimensão do espírito humano

A idéia básica de autocriatividade da vida estabelecida por Tillich é a de efetivação, atualização e transformação da vida pela relação de *dinâmica* e *forma* sob o princípio do crescimento: uma determinada *forma* avança em direção a outra preservando o seu conteúdo e se estabelecendo como uma nova *forma*. A autocriatividade da vida se trata de um processo de renovação da vida, num movimento horizontal em que ela avança sobre si mesma criando novas formas, reestruturando-se e resistindo à sua destruição e morte.<sup>229</sup> “a autocriação confere o impulso dinâmico que conduz a vida de um estado centrado a outro sob o princípio do crescimento.”<sup>230</sup>

A criatividade da vida sob o princípio do crescimento no âmbito do espírito humano, ao atualizar os elementos *dinâmica* e *forma*, não apenas cria, renova e transforma a realidade em suas *formas*, mas também *significa* o universo de sentido cultural dado à vida, mediante a potência de vida do ser humano unidade com sua vitalidade e intencionalidade: “vitalidade ‘pura’ no homem jamais é pura, mas sempre destorcida [sic!], porque a potência de vida do homem é sua liberdade e espiritualidade, na qual estão unidas intencionalidade [forma] e vitalidade [dinâmica].”<sup>231</sup>

É no âmbito da cultura que se dá a atuação do espírito humano na criação de sentidos, através da linguagem e atos técnico, cognitivo e estético, e pela *práxis* de pessoas e comunidades que atuam sobre si mesmas e umas sobre as outras.<sup>232</sup>

#### 2.6.2.1 Linguagem e ato técnico

Segundo Tillich, a idéia de cultura designa a atividade de cuidar de, mantendo vivo aquilo que se cuida e criando o novo a partir dele. O ato cultural é designado pela função técnica, na sua forma material; pela função teoria, na sua forma receptiva e pela função *práxis*, na sua forma reativa.<sup>233</sup>

---

<sup>229</sup> TILLICH, 2005, p. 513.

<sup>230</sup> TILLICH, 2005, p. 512.

<sup>231</sup> TILLICH, 1972, p. 64.

<sup>232</sup> TILLICH, 2005, p. 525.

<sup>233</sup> TILLICH, 2005, p. 517,518.

No ato comunicativo, o ser humano participa de um universo de sentidos: pela linguagem apreende a realidade numa relação técnica e cognitiva com essa realidade, seja pela linguagem simbólico-mitológica da experiência religiosa, estética e poética ou pela linguagem científica em suas formulações teóricas, através da educação, da filosofia, da biologia, da matemática, da física, etc., como ciências que buscam interpretar os fenômenos da realidade como se apresentam ao ser humano.

Os objetos da linguagem constituem o tema na criatividade cultural. A *forma* é a essência de toda criação cultural: uma oração, um ensaio filosófico, uma pintura, uma lei. E a *substância* é o que, inconscientemente, dá o impulso, o significado e o poder de sentido à criação cultural.<sup>234</sup>

Na poesia, por exemplo, a tradução é essencialmente impossível, porque a poesia é a expressão mais direta da substância através de um indivíduo. O encontro com a realidade sobre o qual se baseia uma língua difere do encontro com a realidade em qualquer outra língua. Mas exatamente esse encontro em sua totalidade e em sua profundidade é a substância da autocriação cultural da vida.<sup>235</sup>

A função técnica é uma das funções em que a vida cria a si mesma na dimensão do espírito através de instrumentos como meios para se alcançar determinados fins. É pela linguagem que o ser humano tem o poder de criar instrumentos ao apreender e transformar a realidade culturalmente.

Da mesma forma como a linguagem liberta da vinculação ao “aqui e agora” através de universais, assim a manipulação técnica da realidade liberta, pela produção de instrumentos, da escravidão às condições naturais da existência. [...]. O ser humano produz instrumentos como instrumentos. Para fazer isto, ele precisa de universais, isto é, do poder da linguagem. [...] O logos precede todas as coisas. Se o ser humano é chamado de *homo faber*, implicitamente ele também é chamado de *anthropos logikos*, isto é, ser humano que é determinado pelo logos e é capaz de usar a palavra de maneira significativa.<sup>236</sup>

---

<sup>234</sup> TILLICH, 2005, p. 520.

<sup>235</sup> TILLICH, 2005, p. 520.

<sup>236</sup> TILLICH, 2005, p. 521.

### 2.6.2.2 Teoria: cognição e estética

[...] Theoria é o ato de olhar para o mundo encontrado a fim de tomar uma parte dele e levá-lo, como um todo significativo e estruturado, para dentro do eu centrado.<sup>237</sup>

Tillich compara *teoria* e *práxis* à idéia de estímulo e resposta ou percepção e reação. A teoria é como um fragmento de um universo de sentido: “aquele que diz: ‘Isto é uma árvore’ captou a arboridade que está numa árvore individual e, com ela, um fragmento do universo de sentido”.<sup>238</sup> A linguagem é uma expressão cognitiva da teoria.

Pode-se dizer que a cognição é o processo do conhecimento, enquanto a estética é a tentativa humana de expressar o inefável.<sup>239</sup> O ato cognitivo nasce do desejo de transpor o abismo entre sujeito e objeto na busca pela verdade como a “reunião fragmentária do sujeito que conhece com o objeto que é conhecido, no ato do conhecimento”.<sup>240</sup> A estética é a busca pela verdade através da expressão das qualidades do ser que somente podem ser captadas pela criatividade artística.<sup>241</sup> No entanto, no ato estético existe uma tensão entre a expressão artística e o que é expressado: a forma expressiva pode ser inautêntica quando, em vez de expressar a profundidade da realidade, copia a sua superfície ou, quando expressa a subjetividade do artista em vez de seu encontro artístico com a realidade: “esta tensão se

<sup>237</sup> TILlich, 2005, p. 522.

<sup>238</sup> TILlich, 2005, p. 522.

<sup>239</sup> A *experiência estética* é significativa na obra de Theodor L. W. Adorno, propondo em um novo olhar sobre a realidade a partir da crítica cultural, da crítica à sociedade capitalista, à razão científica e à Cultura de Massa ou Indústria Cultural. A crítica adorniana à Indústria Cultural denuncia as mídias pela imposição de necessidades ilusórias ao ser humano na geração de uma dependência estrutural entre consumo e produção, iludindo as pessoas em relação àquilo de que necessitam para viver. Ao vender uma satisfação manipulada na imagem estereotipada do que é bom, mal, verdadeiro, traiçoeiro, masculino, feminino, a Indústria Cultural proporciona aos consumidores um prazer fetichizado pelo Mercado, enquanto o mundo permanece sustentado ideologicamente pelo *status quo*. Neste sentido, a Indústria Cultural seria um círculo de manipulação e necessidade retroativa com a integração voluntária dos consumidores conformados à ideologia mercadológica, no que Adorno chamou de formação “regressiva” – *semiformação* – gerando uma imposição à qual as pessoas se adaptam numa formação social determinada, imposta como uma subjetividade conservadora na consciência dos indivíduos, com pura pretensão econômica, impedindo a formação de indivíduos autônomos, emancipados, capazes de julgar e decidir de forma consciente. Na Indústria Cultural a vida se reduz ao Mercado que explora os bens culturais do ser humano; a cultura é produzida como mercadoria que legitima a lógica consumista e hedonista. FREITAS, Verlaine. Adorno & a Arte Contemporânea. **Filosofia Passo a Passo**. n. 17. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, p. 17-21. MAAR, Wolfgang Leo. A perspectiva Dialética em Adorno e a Controvérsia com Habermas. **Trans/Form/Ação**. São Paulo, 2002, p. 100-104. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/trans/v25n1/v25n1a07.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2008. ADORNO Theodor L. W. **Résumé sobre Indústria Cultural**. Disponível em: <<http://adorno.planetaclix.pt/tadorno17.htm>>. Acesso em 10 dez. 2008. SILVA, Daniel Ribeira da. **Adorno e a Indústria Cultural**. Disponível em: <[http://www.urutagua.uem.br/04fil\\_silva.htm](http://www.urutagua.uem.br/04fil_silva.htm)>. Acesso em 10 dez. 2008.

<sup>240</sup> TILlich, 2005, p. 524.

<sup>241</sup> TILlich, 2005, p. 524.

encontra indubitavelmente enraizada na alienação existencial entre o eu e o mundo que, na função cognitiva, é a separação de sujeito e objeto”.<sup>242</sup>

Mas estas “demarcações” não significam que a estética restrinja-se ao artístico ou que ato cognitivo limite-se à criatividade científica. Ambos são *formas* de apreensão e significação da realidade permeadas pela objetividade e subjetividade, racionalidade e intuição, nas formas culturais em que se expressa o espírito humano.

O conhecimento e o poder expressivo corporificados no mito [...] tornaram-se para a maioria das pessoas a porta de entrada para todos os aspectos da cultura. E a observação cotidiana de fatos e eventos, bem como a experiência estética direta com a natureza e com o ser humano, são efetivas diariamente na autocriação da vida sob a dimensão do espírito.<sup>243</sup>

### 2.6.2.3 Práxis: atos pessoais e comunitários

Paul Tillich define práxis como “a totalidade dos atos culturais de personalidades centradas que, como membros de grupos sociais, atuam umas sobre as outras e sobre si mesmas. Práxis como autocriação da vida na pessoa e na comunidade.”.<sup>244</sup> “Práxis é a ação que, na dimensão do espírito, tem como alvo o crescimento; como tal, usa meios para alcançar fins e, neste sentido, é uma continuação do ato técnico.”.<sup>245</sup>

Essencialmente, o alvo da *práxis* é a humanidade do ser humano e a justiça universal, através da superação da alienação existencial na ordem social existente e da criação cultural da vida baseada na integração do ser pessoa na comunidade.<sup>246</sup>

### 2.6.3 Transcendência da vida na dimensão do espírito humano

A transcendência é possibilitada pela atualização dos elementos ontológicos liberdade e destino na consciência humana como uma projeção vertical da vida, transcendendo tanto a linha circular da centralidade (autointegração) quanto a linha horizontal

<sup>242</sup> TILLICH, 2005, p. 524, 525. Tillich faz uma crítica ao expressionismo do início do século XX, que retratava mais a subjetividade, a emoção e o instinto do artista do que o seu encontro artístico com a realidade.

<sup>243</sup> TILLICH, 2005, p. 525.

<sup>244</sup> TILLICH, 2005, p. 525.

<sup>245</sup> TILLICH, 2005, p. 526.

<sup>246</sup> TILLICH, 2005, p. 527.

do crescimento (autocriatividade), opondo-se à profanação da vida. Na dimensão do espírito humano, a transcendência é uma projeção para uma realidade Última e Incondicional com um caráter de *intencionalidade* designando um estar para além de si na unidade do espírito constituído pela inter-penetrabilidade mútua de moralidade e cultura, podendo ser definida também como religião:<sup>247</sup>

O elemento religioso na cultura é a profundidade inexaurível de uma criação genuína. Podemos chamá-lo de substância da cultura ou fundamento do qual vive a cultura. É o elemento de ultimidade de que carece a própria cultura, mas para o qual ela aponta. A religião ou a autotranscendência da vida sob a dimensão do espírito, está essencialmente relacionada com a moralidade e a cultura. Não existe autotranscendência sob a dimensão do espírito sem a constituição do eu moral pelo imperativo incondicional, e esta autotranscendência só pode ganhar forma dentro do universo de sentido criado no ato cultural.<sup>248</sup>

A transcendência é considerada uma qualidade dos atos morais e culturais na dimensão do espírito, e não uma função independente da moral e da cultura:

As três funções da vida sob a dimensão do espírito se separam quando se efetivam. Em sua unidade essencial, não existe ato moral que não seja, ao mesmo tempo, um ato de autocriação cultural e de autotranscendência religiosa. Não existe moralidade independente na “inocência sonhadora”. E, na unidade essencial das três funções, não existe ato cultural que não seja, ao mesmo tempo, um ato de auto-integração moral e de autotranscendência religiosa. Não existe cultura independente na inocência sonhadora. E, na unidade essencial das três funções, não existe ato religioso que não seja, ao mesmo tempo, um ato de auto-integração moral e autocriação cultural. Não existe religião independente na inocência sonhadora. Mas a vida está fundada na perda da inocência sonhadora, na auto-alienação do ser essencial e na mescla ambígua de elementos essenciais e existenciais. Na vida como é efetivamente, encontramos moralidade separada com suas ambigüidades, cultura separada com suas ambigüidades e religião separada com suas profundas ambigüidades.<sup>249</sup>

Por questões lógicas, o movimento de transcendência não poderia transcender a si mesmo como uma função da vida. Caso contrário, o próprio movimento necessitaria ser transcendido por si mesmo numa repetição infinita, e a vida não pode transcender a si mesma em uma de suas funções.<sup>250</sup>

Como a cultura é dependente da religião, o movimento de transcendência necessita da religião como uma função especial do espírito na transcendência das realidades finitas.

---

<sup>247</sup> TILLICH, 2005, p. 544.

<sup>248</sup> TILLICH, 2005, p. 552, 553.

<sup>249</sup> TILLICH, 2005, p. 553.

<sup>250</sup> TILLICH, 2005, p. 554.

Sendo assim, a transcendência torna-se algo dialético que, simultaneamente, é transcendido e não é transcendido porque possui uma existência concreta na forma de religião como sistema de símbolos e significados particulares que fundamentam a fé:

[...] Caso contrário, nada haveria para ser transcendido; contudo, não deveria mais “estar aí”, e sim ser negado no ato de ser transcendido. Esta é exatamente a situação de todas as religiões na história. A religião como autotranscendência da vida precisa das religiões e, concomitantemente, precisa negá-las.<sup>251</sup>

Indiscutivelmente, em Paul Tillich, o tema da espiritualidade está amarrado com várias idéias, assim como são amarrados muitos de seus conceitos em seu sistema teológico. Mas se há um escopo, a partir de onde se possa pensar a espiritualidade, é na unidade de relação e integração das funções ou movimento da auto-efetivação da vida na dimensão do espírito humano.

Isso se faz evidente a partir das análises desenvolvidas até aqui, que têm o espírito humano como um nó de relações intercambiantes na atualização dos elementos ontológicos nas funções da auto-efetivação da vida. Sua decorrente estruturação fenomenológica se dá na moral, na cultura e na religião pela unidade do espírito humano como um centro de poder e de sentido, na transformação e significação da realidade.

Em outras palavras: em termos ontológicos, a espiritualidade é estruturada pelos elementos dinâmica e forma, na sua unidade de relação que confere à espiritualidade o seu caráter vivo e criativo, em detrimento de algo inerte e sem poder de ação. Em termos fenomenológicos, a espiritualidade se dá nos atos morais e culturais do ser humano através da unidade de poder e de sentido que é o espírito humano.

Atos morais são a forma de constituição do ser pessoal e comunitário. Moral não é algo impositivo e arbitrário que dita regras abusivas, pelo contrário, os imperativos morais são aqueles que reclamam ao ser humano a sua humanidade, conferindo-lhe valor e dignidade. Fazendo uma analogia com o elemento ontológico forma, os imperativos morais conservam o ser pessoa em sua humanidade, mesmo sob todas as contradições possíveis. Atos culturais são aqueles em que a vida se desenvolve de forma genuína e criativa, com vitalidade e significado, opondo-se à toda e qualquer forma de destruição, opondo-se à barbárie e à banalidade da vida. Pelos atos culturais, a vida é cultivada e cuidada em sua perpetuação.

---

<sup>251</sup> TILlich, 2005, p. 555.

Fazendo uma analogia com o elemento ontológico dinâmica, a cultura se dá justamente pelo seu caráter criativo e renovador, impulsionada pela substância que lhe é inerente. E para compreender o que é esta substância, é preciso dar um passo a mais, procurando compreender a idéia de *teonomia*, estabelecida por Tillich, a partir de sua compreensão sobre a relação entre cultura e religião.

### **2.7 Teonomia: a síntese de cultura e religião na consciência de sentido**

Para Tillich, a cultura e a religião, como criatividade e transcendência da vida na dimensão do espírito humano, são funções que irrompem uma na outra. A cultura é substancialmente religiosa e a ação religiosa é culturalmente formal. A cultura é a soma total das ações culturais que se dirige para a realização da unidade das formas particulares do significado. A religião é a soma total das ações espirituais dirigida para a captação da *substância incondicionada* do significado mediante a realização de sua unidade. Ou seja, na clássica definição de Tillich, “la religión és la sustância de la cultura y la cultura és la forma de la religión”.<sup>252</sup>

A cultura, portanto, direciona-se para as formas particulares de significado, enquanto a religião se direciona para a substância do sentido: religião é a orientação para o Incondicional como uma realidade de significado.<sup>253</sup> Isso não significa que cultura e religião sejam funções paralelas com atribuições distintas na produção de significado. Pelo contrário, compreendendo a religião como a profundidade da cultura, Tillich supera o confronto entre a autonomia da cultura e a heteronomia religiosa que surge quando a religião se torna autoritária e perde sua substância religiosa; quando se torna uma religião vazia e sem Deus.<sup>254</sup>

Para superar a compreensão de cultura e religião como funções paralelas, Tillich cunha o conceito de *teonomia*, compreendendo-o como um impulso religioso dado à autonomia cultural; um impulso normativo que emerge da profundidade da cultura sem tornar-se impositivo à ela – como faz a heteronomia religiosa quem lhe vem de fora. Trata-se, portanto, da teonomia como uma síntese de cultura e religião, “como duas faces de um mesmo fenômeno, qual seja a consciência de sentido”.<sup>255</sup> Assim, o fundamento de todo sentido é

---

<sup>252</sup> TILICH, 1973, p. 62.

<sup>253</sup> TILICH, 1973, p. 162,163.

<sup>254</sup> TILICH, 1973, p. 46,47,149. SANTOS, 2005, p. 125.

<sup>255</sup> SANTOS, 2005, p. 125,126.

religioso e se manifesta na cultura. Somente a absolutização do condicionado é o que pode separar cultura e religião. A teonomia permanece como unidade da religião e da cultura na consciência de sentido.<sup>256</sup>

Segundo Tillich, toda ação espiritual é uma ação significativa, uma ação de sentido, pois o espírito humano é sempre o meio para a atualização do sentido. O sentido é a característica comum e a unidade das esferas teórica e prática das estruturas científicas e estéticas do espírito.<sup>257</sup> Uma situação espiritual é qualificada de *teônoma* quando todas as formas da vida espiritual são expressão do incondicional que eclode nesta situação em formas cujo significado não está nelas mesmo, mas naquilo que lhes atravessa questionando toda forma, toda lei que constitui a realidade.<sup>258</sup>

A substância do sentido designa o significado incondicional dado a todo sentido particular. Ela é fundamento de cada significado particular que transcende todo significado condicionado. Não se trata da substância como um sentido em si, pleno, mas da qualidade de algo ter sentido; da significação incondicional dada às formas; da qualidade presente em todo sentido particular na inter-relação dos sentidos cultivados em cada ato cultural criativo genuíno, dando-lhes formas e consciência de um universo de sentido.<sup>259</sup>

A substância é a significação, a substancialidade espiritual que outorga sentido incondicional às formas. Ela é captada mediante uma forma que expressa um conteúdo e atravessa todas as formas. É na substância que se apresenta a realidade religiosa com seu “Não” a todas as formas condicionadas e enrijecidas, e seu “Sim” a todas as formas incondicionadas que criam um novo ser em uma nova realidade.<sup>260</sup>

Tillich interpreta a relação de forma e substância como dois extremos de uma mesma linha sempre mesclados ao longo da linha, de maneira que um não possa existir sem o outro. A autonomia das funções culturais se fundamenta em suas formas, em suas leis, em suas intencionalidades, enquanto a teonomia se fundamenta em sua substância ou significação. Assim, quanto mais abrangente é a forma, maior é a autonomia da criação cultural e, quanto mais abrangente é a substância ou significação, mais abrangente é a teonomia. Portanto, a

---

<sup>256</sup> TILLICH, 1973, p. 61-63.

<sup>257</sup> TILLICH, 1973, p. 43.

<sup>258</sup> TILLICH, 1973, p. 149.

<sup>259</sup> TILLICH, 1973, p. 167. SANTOS, 2005, p. 126.

<sup>260</sup> TILLICH, 1973, p. 167,172.



revelação de uma substância ou significação predominante se caracteriza pela inadequação das formas na realidade constituída.<sup>261</sup>

Se incluirmos no termo “formas do significado” o “formas significativas” todas as particularidades do significado individual e de cada uma das relações do significado, e a uma interrelação universal do significado, então o significado incondicional, com relação a interrelação universal, pode denominar-se a substância do significado. Ao falar da substância do significado, portanto, não queremos dizer a substância que é atribuída a cada consumação particular do significado, mas a significatividade que outorga a cada significado particular sua realidade, sua significação, sua essencialidade.<sup>262</sup>

A forma do sentido é dada na criação cultural em atos teóricos, práticos e na inter-relação dos sentidos particulares dados em toda e qualquer situação cultural, às quais se exige, paradoxalmente, a realização de incondicionalidade de sentido dentro de cada situação particular. O conteúdo do sentido é o resultado do encontro entre cultura e religião no condicionamento de determinada forma. O conteúdo é o elemento dinâmico da relação entre forma e substância na realização e expressão dos sentidos: “o conteúdo é acidental, a substância essencial, a forma é o elemento mediador”.<sup>263</sup>

Sobre o conteúdo se dá, então, o embate entre duas exigências: por um lado, a exigência da forma, de condicionar o sentido para determinada situação cultural, tornando-se um conteúdo historicamente relevante; por outro lado, a exigência da substância, de que este conteúdo ofereça a essa situação concreta um sentido último e incondicional. Em decorrência disso, o conteúdo do sentido se vê diante do paradoxo do incondicional: ele é seu fundamento criativo e fonte infinita de significatividade e, ao mesmo tempo, o abismo que põe termo a qualquer pretensão de concretizar o sentido incondicional.<sup>264</sup>

Para Tillich, a significação incondicional (substância) de todo o significado particular depende da consciência do caráter inesgotável do significado em seu fundamento, na sua essência. Toda ação significativa está presente nesta exigência de unidade perfeita, mediante a qual todo significado particular pode chegar a sua realização incondicional.<sup>265</sup>

<sup>261</sup> TILLICH, 1973, p. 165,166.

<sup>262</sup> *Si incluimos en el término “formas del significado” o “formas significativas” todas las particularidades del significado individual y de cada una de las relaciones del significado, y aun la interrelación universal del significado, entonces el significado incondicional, con respecto a la interrelación universal, puede denominarse la sustancia del significado. Al hablar de la sustancia del significado, por lo tanto, no queremos decir la sustancia que es atribuible a cada consumación particular del significado, sino lo significatividad que otorga a cada significado particular su realidad, su significación, su esencialidad.* (tradução própria). TILLICH, 1973, p. 44.

<sup>263</sup> SANTOS, 2005, p. 127. TILLICH, 1973, p. 43ss.

<sup>264</sup> SANTOS, 2005, p. 127,128. TILLICH, 1973, p. 45.

<sup>265</sup> TILLICH, 1973, p. 45.

Porém, é inadequada a definição de cultura como a direção da consciência de sentido para as formas particulares e condicionadas do sentido, bem como a definição de religião como a direção de consciência do sentido para a substância do sentido em sua forma incondicional. Estas são definições da filosofia da religião. Na perspectiva da teologia da cultura – compreendida a teologia como uma parte da filosofia da religião responsável pela análise religiosa da cultura e pela normatização da religião – Tillich compreende, definitivamente, que forma e substância – cultura e religião – não podem estar separadas:<sup>266</sup>

Toda ação cultural contém o significado incondicional; se embasa no fundamento do significado; na medida em que é uma ação significativa é, substancialmente, religiosa. [...] Porém, não é religiosa intencionalmente. Não se dirige para o Incondicional enquanto tal; e quando se volta para a unidade do significado por certo não o faz com a consciência do significado, quer dizer, não o faz com uma atitude conscientemente religiosa. A cultura, enquanto cultura, é, portanto, substancialmente, porém, não intencionalmente religiosa. Por sua vez, a ação religiosa não pode dirigir-se para o significado incondicionado a menos que o faça através da unidade das formas do significado. Deste o ponto de vista de sua forma, toda ação religiosa é, portanto, uma ação cultural; se dirige para a totalidade do significado. Porém, não é cultural por intenção; porque no se propõe a totalidade do significado [mas] sim, antes, a substância do significado, o significado incondicionado. Não ação cultural, portanto, o religioso é substancial; na ação religiosa o cultural é formal.<sup>267</sup>

Para Tillich, é no encontro e na unidade entre cultura e religião – *na teonomia* – que se dá a unidade de significado como uma substância significativa incondicionada:

Quando se coloca a religião por cima da cultura, a religião se converte em nada mais que um dos significados na série dos significados, passando-lhe por alto que a religião assinala o fundamento e o abismo de todo o significado. Quando religião e cultura se opõem, se destrói a unidade do significado, e se condena ao absurdo, ora a religião, ora a cultura.<sup>268</sup>

<sup>266</sup> Segundo Tillich, a tarefa da teologia da cultura é fazer uma análise das criações culturais através de uma classificação histórico-filosófica e tipológica, produzindo uma sistematização religiosa da cultura segundo a substância religiosa que se realiza nela. TILLICH, 1973, p. 166,167.

<sup>267</sup> *Toda acción cultural contiene el significado incondicionado; se basa en el fundamento del significado; en la medida en que es una acción significativa es, substancialmente, religiosa. [...] Pero nos es religiosa intencionalmente. No se dirige hacia lo Incondicional en cuanto tal; y cuando se vuelve hacia la unidad del significado por cierto no lo hace con la consciencia de que el significado, es decir, no lo hace con una actitud conscientemente religiosa. La cultura en cunto cultura es, por lo tanto, sustancialmente pero no intencionalmente religiosa. Por su parte, la acción religiosa no puede dirigirse hacia el significado incondicionado a menos que lo haga a través de la unidad de las formas del significado. Desde el punto de vista de su forma, toda acción religiosa es, por lo tanto, una acción cultural; se dirige hacia la totalidad del significado. Pero no es cultural por intención; porque no se propone la totalidad del significado sino, antes, la sustancia del significado, el significado incondicionado. En la acción cultural, por lo tanto, lo religioso es sustancial; en la acción religiosa lo cultural es formal.* (tradução própria). TILLICH, 1973, p. 46.

<sup>268</sup> *Cuando se coloca la religión por encima de la cultura, la religión se convierte en nada más que uno de los significados en la serie de los significados, pasándole por alto que la religión señala el fundamento y el*

## 2.8 Espiritualidade: a efetivação da vida na unidade de moral, cultura e religião

A polaridade de individualização e participação garante a centralidade pessoal como núcleo do ser pessoa. Reconhecendo o outro como um ser pessoa e participando na sua existência se reconhece a si mesmo como pessoa. A participação no outro, porém, não designa um vislumbrar, mas um participar no seu ser pela motivação moral da ágape, reconhecendo o outro independente de seus valores e características individuais. Neste sentido, a ágape é a motivação moral e o fundamento religioso na participação da vida de outra pessoa. Um exemplo bíblico é a parábola de Jesus sobre o bom samaritano que, sem questionar etnia ou índole, socorre o ferido por compadecimento (Lc 10.30-37).

A auto-afirmação do ser humano como pessoa se caracteriza pelo seu poder de ser em sua intencionalidade e vitalidade criativa. A dinâmica é a vitalidade criativa que atualiza a vida no ser pessoa, o poder que mantém a vida pessoal em crescimento, preservando-a no pleno desenvolvimento de sua forma.<sup>269</sup> A relação entre *dinâmica* e *forma* garante o não esgotamento do ser humano em uma contingência, conferindo-lhe realização histórica como um sujeito histórico. Pelo seu poder de ser, a pessoa confirma a si, renunciando ao não-ser. Sua vida é auto-afirmação em relação à toda e qualquer forma de aniquilação do ser pessoa.<sup>270</sup> Um exemplo bíblico de auto-afirmação em relação ao *não ser* é dado no texto bíblico de Marcos 7.27-29, onde a mulher samaritana implora a Jesus que cure sua filha, auto-afirmando-se perante Jesus como digna desta Graça.

A unidade de *dinâmica* e *forma* nos atos morais e culturais do ser humano torna possível a criação de sentidos e significados dados em valores morais e criações culturais que regem a vida permitindo que ela se desenvolva de forma criativa, com sentido, numa realização que não se esgota em si mesma, mas motiva e move a busca por sua plenitude. A criatividade da vida no âmbito cultural – como um universo de sentido dado em teoria, estética e práxis – fornece os conteúdos da moral na forma de ideais para a personalidade e a comunidade ética. Neste sentido, toda vida criada culturalmente se baseia no encontro pessoal que estabelece os limites da arbitrariedade. Dito de outra forma, o elemento religioso na

---

*abismo de todo significado. Cuando religión y cultura se oponen, se destruye la unidad del significado, y se condena al absurdo, ora a la religión, ora a la cultura* (tradução própria). TILLICH, 1973, p. 48.

<sup>269</sup> TILLICH, 2005, p. 187-191.

<sup>270</sup> TILLICH, 2004, p. 46,47.

criatividade da vida cultural é a profundidade de uma criação genuína, *substancial*, chamada de substância da cultura, da qual vive a cultura como autocriatividade da vida.<sup>271</sup>

Quando Tillich cita forma, está falando de algo que constitui a realidade com a qualidade que determina tudo aquilo que *é*, que existe e que atua sobre essa realidade com intencionalidade. A *forma* não é apenas o meio de expressão de determinado conteúdo, mas o ato e a intencionalidade em que se constitui a realidade. Como meios através dos quais se dão os conteúdos, as formas configuram as criações inorgânicas e orgânicas da vida, incluindo o ser humano como um ser biológico. Em termos culturais, as formas representam os atos e as intencionalidades humanas na estruturação da realidade e na significação dada a ela.

Metaforicamente falando, poderia-se dizer que a partícula quer tornar-se um cristal, o cristal uma célula, a célula um centro de células, a planta animal, o animal homem, o homem Deus, o fraco forte, o isolado participante, o imperfeito perfeito, e assim por diante. Nessa direção pode acontecer que um ser, quando sem transcender venha perder-se. Pode acontecer que ele destrua sua forma dada sem conseguir uma nova forma, assim aniquila-se. A vida encontra essa ameaça criando formas de desenvolvimento. A autotranscendência de um ser ocorre em formas que determinam o processo de autotranscendência. Mas essa determinação nunca é completa. Se ela fosse, não sealaria de autotranscendência, falar-se-ia de auto-expressão. Transcendendo-se o ser pode encher-se e destruir-se. Pode-se chamar isto de o risco da criatividade. Simbolicamente, pode-se dizer que mesmo Deus, na criação, correu o risco de que a criação se transformasse em destruição.<sup>272</sup>

Por sua vez, a forma está intrinsecamente relacionada com a dinâmica, o conteúdo e a substância religiosa presente em todo ato moral, cultural e religioso na dimensão do espírito humano.<sup>273</sup> As formas estão relacionadas com a criação cultural, pois são passíveis de crítica, enquanto os conteúdos estão relacionados com a religião e são alcançados de forma intuitiva:

A cultura está relacionada à forma – a religião está relacionada ao conteúdo. Forma é todo objeto passível de investigação racional e crítica. Ela constitui o objeto imediato das diferentes atividades culturais autônomas. O conteúdo é visto mais de maneira espiritual, ele não é alcançado por meio da visão objetiva racional, mas pela intuição. Concomitante, as formas, quase sempre querem ter por escopo a absolutização de suas características, esquecendo com isso, o princípio básico de que em toda e qualquer cultura reside algo de incondicionado. Deste modo, para Tillich, a religião dá sentido e, sobretudo seriedade à cultura.<sup>274</sup>

<sup>271</sup> TILlich, 2005, p. 552,553. SANTOS, 2005, p. 132.

<sup>272</sup> TILlich, Paul. **Amor, Poder e Justiça**. São Paulo: Novo Século, 2004, p. 57,58.

<sup>273</sup> HIGUET, Etienne Alfred. Saúde, Cura e Salvação no Pensamento de Paul Tillich. **Sociedade Paul Tillich do Brasil**. Disponível em: <<http://www.angelfire.com/sc/paultillich/artigo3.html>>. Acesso em: 25 nov. 2008.

<sup>274</sup> SILVA, Antonio Almeida Rodrigues da. Teologia da cultura: a essência do incondicionado nas multiformes expressões culturais. **Correlatio**. Disponível em: <<http://www.metodista.br/ppc/correlatio/correlatio09/>>. Acesso em: 25 nov. 2008.

O movimento de integração do ser pessoa não é dissociado e independente dos movimentos de criatividade da vida e transcendência religiosa. Os imperativos morais são os imperativos incondicionais do ato religioso expressos na forma cultural em que se realiza a existência. Os imperativos morais podem ser tanto valores historicamente herdados, como leis, tradições e autoridades éticas, bem como valores elaborados pelo indivíduo na assimilação e rejeição de determinados conteúdos impregnados de criações culturais e religiosas.

O movimento de criatividade cultural na dimensão do espírito humano é um movimento de busca por conteúdos significativos e de transformação destes conteúdos. A criatividade da vida supera a destruição criando novas formas de vida de acordo com as estruturas universais que as condicionam e com os sentidos que dão significação à vida nestas estruturas universais. Na criatividade cultural, situam-se as tradições, os valores e relações sociais, a ética, a estética, os símbolos, as políticas estatais e econômicas, a educação, a ciência, a filosofia, como elaborações humanas repletas de significados.<sup>275</sup>

No movimento de transcendência como “pulsão para o sublime”, o espírito humano transcende os movimentos de integração pessoal e de criatividade cultural da vida, em direção a um sentido de profundidade da vida, um sentido último que supera a superficialidade dos sentidos particulares, das preocupações condicionadas e da própria finitude.

A transcendência religiosa confere à moral o caráter incondicional do seu imperativo: uma atitude humana de arriscar a própria vida para salvar outra, necessariamente, implica uma decisão irrestrita – incondicional – ao se arriscar em favor do outro. Tão logo, trata-se de um ato religioso fundamentado na ágape como o alvo moral último impulsionado pelo poder motivador da Graça. A ágape, como o amor mais profundo, traduz-se como cuidado em relação ao outro, numa ética do cuidado.<sup>276</sup> Os imperativos incondicionais, portanto, são os imperativos religiosos que sustentam os valores morais e a criação cultural, na medida em que reclamam a justiça e a ágape como precedentes à qualquer ideologia ou cultura dominante, como imperativos mediante as ameaças do *não ser* – mediante a destruição e profanação da

---

<sup>275</sup> SILVA, Natanael Gabriel da. *Espiritualidade e Fé: Pressupostos Ontológicos em Paul Tillich*. **Correlatio**, São Paulo, UESP, 2004. Disponível em: <<http://www.metodista.br/ppc/correlatio/correlatio06/>>. Acesso em: 17 jul. 2008.

<sup>276</sup> TILLICH, 2005, p. 552. MUELLER, Enio, Ronald. **Teologia Cristã em Poucas Palavras**. São Paulo: Teológica, São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 2005, p. 87.

vida na pessoa e na comunidade – que permitem à vida se desenvolver de forma criativa, para além da realidade dada, rumo à sua plenitude.

Os movimentos de integração, criatividade e transcendência, tanto como a moral, cultura e religião, são movimentos que irrompem entre si. A *teonomia* reside na profundidade do ato cultural como uma normatização que confere autonomia à cultura, e o imperativo moral possui como fonte religiosa o amor sob o domínio da ágape em unidade com a justiça.<sup>277</sup> Não se trata da moral como dependente de uma religião particular, porque a moral é religiosa em sua essência pelo caráter incondicional do seu imperativo, que tem a ágape como fundamento e fonte última e a Graça como o poder de sua motivação no reconhecimento de cada pessoa como pessoa.<sup>278</sup>

As funções da auto-efetivação da vida se estabelecem em todas as suas esferas e dimensões, atualizando os elementos ontológicos. Na dimensão do espírito humano, a efetivação da vida se dá nos atos morais, culturais e religiosos. Mas isto não significa que as funções da auto-efetivação da vida possam ser terminologicamente substituídas por moral, cultura e religião, porque estes são atos do ser humano. Na efetivação da vida pela dimensão do espírito humano, a perfeita relação dos elementos ontológicos é responsável também pela unidade dos atos morais, culturais e religiosos, em sua mútua relação e inferência, através dos quais a vida é efetiva na dimensão do espírito humano. Ou seja, na dimensão do espírito humano, a vida é efetiva em atos morais, culturais e religiosos. Nestes atos, o ser humano é capaz de significar a vida, contribuindo para o seu desenvolvimento e perpetuação histórica, transcendendo culturalmente a realidade vivida para uma nova realidade baseada nos valores incondicionais atribuídos à vida, pelos quais transcende a existência alienada em direção a uma realidade última, sem ambigüidades.

As funções da auto-efetivação estão unidas e se separam na alienação existencial. Mediante a Presença Espiritual de Deus – O Incondicional para Tillich – as funções se unem na superação da alienação existencial e na resistência ao *não-ser*. Tillich chama este processo de “busca pela vida sem ambigüidades”, qual se dá nos atos morais, culturais e religiosos do ser humano aberto à unidade transcendente da vida sem ambigüidades.<sup>279</sup>

---

<sup>277</sup> TILlich, 1974, p. 27-46.

<sup>278</sup> TILlich, 1974, p. 68.

<sup>279</sup> TILlich, Paul. **Dinâmica da Fé**. 6. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2001, p. 5ss. SILVA, Natanael Gabriel da. **Espiritualidade e Fé: Pressupostos Ontológicos em Paul Tillich. Correlatio**. Disponível em:

Embora as ambigüidades se manifestem em todas as esferas da vida e na transição entre uma forma e outra, é no ser humano onde se tornam conscientes e são experimentadas nos atos morais, culturais e religiosos. Para Tillich, é na religião – como autotranscendência da vida no âmbito do espírito – que o ser humano começa a busca pela vida sem ambigüidades. Por outro lado, essa busca transcende a qualquer símbolo ou sistema religioso que queira expressar a realidade de uma vida sem ambigüidades, pelo fato de que a autotranscendência da vida, por si só, jamais atinge aquele rumo ao qual ela transcende. Através dos atos morais, culturais e religiosos o ser humano experimenta as ambigüidades da vida e, simultaneamente, efetua a busca pela vida sem ambigüidades.<sup>280</sup>

Os símbolos religiosos mais expressivos da vida sem ambigüidades são o Espírito de Deus, o Reino de Deus e a Vida Eterna. O Espírito de Deus representa a presença de Deus em todas as dimensões do ser humano – incluindo o universo como uma parte do ser humano. Tillich chama esta presença divina de Presença Espiritual. O símbolo Reino de Deus é um símbolo social da dimensão histórica da vida, onde os eventos históricos determinam o presente e são experimentados numa antecipação escatológica que se move para uma plenitude pela qual se orienta a transcendência e para qual se encaminha a história. O Reino de Deus já se faz presente, mas ainda não em sua plenitude histórica. O símbolo Vida Eterna inclui os dois símbolos anteriores na representação da plenitude da vida temporal sem as suas ambigüidades.<sup>281</sup>

É possível derivar destas análises em Tillich uma concepção sobre espiritualidade dinâmica e criativa como a unidade de relação entre Eu-Mundo-Transcendente: relação do indivíduo consigo mesmo, com o outro e com Deus; uma espiritualidade na qual se vive a unidade do *poder de ser com sentido*, na justiça e na ágape como o mais profundo amor prefigurado na Graça e misericórdia divinas que, mediante a Presença Espiritual de Deus, permite ao ser humano superar suas falsas ansiedades, necessidades e leis às quais se submete aprisionando o próprio espírito: “la obra de la presencia espiritual en un hombre consigue su plena medida, cuando le libera de yugo de los mandamientos y le otorga la libertad del espíritu”.<sup>282</sup>

---

<<http://www.metodista.br/ppc/correlatio/correlatio06/espiritualidade-e-fe-p-supositos-ontologicos-em-paul-tillich/>>. Acesso em: 18 nov. 2008.

<sup>280</sup> TILLICH, 2005, p. 564.

<sup>281</sup> TILLICH, 2005, p. 564,565.

<sup>282</sup> RACINE, L. **El Evangelio Segun Paul Tillich**. Madrid: STVDIVM Ediciones, 1971, p. 62.

[...] esse símbolo do Espírito é uma força que está em nós, porém que não é nossa; é Deus, enquanto que se encontra espiritualmente presente em nós. Quem sabe dizéis: não sentimos essa força. Porém, nem sempre se trata de experiências extraordinárias, como a de êxtase. A maioria das vezes se trata de experiências comuns a todos. Permita-me que enumere algumas manifestações do Espírito. Às vezes temos consciência do mistério da existência, do vazio de nossa existência e da necessidade que temos de dar-lhe um sentido; temos o valor de dizer sim à existência, a pesar dos numerosos “nãos” que pode nos sugerir; somos conscientes de haver molestado a alguém; nos sentimos livres da ansia de vingança; etc. Todas essas experiências são efeito do Espírito. Nada pode, portanto, afirmar que não é portador do Espírito. O Espírito é como o ar que respiramos; está presente onde quer; não está monopolizado por nenhuma Igreja, nem linguagem. [...] Permita-me agora que descreva um dos efeitos da presença do Espírito. Segundo São Paulo, ele nos permite transcender a lei, a dura lei da consciência inscrita em nós pela educação, os pais, a sociedade, e chegar a liberdade de realizarmos no amor. Porque o amor confirma, cumpre, porém também supera a lei.<sup>283</sup>

O escopo desta espiritualidade é a unidade dos movimentos de integração, criatividade e transcendência da vida na dimensão do espírito humano. Seu alvo é a efetivação da vida em suas mais perfeitas e plenas formas, integrando, criando e transcendendo a vida em si mesma. Assim, é possível afirmar que onde há vida sendo desintegrada, destruída e profanada não há espiritualidade ou há uma espiritualidade defectível.

Esta espiritualidade corresponde à unidade de mútua relação e inferência dos atos morais, culturais e religiosos do ser humano, onde a espiritualidade se realiza existencialmente: um ato imoral é aquele no qual não há qualquer reconhecimento do outro ser humano como uma pessoa; um ato desprovido de cultura – no sentido de cultura como criatividade da vida sob o princípio do crescimento – é aquele em que predomina a destruição da vida mediante a ausência de qualquer sentido a ela atribuído;<sup>284</sup> um ato irreligioso é aquele desprovido de qualquer relação humana com uma realidade de significado incondicional atribuído à vida, um ato ou intenção em que não há qualquer *significação substancial* como

<sup>283</sup> [...] esse símbolo del Espíritu es una fuerza que está en nosotros, pero que no es nuestra; es Dios, en cuanto que se encuentra espiritualmente presente en nosotros. Quizás digáis: no sentimos esa fuerza. Pero no siempre se trata de experiencias extraordinarias, como la del éxtasis. La mayoría de las veces se trata de experiencias comunes a todos. Permitidme que enumere algunas manifestaciones del Espíritu. A veces tenemos consciencia del misterio de la existencia, del vacío de nuestra existencia y de la necesidad que tenemos de darle un sentido; tenemos el valor de decir sí a la existencia, apesar de los numerosos “nos” que puede sugerirnos; somos conscientes de haber molestado a alguno; nos sentimos libres del ansia de venganza, etc. Todas esas experiencias son efecto del Espíritu. Nada puede, por tanto, afirmar que no es portador del Espíritu. El Espíritu es como el aire que respiramos; está presente por doquier; no está monopolizado por ninguna Iglesia, ni lenguaje. [...] Permitidme ahora que describa uno de los efectos de la presencia del Espíritu. Según san Pablo, él nos permite transcender la ley, la dura ley de la consciencia inscrita en nosotros por la educación, los padres, la sociedad, y llegar a la libertad de realizarnos en el amor. Porque el amor confirma, cumple, pero también supera, la ley (tradução própria). RACINE, 1971, p. 55,56.

<sup>284</sup> Aqui, o conceito de cultura é o de autocriatividade da vida na dimensão do espírito humano sob o princípio do crescimento, onde se estabelecem as relações horizontais da vida, resultando num “universo de sentido”. SANTOS, 2005, p. 133.



orientação para o Incondicional como uma realidade última de significado. Tendo como escopo e alvo a efetivação da vida, esta espiritualidade se dá na sua busca por superar a alienação existencial e as ambigüidades da vida, mediante um sentido último e incondicional à ela atribuído, ou seja, Deus, em linguagem religiosa.

É preciso enfatizar que, para Tillich, moral, cultura e religião não são funções paralelas, mas correlatas em sua essência. Compreendê-las de forma isolada é um grande equívoco: não há ato moral que não seja ao mesmo tempo religioso; não há ato religioso que não seja ao mesmo tempo moral e cultural. Um ato cultural genuinamente criativo e sagrado, é aquele em que se realiza uma criação cultural portadora de sentidos incondicionais e significados substanciais como orientação para o Incondicional, pela autonomia conferida à cultura pela *teonomia*.

Desta forma, é possível falar em uma espiritualidade integral, como a unidade dos movimentos de integração, criatividade e transcendência da vida na dimensão do espírito humano, efetivos na unidade e mútua inferência dos atos morais, culturais e religiosos. Isso não significa algo tautológico ou um pleonasma, pelo simples fato de que, segundo Paul Tillich, *espiritualidade é a unidade da dinâmica e da forma nos atos morais e culturais do ser humano*, com todas as suas implicações e questões daí decorrentes.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A revisão bibliográfica do tema “espiritualidade nas empresas” confirma a existência de, pelo menos, dois horizontes de reflexão sobre o tema: a) *da práxis social de caráter religioso* e b) *da instrumentalização da espiritualidade na gestão empresarial*. A instrumentalização está preocupada mais com a performance e com o desenvolvimento organizacional do que propriamente com as questões existenciais e sociais das pessoas na organização. Já a *práxis social de caráter religioso* está mais preocupada com as questões existenciais e sociais da vida organizacional do que propriamente com a performance empresarial e seu desenvolvimento econômico.

As linhas de perspectiva em relação ao tema são muito tênues e, portanto, devem ser analisadas cuidadosamente. A perspectiva da *práxis social de caráter religioso*, embora esteja preocupada com as questões existenciais e sociais dos sujeitos nas organizações, não se isenta da consciência de que as empresas capitalistas são instituições lucrativas. De outro lado, a perspectiva da *instrumentalização da espiritualidade* na gestão empresarial também não se isenta da consciência de que os indivíduos nas organizações tenham anseios existenciais e necessidades sociais, porém não parece ser esta a sua preocupação fundamental. Em última análise, a cisão entre as perspectivas se dá pela compreensão acerca das intencionalidades de cada uma presentes na construção argumentativa: a *instrumentalização* visa ao desenvolvimento da empresa enquanto instituição, enquanto a *práxis* visa ao desenvolvimento das pessoas na organização enquanto sujeitos. Contudo, ambas possuem em comum uma *sensibilidade diante da dimensão transcendente da experiência*, porém não afixadas em dogmas ou necessariamente vinculadas a instituições religiosas.

No horizonte da *instrumentalização da espiritualidade* na gestão empresarial, é possível notar maior abertura a práticas de valores e crenças de confissões religiosas nas empresas, como uma extensão da religião no contexto empresarial. Mas isto não deve ser

compreendido como proselitismo religioso de determinada religião, pois não há evidências de tal proselitismo por parte de confissões religiosas. O que há é uma apropriação de discursos religiosos na construção da temática sobre a espiritualidade nas empresas.

*A instrumentalização da espiritualidade* na gestão organizacional foca seu esforço na perspectiva da performance organizacional.<sup>285</sup> Uma de suas grandes preocupações é a harmonia empresarial, prevendo que as pessoas estejam alinhadas à filosofia, missão e objetivos da empresa, comprometidas com o seu desenvolvimento. Esta linha valoriza o ser humano como ativo das organizações na estrutura organizacional estratégica:<sup>286</sup>

[...] Na verdade, o que desejam também os empresários são, como eu já observava num estudo há mais de 30 anos, indivíduos a um tempo *conformados, adaptáveis e inovadores* (o mesmo que desejar a quadratura do círculo: era este, aliás, o título de meu artigo), indivíduos teoricamente “autônomos”, mas, na realidade, “heterônomos” (C. Castoriadis). A administração estratégica faz parecer respeitar o sujeito humano, mas para *aliená-lo* mais ainda. [...] trata-se de provocar uma *adesão passional*, por uma gestão não apenas do afetivo como ainda do inconsciente. O inconsciente não reconhece o impossível, a contradição. Tratar-se-á de fazer com que a organização fale ao inconsciente das pessoas e as induza a pensar que para eles (absolutamente para os outros) as portas do sucesso estão abertas, que lhes é possível ser criativo e, ao mesmo tempo, semelhante aos outros, fazer um papel individual e ser solidário numa equipe, ganhar sem fazer vencidos. E se todos não aceitam esse sistema de crença que adula o *narcisismo* de cada um [...], se ninguém adere a essa *pseudo-ética do trabalho* como ultrapassamento contínuo de si mesmo, como esforço, como tensão em direção ao ilimitado, nada impede que muitas pessoas se deixem prender a esse sonho. Elas passam a *sentir vergonha* ou a sentir-se culpadas, quando não conseguem chegar sempre mais alto. A gestão pelo afetivo tem levado a uma tal *psicologização* dos problemas, que os indivíduos *alienados* já não se perguntam se seu mau êxito é um efeito da estrutura. Eles o vivem como um fracasso estritamente pessoal. [...] Se alguém fracassa ele não tem se não que contar consigo mesmo. “*Vae victis*” é o slogan deste novo capitalismo selvagem, mascarado sob os europeís da sedução, da indulgência, da ética gerencial e que tem querido fazer-se amar, fazendo parecer que ama.<sup>287</sup>

A *razão instrumental* da Modernidade é expressiva na economia contemporânea. Esta forma de pensamento incita ao individualismo e ao consumismo numa vida pautada na produção e no consumo. O sistema econômico ao qual o sujeito é tornado subserviente é um sistema em crise, mediante o esgotamento dos recursos naturais e o acúmulo de coisas descartáveis que se tornam lixo tóxico. A espiritualidade, na sua forma de instrumentalização na gestão empresarial – subserviente ao modelo de desenvolvimento econômico vigente – não

<sup>285</sup> FARIA, Paulo Sérgio de. **CREMP- Consultoria Religiosa Empresarial**. Espiritualidade Empresarial: uma ferramenta a mais para se atingir os objetivos da empresa. Disponível em: <<http://cremp.blogspot.com/>> <<http://cremp.wordpress.com/>>. Acesso em: 10 dez. 2008.

<sup>286</sup> KIVITIZ, 2007, p. 106.

<sup>287</sup> ENRIQUEZ, Eugène. In: DAVEL, E. P. Barreto; VASCONCELLOS, João Gualberto Moreira de. (Orgs). **Recursos Humanos e Subjetividade**. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 19,20.

é capaz de dar um sentido profundo à vida das pessoas e de transformá-la significativamente para além deste ciclo vicioso da economia, transcendendo as limitações de uma vida pautada na linearidade de produção e consumo. Neste ciclo consumista, o sujeito nunca está satisfeito e realizado existencialmente, mas está sempre em busca de algo que possa satisfazer o seu desejo de consumo. Por outro lado, o sujeito necessita constantemente afirmar-se como ser produtivo, caso contrário é rejeitado pela sociedade produtiva. A pessoa cuja produtividade não atende à demanda do Mercado é simplesmente tida como “improdutiva” e é descartada como uma peça sem utilidade.

O Mercado de Trabalho, por sua vez, tem se tornado cada vez mais competitivo e excludente, com critérios que exigem do ser humano uma perfeição utópica: pessoas jovens, qualificadas e experientes, que possuam ao menos um idioma estrangeiro fluente, domínio de tecnologias, proatividade, criatividade e, paradoxalmente, que sejam submissas à filosofia empresarial. Diante destas condições, a *instrumentalização da espiritualidade na gestão empresarial* apenas tende a alienar ainda mais o ser humano diante das questões existenciais, sociais, políticas e econômicas, tornando-o submisso à lógica econômica do Mercado – uma lógica autodestrutiva – alimentando-a sempre mais. A tendência é uma alienação social subserviente ao Mercado pela necessidade de consumo e produção.<sup>288</sup>

Objetivando a performance empresarial e o desenvolvimento econômico, a instrumentalização da espiritualidade na gestão empresarial se conforma à *racionalidade instrumental* do contexto empresarial, sem transformá-lo de forma substancial no horizonte do mais pleno sentido da palavra *sustentabilidade*, traduzida como a herança de recursos e valores morais e culturais deixados às próximas gerações para que a vida humana possa perpetuar.<sup>289</sup> Em última análise, na perspectiva da instrumentalização, a espiritualidade nas empresas torna-se uma ferramenta de adequação humana à organização, tornando o sujeito subserviente à empresa. Não obstante, a instrumentalização da espiritualidade na gestão empresarial permanece presa a esta *razão instrumental e tecnocêntrica* da Modernidade; permanece presa a uma concepção de desenvolvimento que torna a cultura subordinada à

<sup>288</sup> 1,99 – UM SUPERMERCADO que Vende Palavras. Direção de Marcelo Masagão. Roteiro e Produção de Gustavo Steinberg. São Paulo: Agência Observatório, 2003. 1 arquivo de vídeo (69 min.), color. “[...] 1,99 é um filme sobre o individualismo regado a *Prozac*, a felicidade nutrida pela *Nintendo*, a memória gerenciada pela *Microsoft* e a consciência controlada pela *CNN*”. Disponível em: <<http://www2.uol.com.br/umnovenove/>>. Acesso em: 10 dez. 2008.

<sup>289</sup> THE STORY of Stuff. Escrito por Annie Leonard. Direção de Louis Fox. Produção de Erica Priggen. EUA: Free Range Studios. Tides Foundation & Funders Workgroup for Sustainable Production and Consumption. 1 vídeo (20 min. 40s.). Disponível em: <<http://www.storyofstuff.com/>>. Acesso em: 18 dez. 2008.

tecnologia, quando a tecnologia deveria ser compreendida como uma dimensão da cultura. Assim, na perspectiva da instrumentalização, o tema da espiritualidade nas empresas permanece enraizado a um modelo de desenvolvimento que tem o lucro como medida exclusiva: “*é importante manter nosso espírito crítico, porque com espiritualidade também se pode fazer dinheiro*”.<sup>290</sup>

Já na perspectiva da *práxis social de caráter religioso*, a espiritualidade é colocada a serviço do ser humano, da sua qualidade de vida e da relação humana com o meio social, na ação criativa, reflexiva e transformadora da realidade. A *práxis* se torna uma dimensão significativa da espiritualidade pela qual o ser humano re-significa e transforma suas práticas e a própria existência, reconfigurando a realidade em que vive pelo significado atribuído a essa realidade. Neste horizonte de reflexão, as concepções sobre espiritualidade nas empresas são pautadas por imperativos que reclamam uma vida profissional menos utilitarista e mecanicista, com valorização e significação do trabalho, atribuindo sentido e significado à vida profissional que não se desvincula da vida pessoal e social. A sensibilidade diante das questões existenciais, sociais, políticas, ecológicas, econômicas, com apelo à consciência da interdependência humana e sua relação com os ecossistemas e a sustentabilidade da vida é uma das características marcantes da espiritualidade nas empresas na perspectiva do que se convencionou chamar nesta pesquisa de *práxis social de caráter religioso*.

As concepções sobre espiritualidade presentes no horizonte da *práxis social de caráter religioso*, se fundamentam, basicamente, numa opção fundamental e significativa da existência, de compromisso com a vida, de sentido e significado atribuído ao trabalho, com sentido de pertença comunitária e de relações significativas no contexto empresarial, no horizonte de uma concepção contemporânea sobre espiritualidade como *sensibilidade diante da dimensão transcendente da experiência*, interpretada em termos não dogmáticos e resguardada por uma autonomia espiritual do ser humano em detrimento das heteronomias religiosas. A sua ênfase é dada na humanização das relações, dos processos, dos métodos e da vida organizacional, suscitando o preenchimento de um vazio existencial deixado pela era da produção e do consumo, como cita Leonardo Boff:

Todos falam de espiritualidade, e ela é um tema recorrente em nossa cultura, não só no âmbito das religiões, que é seu lugar natural, mas também no das buscas humanas, tanto dos jovens quanto dos intelectuais, de famosos cientistas e – para nossa surpresa – de grandes empresários. Tenho falado nos últimos anos, aqui e fora

---

<sup>290</sup> BOFF, 2006, p. 10.

do país, para grupos ligados ao poder econômico internacional, executivos de multinacionais e outros agentes de poder, que colocam como tema de ponderação as mudanças sociais, o novo paradigma civilizatório, a produtividade da nova tecnologia robotizada e a espiritualidade humana. Às vezes começo minhas palestras dizendo: “no fim da vida, até o diabo vira sacristão, isto é, vocês”. [...] De todas as maneiras, o fato de grandes empresários colocarem questões ligadas à espiritualidade atesta as dimensões da crise que nos assola. Significa que os bens materiais que eles produzem, as lógicas produtivas que incentivam, o universo de valores que inspira suas práticas não deve estar sendo suficientes. Há um vazio profundo, um buraco imenso dentro do seu ser, suscitando questões como gratuidade e espiritualidade, futuro da vida e do sistema-Terra. Esse buraco existencial é do tamanho de Deus. Por isso só Deus é capaz de preenchê-lo. É importante, no entanto, manter sempre nosso espírito crítico, porque com espiritualidade também se pode fazer dinheiro. Há verdadeiras empresas manejando os discursos da espiritualidade para criar um exército de seguidores que muitas vezes falam mais aos seus bolsos do que aos seus corações. Não devemos nunca esquecer que os portadores permanentes da espiritualidade são as pessoas consideradas comuns, que vivem a retidão da vida, o sentido de solidariedade, e cultivam o espaço sagrado do Espírito, seja em suas religiões e igrejas, seja no modo como pensam, agem e interpretam a vida. [...] O que importa, porém, é que, mundialmente, estendendo-se a todos os países, há uma demanda por valores não materiais, por uma redefinição do ser humano como um ser que busca um sentido plenificador, que está à procura de valores que inspirem profundamente a vida.<sup>291</sup>

A espiritualidade nas empresas no horizonte da *práxis social de caráter religioso* aproxima-se em muito à compreensão de *práxis* tida por Paul Tillich, como *a criação da vida na pessoa e na comunidade*, onde é possível identificar a transcendência como um de seus elementos constitutivos.<sup>292</sup> Sendo assim, de uma perspectiva teológica libertadora, compreende-se que é a partir da *práxis social de caráter religioso* que a espiritualidade poderá ser pensada no contexto empresarial.

A *práxis*, como é compreendida por Paul Tillich, trata-se de uma das dimensões da espiritualidade humana. Para Tillich, a *práxis* é uma dimensão da função de criatividade da vida, cuja função é efetiva nos atos culturais como o movimento criativo e dinâmico que a impulsiona a vida para além dela mesma. Os atos culturais são constitutivos dos valores, das leis, das tradições, dos paradigmas, da técnica, da teoria, da estética, da linguagem e também da *práxis* na apreensão e significação da experiência humana mediante a relação dos sujeitos com seu mundo. A *práxis*, como um elemento da cultura enquanto criatividade de vida, não se trata apenas de uma ação refletida com vistas a uma nova ação, mas trata-se da própria constituição da realidade pela relação existente entre os sujeitos dessa realidade. Neste sentido, a *práxis* se constitui como um campo fértil para se pensar a espiritualidade nas

---

<sup>291</sup> BOFF, 2006, p. 10,11.

<sup>292</sup> TILLICH, 2005, p. 525.

empresas. Ou melhor, a *práxis* é a espiritualidade sendo vivida em uma das dimensões que a constitui como uma espiritualidade integral.

Alguns modelos que configuram a relevância da espiritualidade nas empresas, conforme identificados na literatura revisada, podem integrar a construção desta espiritualidade integral nas empresas, a partir da *práxis social de caráter religioso*. Estes modelos são **a)** a preservação de valores humanos que transcendam à mensuração dos valores econômicos, com abertura a uma dimensão sagrada e transcendente da experiência; **b)** a significação e o sentido atribuídos ao trabalho com liberdade à expressão da subjetividade e motivação pela realização existencial; **c)** as relações significativas com sentido de comunidade empresarial; **d)** o desenvolvimento de produtos e serviços com qualidade, ética, transparência e responsabilidade social e ambiental, visando a sustentabilidade da comunidade empresarial, da sociedade, do meio ambiente e da empresa como uma instituição de criação cultural que atende às necessidades humanas, sem tornar-se um fim em si mesma.

No desenvolvimento desta espiritualidade integral, compreendeu-se que a efetivação da vida se dá na perfeita unidade das funções de integração, de criatividade e de transcendência da vida. Assim, de uma perspectiva teológica, a efetivação da vida é escopo e o alvo da espiritualidade. Onde há desintegração, destruição e profanação da vida não há espiritualidade no seu pleno significado. Sua realização se dá na relação da efetivação da vida com a *substância religiosa* como o elemento de significação presente num genuíno ato moral e num genuíno ato cultural, como criatividade da vida pela *substância religiosa* enquanto a significação incondicional atribuída a toda situação vivida, pois, segundo Tillich, cultura é a *forma* da religião e religião é a *substância* da cultura, enquanto *teonomia* é a síntese de cultura e religião na consciência de sentido.

A *substância religiosa* como *significação incondicional dada à vida* atribui à cultura sentidos incondicionais que lhe permitem transcender à realidade dada rumo ao encontro com uma realidade última e incondicional – Deus – a partir da qual se sustentam os significados incondicionais dados à existência em valores morais e culturais. Neste sentido, a espiritualidade não se restringe a uma ou outra religião confessional, mas é religiosa em sua essência pelo seu caráter transcendente mediante a atribuição de sentidos incondicionais dados à vida. Por outro lado, a espiritualidade necessita das confissões religiosas como sistemas simbólicos na sua relação com Deus como O Incondicional, porém, transcendendo

qualquer religião que se queira tornar heterônoma e absoluta em relação ao alvo desta espiritualidade, que é a efetivação da vida em suas mais perfeitas formas.

De acordo com o escopo e o alvo desta espiritualidade integral, é possível afirmar que uma pessoa sem religião poderá possuir uma espiritualidade tão profunda quanto uma pessoa que professa uma determinada confissão religiosa. De modo semelhante, uma pessoa de determinada confissão religiosa pode ser a pessoa mais desprovida de espiritualidade quando não considera o escopo e alvo desta espiritualidade, ou seja, quando não está voltada para a efetivação da vida e para a humanização do ser humano e sua perfeita relação com o outro, a natureza, o mundo, o cosmos; quando usa de demagogia religiosa exercendo poder tirânico, opressor, violento em nome de seu deus. Em contrapartida, na comunhão com Deus como O Incondicional, a pessoa é tomada pela realidade de significado incondicional num estado de dupla imanência entre o espírito humano e o Espírito de Deus.<sup>293</sup>

De outro lado, esta forma de espiritualidade não é alienada em relação aos acontecimentos do mundo. Exatamente porque conhece a misericórdia, a ágape, o Evangelho, a Graça, não se faz indiferente ou desdenhada em relação ao sofrimento alheio e às questões sociais, políticas e econômicas onde a vida é integrada e desintegrada, criada e destruída, consagrada e profanada. Ela é desafiada a insurgir contra a ameaça à liberdade, à autonomia, à emancipação das pessoas que, em comunidade, tornam-se sujeitos de sua própria história. É desafiada a se compor e a se recompor em uma unidade de relação indissociável com a ética, a justiça e a dignidade humana, carregando consigo a capacidade da indignação e da intolerância às estruturas corruptas do mundo.

Como é da natureza intrínseca do ser humano, esta espiritualidade também pode e deve ser vivida nas empresas, no confronto com a *razão instrumental* que reina neste contexto, onde os meios sempre justificam os fins; onde a subjetividade das pessoas é tomada como ferramenta estratégica para o desenvolvimento econômico; onde a autonomia dos

---

<sup>293</sup> Fé, para Tillich, é o estado em que se é possuído pelo Incondicional. A fé gerada na comunhão com o Incondicional não é uma fé ao lado de outros estados psicológicos, como um evento isolado que possa ser descrito. Trata-se de uma fé como um estado de saber-se aceito e perdoado por Deus numa unidade íntima em que se experimenta a potência do ser-em-si como a coragem de ser que assume sobre si o destino e a morte na resistência ao não-ser, porque sua confiança e esperança estão na incondicionalidade transcendente do Deus vivo e presente. A fé “não é um lugar onde se possa viver, é sem a segurança de palavras e conceitos, é sem nome, sem igreja, sem culto, sem teologia. Mas está se movendo na profundidade de todos eles. É a potência de ser da qual eles participam e da qual são expressões fragmentárias”. TILLICH, 1972, p. 145,146; p. 125-127, 134. TILLICH, 2001, p. 5-10. TILLICH, 2005, p. 567-575, 492. ARMBRUST, 1967, p. 212. SANTOS, 2005, p. 139.



sujeitos é limitada a uma atividade profissional subordinada às ideologias dominantes.<sup>294</sup> Essa espiritualidade pode e necessita ser vivida exatamente diante das incoerências e coerções que neste contexto se inflige ao ser humano, pois é frente aos desafios e limitações, frente à arbitrariedade, à injustiça, à corrupção e no confronto com a realidade imposta onde ela se faz efetiva.

Os sentidos condicionantes atribuídos à vida podem revelar a subserviência a ideologias dominantes que produzem arbitrariedade, injustiça e barbárie, banalizando a integridade, a criatividade e a sacralidade da vida. Optar pelo silêncio diante de práticas injustas, antiéticas, ilícitas, significa atribuir à vida sentidos condicionados baseados no egocentrismo, no egoísmo, no interesse próprio, na omissão ou no simples medo de se comprometer, de perder as regalias, de perder o emprego. Lutar pelo direito à vida, à dignidade e à justiça com responsabilidade e ética – superando os próprios desejos e medos – significa atribuir à vida sentidos incondicionais em atos genuinamente morais, culturalmente criativos e substancialmente religiosos que transcendem a vida em direção à sua plenitude.<sup>295</sup>

Esta espiritualidade integral é capaz de superar a *razão instrumental* e a concepção linear das estruturas e processos organizacionais na economia capitalista. Sobretudo, é capaz de humanizar o contexto empresarial vivido na unidade de moral, cultura e religião, integrando, criando e transcendendo a todas as situações limitadoras da vida pessoal, profissional e organizacional. O grande desafio desta espiritualidade integral no contexto empresarial são os interesses que subvertem e corrompem a vida humana em prol do capital econômico. Neste sentido, esta espiritualidade necessita levar em conta as singularidades que lhes são peculiares e que se tornam o seu próprio fundamento: a singularidade de sua dimensão moral que está na capacidade de reconhecer a si mesmo e ao outro como um ser humano, uma pessoa, com direitos e responsabilidades de toda ordem perante a vida; a

---

<sup>294</sup> ENRIQUEZ, 1995, p. 20.

<sup>295</sup> TILLICH, 1973, p. 70. “La religión es la orientación hacia lo Incondicional. A través de las realidades existentes, a través de los valores, a través de la vida personal, se hace evidente el significado de la realidad incondicional; ante la cual cada cosa particular y la totalidad de todos los particulares, todo valor e todo sistema de valores, toda personalidad e toda comunidad son conmovidos en lo más profundo de su autosuficiente ser e valor. No se trata de una nueva realidad que estaría por en cima de las otras cosas, o junto a ellas; se así fuera sería solamente algo más, aunque de un orden superior, que caería bajo el No absoluto de lo Incondicional. Todo lo contrario, es precisamente a través de las cosas que se nos arroja encima esta realidad que es, al mismo tiempo, el Sí y el No de todas las cosas. No es un ser, ni es la substancia o la totalidad de todos los seres; es, para usar una fórmula mística, aquello que está por encima de todo ser; es, al mismo tiempo, la Nada absoluta e el absoluto Algo. Pero aun el predicado “es” disfraza los hechos de esta realidad, puesto que no estamos aquí frente a una realidad de la existencia, sino ante una realidad de significado, y este es ciertamente el significado último y más profundo: aquella realidad que conmueve los fundamentos de todas las cosas, las derrumba y vuelve a construirlas de nuevo”. TILLICH, 1973, p. 162,163.

singularidade de sua dimensão cultural que está no significado dos símbolos, da linguagem, da estética, da capacidade criativa que faz do ser humano um sujeito ativo e receptivo na criação cultural, um co-criador da vida, de modo que possa impor-se à máquina e àquilo que queira fazer do ser humano uma máquina; e a singularidade de sua dimensão transcendente da experiência que está nos significados incondicionais atribuídos à vida mediante uma realidade de significado último e incondicional que é Deus, significados incondicionais que não permitem que a vida seja banalizada, profanada e desencantada. Esta espiritualidade se dá na busca pela vida sem ambigüidades; na superação da alienação existencial; integrando, criando e transcendendo a vida em todas as dimensões onde atua o espírito humano.

Novas pesquisas poderão analisar como esta espiritualidade integral poderá ser vivida nas organizações a partir da linguagem, dos símbolos, das tradições, das crenças, dos mitos, dos ritos, da missão, da visão e dos objetivos, como artefatos visíveis que compõem, governam e identificam a cultura organizacional. A cultura organizacional é um campo fértil onde a espiritualidade nas empresas poderá ser desenvolvida, onde algumas pesquisas já vêm despontando.

## REFERÊNCIAS

1,99 – UM SUPERMERCADO que Vende Palavras. Direção de Marcelo Masagão. Roteiro e Produção de Gustavo Steinberg. São Paulo: Agência Observatório, 2003. 1 arquivo de vídeo (69 min.), color. Disponível em: <<http://www2.uol.com.br/umnovenove/>>. Acesso em: 10 dez. 2008.

ADORNO Theodor W. **Résumé sobre Indústria Cultural**. Disponível em: <<http://adorno.planetaclix.pt/tadorno17.htm>>. Acesso em: 10 dez. 2008.

ALMEIDA, Eduardo. **Espiritualidade organizacional: a conexão que faltava**. Disponível em: <<http://www.algosobre.com.br/comportamento/espiritualidade-organizacional-a-conexao-que-faltava.html>>. Acesso em: 12 nov. 2008.

ARANHA, Francisco. Editorial. **Revista Gv-executivo**. v. 6. n. 6. dez. 2007. Disponível em: <<http://www.rae.com.br/executivo/index.cfm?FuseAction=Principal&Volume=6&numero=6&Ano=2007>>. Acesso em: 29 jan. 2008.

ARMBRUSTER, Carl S. J. **El Pensamiento de Paul Tillich**. Santander: Editorial Sal Terrae, 1967.

ASSMANN, Hugo. **Curiosidade e prazer de aprender: o papel da curiosidade na aprendizagem significativa**. Petrópolis: Vozes, 2004.

BANCO DO BRASIL. **Profissionalização**, Brasília, [s.n.], n. 19, jun. 1999.

BARBOSA, Lívia. Espiritualidade nas Organizações: Nova Era e Negócios. **Revista da ESPM**. São Paulo, v. 14, n. 1, p. 80-85, jan. 2007.

BARCHIFONTAINE, Christian de Paul de. Espiritualidade nas Empresas. **O Mundo da Saúde**. Centro Universitário São Camilo. São Paulo: p. 301-304, abr. 2007. Disponível em: <[http://www.scamilo.edu.br/pdf/mundo\\_saude/53/19\\_Espiritual\\_empresas.pdf](http://www.scamilo.edu.br/pdf/mundo_saude/53/19_Espiritual_empresas.pdf)>. Acesso em 30 jan. 2008.

\_\_\_\_\_. **Revista da ESPM**. São Paulo, v. 14, n. 1, p. 98, jan. 2007.

BARTOLI, Jean. Espiritualidade e Conhecimento. **GV-Executivo**, São Paulo, v. 6, n. 6, p. 74-78, nov. 2007.

\_\_\_\_\_. **Espiritualidade na Dissociedade Supercapitalista: impasses e alternativa**. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: Tese de Doutorado em Ciências da Religião, 2008.

BENSON, Herbert; STARK, Marg. **Medicina Espiritual: o poder essencial da cura**. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

BERTERO, Osmar. Carlos. A Permanência da Religião. **GV-Executivo**, São Paulo, v. 6, n. 6, p. 64-68, nov. 2007.

BOFF, Leonardo. **Espiritualidade**. Um Caminho de Transformação. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.

BOOG, Gustavo G; MARIN, Maysa C; WAGNER, Valéria S. **Espiritualidade no Trabalho**. Disponível em: <<http://www.guiarh.com.br/p55.htm>>. Acesso em: 18 fev. 2008.

\_\_\_\_\_. **Espiritualidade nas Empresas**. Disponível em: Disponível em: <[http://www.elosbrasil.org.br/br/paginas.asp?id\\_site=br&cod\\_pagina=12](http://www.elosbrasil.org.br/br/paginas.asp?id_site=br&cod_pagina=12)>. Acesso em: 18 fev. 2008.

\_\_\_\_\_. **Espiritualidade no Trabalho**. Disponível em: <<http://www.guiarh.com.br/p55.htm>>. Acesso em: 11 nov. 2008.

\_\_\_\_\_. Espiritualidade no Trabalho. **RH Portal**, 2007. Disponível em: Disponível em: <[http://www.rhportal.com.br/artigos/wmview.php?idc\\_cad=f9yjrki9f](http://www.rhportal.com.br/artigos/wmview.php?idc_cad=f9yjrki9f)>. Acesso em: 10 dez. 2008.

BORGES, Regina Maria Rabello. Além do Cognitivo. **Educação**, Porto Alegre, n. 46, ano XXV, p. 249-263, 2002.

BRANDÃO, Baptista João. Entre a Religião e a Espiritualidade. **Revista Melhor Gestão de Pessoas**. Valores da Alma e da Organização. Disponível em: <<http://revistamelhor.uol.com.br/textos.asp?codigo=12000>>. Acesso em: 12 nov. 2008.

CAMPBELL, Colin. A Orientalização do Ocidente: Reflexões Sobre uma Nova Teodicéia Para um Novo Milênio. **Religião e Sociedade**, v. 18, n. 1, 1997.

CAPRA, Fritjof. **O Sentido das Coisas**. São Paulo: Cultrix, 2002. Disponível em: <<http://www.humanas.unisinos.br/info/antropos/sentidodascoisas.doc>>. Acesso em: 29 jan. 2008.

CASTRO, Paulo Vieira de. **A Última Fronteira**. Disponível em: <[http://www.hsm.com.br/editorias/gestaodoconhecimento/a\\_proxima\\_frenteira.php](http://www.hsm.com.br/editorias/gestaodoconhecimento/a_proxima_frenteira.php)>. Acesso em: 12 nov. 2008.

COHEN, David. Deus Ajuda? O tema da espiritualidade está tomando conta do mundo corporativo...**Exame**. São Paulo, ed. 758, jan. 2002. Disponível em: <<http://portalexame.abril.com.br/revista/exame/edicoes/0758/gestao/m0050467.html>>. Acesso em: 11 nov. 2008.

DAVEL, E. P. Barreto; VASCONCELLOS, João Gualberto Moreira de. (Orgs). **Recursos Humanos e Subjetividade**. Petrópolis: Vozes, 1995.

DORNELLES, Geni de Salles. **Metagestão**. A Arte do Diálogo nas Organizações. São Paulo: Saraiva, 2006.

DROGERS, André. Espiritualidade: o problema da definição. **Estudos Teológicos**, v. 23, n. 2, 1983.

DUFOUR, Dany-Robert. **Le divin marché, la révolution culturelle libérale**. Paris: Denoel, 2007.

ENRIQUEZ, Eugène. In: DAVEL, E. P. Barreto; VASCONCELLOS, João Gualberto Moreira de. (Orgs). **Recursos Humanos e Subjetividade**. Petrópolis: Vozes, 1995.

FARIA, Paulo Sérgio de. **CREMP- Consultoria Religiosa Empresarial**. Espiritualidade Empresarial: uma ferramenta a mais para se atingir os objetivos da empresa. Disponível em: <<http://cremp.blogspot.com/>>. Acesso em: 10 dez. 2008.

\_\_\_\_\_. **CREMP- Consultoria Religiosa Empresarial**. Espiritualidade Empresarial: uma ferramenta a mais para se atingir os objetivos da empresa. Disponível em: <<http://cremp.wordpress.com/>>. Acesso em: 10 dez. 2008.

FIORES, Stefano de; GOFFI, Tullo. (Org). **Dicionário de Espiritualidade**. São Paulo: Paulinas, 1989.

FREITAS, Verlaine. Adorno & a Arte Contemporânea. **Filosofia Passo a Passo**. n. 17. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

GONDIM João F. Neto. **A espiritualidade nas organizações empresariais**. Disponível em: <[http://www.joaoneto.com.br/index.php?option=com\\_content&task=view&id=149&Itemid=35](http://www.joaoneto.com.br/index.php?option=com_content&task=view&id=149&Itemid=35)>. Acesso em: 10 dez. 2008.

GRACIOSO, Francisco. A Virtude (quem diria) Paga Bons Dividendos. **Revista da ESPM**. São Paulo, v. 14, n. 1, p. 52-57, jan. 2007.

HIGUET, Etienne Alfred. Saúde, Cura e Salvação no Pensamento de Paul Tillich. Sociedade Paul Tillich do Brasil. Disponível em: <<http://www.angelfire.com/sc/paultillich/artigo3.html>>. Acesso em: 25 nov. 2008.

HORKHEIMER, Max. **Eclipse da Razão**. São Paulo: Centauro, 2007, p. 29. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Raz%C3%A3o\\_instrumental](http://pt.wikipedia.org/wiki/Raz%C3%A3o_instrumental)>. Acesso em: 03 nov. 2008.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Melo (Orgs.). **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

JOSGRILBERG Rui de Souza. Ser e Deus: como Deus é recebido, por revelação, em nossa experiência? **Estudos de Religião**, n. 10. Paul Tillich: Trinta Anos Depois. São Bernardo do Campo: Instituto Metodista de Ensino Superior, 1995.

KIVITZ, Ed René. **Espiritualidade Corporativa**. O desenvolvimento espiritual é a porta de acesso não apenas à transformação pessoal, mas para a revolução mundial. Disponível em: <[http://www.bomlider.com.br/artigos\\_ver.php?tp=4&cod=60](http://www.bomlider.com.br/artigos_ver.php?tp=4&cod=60)>. Acesso em 30 jan. 2008.

\_\_\_\_\_. **Espiritualidade no Mundo Corporativo**: aproximações entre a prática religiosa e a vida profissional. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2007. Disponível em: <[http://ibict.metodista.br/tedeSimplificado/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=593](http://ibict.metodista.br/tedeSimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=593)>. Acesso em: 30 jan. 2008.

\_\_\_\_. **Outra Espiritualidade**. São Paulo: Mundo Cristão, 2006.

KURATH, Eliete. **A Espiritualidade e a Gestão das Empresas no Século XXI**. Novo Hamburgo: Centro Universitário Feevale, 2003.

LOURES, Rodrigo. **Revista da ESPM**. São Paulo, v. 14, n. 1, p. 103, jan. 2007.

LUCCA, Élcio Anibal. As 100 Melhores Empresas. Porque Ela é a Melhor. A Serasa, campeã da lista, é uma empresa que se pauta pela filosofia cristã... **Revista Época**. Entrevista concedida a Gisela Sekeff. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDR75157-6012,00.html>>. Acesso em: 21 nov. 2008.

MAAR, Wolfgang Leo. A perspectiva Dialética em Adorno e a Controvérsia com Habermas. **Trans/Form/Ação**. São Paulo, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/trans/v25n1/v25n1a07.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2008.

MATOS, Gomes Francisco. Indicadores da Empresa com e sem Alma. **Revista da ESPM**. São Paulo, v. 14, n. 1, p. 70-74, jan. 2007.

MO SUNG, Jung. **Capitalismo, pecado estrutural e a idolatria**. Disponível em: <[http://www.bomlider.com.br/artigos\\_ver.php?tp=4&cod=388](http://www.bomlider.com.br/artigos_ver.php?tp=4&cod=388)>. Acesso em: 30 nov. 2007.

\_\_\_\_. **Deus Numa Economia Sem Coração**. Pobreza e Neoliberalismo: um desafio à evangelização. São Paulo: Paulinas, 1992.

MOGGI, Jair. A Espiritualidade é o Grande Capital Desta Era. **Portal de Administração**. Disponível em: <<http://administracao.memmes.com.br/jportal/portal.jsf?post=5432>>. Acesso em: 12 nov. 2008.

MONTEIRO, Dulcinéia da Mata Ribeiro. Espiritualidade e Saúde na Sociedade do Espetáculo. **O mundo da Saúde**, São Paulo, p.202-213, abr. 2007.

MONTERO, Paula. **Magia e Pensamento Mágico**. São Paulo: Editora Ática, 1986.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2000.

MUELLER, Enio R. Contatos e Afinidades de Paul Tillich com a Escola de Frankfurt. **Correlatio**, n. 04. Disponível em: <<http://www.metodista.br/ppc/correlatio/correlatio04/contatos-e-afinidades-de-paul-tillich-com-a-escola-de-frankfurt>>. Acesso em: 27 nov. 2008.

\_\_\_\_. **Teologia Cristã em Poucas Palavras**. São Paulo: Teológica, São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 2005.

MURAD, Afonso. **Gestão e Espiritualidade**. Uma Porta Entreaberta. São Paulo: Paulinas, 2007.

NAIDITCH, Suzana. Deus e Negócios. Dá para misturar espiritualidade e riqueza?... **Exame**, São Paulo, ano 35, n. 15, p. 76-79, jul. 2001.

NEVES, Carlos. Espiritualidade nas Empresas... **T&D**. São Paulo, ed. 64, p. 28-32, abr. 1998.

NUCCI, Celso. Espiritualidade das (nas) Empresas. **Revista da ESPM**. São Paulo, v. 14, p. 28-34, jan. 2007.

O'DONNELL, Ken. **Revista da ESPM**. São Paulo, v. 14, n. 1, p. 96, jan. 2007.

OLIVEIRA, A. **Espiritualidade na Empresa, Sem Religião na Empresa**. Disponível em: <[http://www.canalrh.com.br/Mundos/colunistas\\_artigo.asp?o={FBB09087-0C11-4998-8B69-C60F41943D6}](http://www.canalrh.com.br/Mundos/colunistas_artigo.asp?o={FBB09087-0C11-4998-8B69-C60F41943D6})>. Acesso em: 12 nov. 2008.

PALMER, Tom G. A Superioridade Moral do Mercado. **Revista do XXI Fórum da Liberdade**. Agora, o Mercado é o Mundo. Edição Pós-Evento. Porto Alegre: Instituto de Estudos Empresariais, 2008, p. 37. Disponível em: <[http://www.ordemlivre.org/tpalmer-a\\_superioridade\\_moral\\_do\\_mercado](http://www.ordemlivre.org/tpalmer-a_superioridade_moral_do_mercado)>. Acesso em 10 jun. 2008.

POPPER, R. Karl. **A sociedade aberta e seus inimigos**, vol. 2, 3ª ed., São Paulo: Itatiaia-USP, 1987. In: MO SUNG, 1992, p. 56. A expressão inglesa *laissez-faire*, literalmente, significa “deixar passar”, “deixar ir”, “deixar fazer”.

RACINE, L. **El Evangelio Segun Paul Tillich**. Madrid: STVDIVM Ediciones, 1971.

REGO, Armênio; SOUTO, Solange; CUNHA, P. Miguel E. Espiritualidade nas Organizações, Positividade e Desempenho. **Revista Eletrônica de Administração de Empresas**, v. 6, n. 1, jan.-jun. 2007. Disponível em: <<http://www.rae.com.br/eletronica/index.cfm?FuseAction=Artigo&ID=3840&Secao=ARTIGOS&Volume=6&nNumero=2&Ano=2007>>. Acesso em: 30 jan. 2008.

\_\_\_\_\_. Espiritualidade nas Organizações, Positividade e Desempenho. **Comportamento Organizacional E Gestão**, v. 13, n. 1, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/cog/v13n1/v13n1a02.pdf>>. Acesso em: 4 set. 2008.

RESTREPO, Luiz Carlos. **O Direito À Ternura**. Petrópolis, Vozes, 2001.

**Revista da ESPM**. São Paulo, v. 14, n. 1, p. 94-108, jan. 2007.

RIBEIRO, Claudio de Oliveira. Teologia no Plural: Fragmentos biográficos de Paul Tillich. **Correlatio**. n. 3. São Bernardo do Campo. Universidade Metodista de São Paulo. Disponível em: <<http://www.metodista.br/ppc/correlatio/correlatio03/teologia-no-plural-fragmentos-biograficos-de-paul-tillich/>>. Acesso em: 12 nov. 2008.

\_\_\_\_\_. Lo que un cristiano necessita saber sobre la teología de la prosperidad. **Caminhando**, v. 12, n. 19, jan.-jun. de 2007.

RIBEIRO, Helena. **QS - Inteligência Espiritual nos Negócios**. Disponível em: <[http://www.administradores.com.br/artigos/qs\\_inteligencia\\_espiritual\\_nos\\_negocios/13335](http://www.administradores.com.br/artigos/qs_inteligencia_espiritual_nos_negocios/13335)>. Acesso em 11 nov. 2008.

ROBBINS, Stephen. **Fundamentos do Comportamento Organizacional**. 7ª ed. São Paulo: Prentice Hall, 2004.

SANTARÉM, Robson. **Espiritualidade Corporativa: vencendo a barreira física**. ABRH-Blumenau, 2007. Disponível em: <[http://www.abrhbnu.com.br/noticia/noticia\\_detalhe.php?COD\\_NOTICIA=1250&TIP\\_NOTICIA=3&ANO=2007&PHPSESSID=6548a5f293ebdd110ba7b970bba19bfb](http://www.abrhbnu.com.br/noticia/noticia_detalhe.php?COD_NOTICIA=1250&TIP_NOTICIA=3&ANO=2007&PHPSESSID=6548a5f293ebdd110ba7b970bba19bfb)>. Acesso em: 29 jan. 2008.

SANTOS, Joe Marçal Gonçalves dos. A Teologia da Cultura. In: MULLER, R. Enio; BEIMS, W. Robert. **Fronteiras e Interfaces**. O Pensamento de Paul Tillich em Perspectiva Interdisciplinar. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

SCHWERINER, Ernesto René Mario. **Revista da ESPM**. São Paulo, v. 14, n. 1, p. 98, 99, jan. 2007.

SERRA, Floriano. **Deus Trabalha em Sua Empresa?** Disponível em: <<http://br.geocities.com/revistaacademica/trabalho/11020706.html>>. Acesso em 18 fev. 2008.

\_\_\_\_\_. **Existe Magia no Trabalho?** Disponível em: <<http://br.geocities.com/revistaacademica/trabalho/03090709.html>>. Acesso em: 18 fev. 2008.

SILVA, Antonio Almeida Rodrigues da. Teologia da cultura: a essência do incondicionado nas multiformes expressões culturais. **Correlatio**. Disponível em: <<http://www.metodista.br/ppc/correlatio/correlatio09/>>. Acesso em: 25 nov. 2008.

SILVA, Daniel Ribeira da. **Adorno e a Indústria Cultural**. Disponível em: <[http://www.urutagua.uem.br//04fil\\_silva.htm](http://www.urutagua.uem.br//04fil_silva.htm)>. Acesso em: 10 dez. 2008.

SILVA, Natanael Gabriel da. Espiritualidade e Fé: Pressupostos Ontológicos em Paul Tillich. **Correlatio**, São Paulo, UESP, 2004. Disponível em: <<http://www.metodista.br/ppc/correlatio/correlatio06/espirtualidade-e-fe-pressupostos-ontologicos-em-paul-tillich/>>. Acesso em: 18 nov. 2008.

SIQUEIRA, Deis. O labirinto religioso ocidental. Da religião à espiritualidade. Do institucional ao não convencional. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 23, n. 2, p. 425-462, 2008.

SMITH, Adam. **A Riqueza das Nações**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

SOLOMON, Robert. **Espiritualidade para Céticos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

THE STORY of Stuff. Escrito por Annie Leonard. Direção de Louis Fox. Produção de Erica Priggen. EUA: Free Range Studios. Tides Foundation & Funders Workgroup for Sustainable Production and Consumption. 1 vídeo (20 min. 40s.). Disponível em: <<http://www.storyofstuff.com/>>. Acesso em: 18 dez. 2008.

TILLICH, Paul. **A Coragem de Ser**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.

\_\_\_\_\_. **Amor, Poder e Justiça**. São Paulo: Novo Século, 2004.

\_\_\_\_\_. **Dinâmica da Fé**. 6. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2001.

\_\_\_\_\_. **Filosofía de La Religión**. Buenos Aires: Asociación Editorial La Aurora, 1973.



\_\_\_\_. **Moralidad y Algo Mas**. Buenos Aires: Asociación Editorial La Aurora, 1974.

\_\_\_\_. **Teologia Sistemática**. 5. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

VASCONCELOS, Ferreira Anselmo. Espiritualidade no Ambiente de Trabalho: Muito Além do Fad-Management? **Revista da ESPM**. Espiritualidade nas Empresas. São Paulo, v. 14, ed. n. 1, p.112, jan. 2007. Disponível em: <<http://www.aomonline.org/>>. Acesso em: 12 fev. 2008.

VELLOSO, Gilberto. **Espiritualidade nas Empresas**. Disponível em: <<http://www.guiarh.com.br/PAGINA21H.htm>>. Acesso: 11 nov. 2008.

ZEUCH, Manfred. A Teologia Entre as Outras Ciências. **Simpósio**, v. 10, n. 47. São Paulo, ASTE, 2005.